

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

DANIELLE GUSS ANDRADE

**ENTRELINHAS COM MULHERES:
NARRATIVAS ENTRE CLÍNICA, MULHERES E LINHAS**

VITÓRIA – ES

2019

DANIELLE GUSS ANDRADE

**ENTRELINHAS COM MULHERES:
NARRATIVAS ENTRE CLÍNICA, MULHERES E LINHAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Figueiredo Louzada

Vitória – ES

2019

DANIELLE GUSS ANDRADE

ENTRELINHAS COM MULHERES:
NARRATIVAS ENTRE CLÍNICA, MULHERES E LINHAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dra. Ana Paula Figueiredo Louzada
(Orientadora)

Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros
(Membro Interno)

Dra. Raphaella Fagundes Daros
(Membro Externo)

Ms. Priscila Vescovi
(Convidada)

Vitória – ES

2019

No começo só havia a idéia. Depois o verbo veio ao encontro da idéia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo...

(Clarice Lispector, 1978)

AGRADECIMENTOS

A experiência nunca ganhou tanta força como agora. Fazer, fazer de novo. Viver. Duplo sentido. Passado e presente se contraem. Estar com gentes, entregentes, é deixar-se fluir entre muitas vidas. Entre mundos. Eu me sujei de mundos. Imersa em acontecimentos que se davam com Clarice Lispector, com Teresas, Veras, Jéssicas, Lucias, Natálias, Marcelas, Larissas, Adrianas, Anas, Alzenir, Michele, Anas, Carols, Karlas, Laras, Julias, Camilas, Rosanes, Vivianes, Grazielas, Priscilas, Betes, Alanas, Marias, Esnildas, Paulas. Foram muitas. Estranhava-me, ansiedades pulsavam em mim. Escrevia demais, fechava o computador: “saíram coisas grandes de mim”. Precisava assentar, produzir pausas. Outra história pulava em minha frente. Saio de novo correndo para meu diário de campo. No ônibus, na rua, na unidade de saúde, na clínica, no ônibus de novo.

Liguei o fone de ouvido e pensei (dentro do ônibus): “preciso parar de escrever narrativas”. Logo depois, senta uma mulher “louca” ao meu lado. Eu com o fone no ouvido e o pensamento diz: “chega Danielle”. Im-possível. Tiro o fone. Ela me pergunta: este ônibus vai para Vila Rubim? Digo: “vai sim.” Ela diz: “vou lá comprar o leite para o filho da puta do meu filho. Vou lá comprar o leite para o filho da puta do meu filho, repetia.” Eu digo: “tudo bem vá comprar. Vou descer antes, mas este ônibus passará sim.” Ela carregava uma mala enorme em mãos.

A minha mala se enchia. Eu ia embora.

Foi assim, foi algo assim, já que traduzir a experiência em palavra impressa mantém algo de enevoado, inexpressivo.

A escrita saltitante. A escrita aqui não se faz sozinha. Ela traz um corpo. Um corpo dançante. Um corpo aberto aos encontros. Um corpo inteiro que se dispunha ao outro.

Imaginei alguns percursos, fracassei em outros. Angustiei-me, sofri. Nasci.

Escrever desta clínica e com a literatura de Clarice foi à melhor frase da orientadora. Clínica e literatura. Simbiose-força.

Muitas mulheres tocaram minha pele. Cresci com todas.

Mãe, você é coragem. Investiu de si, cresceu e eu sou muito orgulhosa de você.

Cheli, amor define esta relação, amor que cuida, que ampara e traz força.

Paula ((Ana) Paula), nosso encontro iniciou-se em 2007. Numa turma, em movimentos, grupos, em provas, apresentações, textos. Este encontro me trouxe muitas escritas. Escrita solta. Não consigo escrita presa. Ana Paula obrigada por acolher esta minha forma, este meu modo ora ansioso, ora mais firme. Quero andar com os dois e você me permite ser.

Karla, você chegou e as palavras vindas de você faz-me erguer. Palavra-corte, palavra-escuta. Olho para você e me levanto, tenho força.

Carol, você me (des)orientou tanto neste mestrado, ouvia seus áudios, ouvia seus apontamentos, suas questões e escrevia. Saíam dez páginas, fluíam palavras. Você me sacudia!. E a escrita ganhava espaços nas folhas em branco.

Filha. Ana. Sua compreensão me ensina. Sua decisão sobre a vida me fortalece. Doce e afirmativa. Quanto eu aprendo com você. Você me transformou, virou do avesso, foi preciso. Há tanta coragem hoje em mim, agradeço a você.

Esnilda. Colo para acolher quando as coisas duras da vida sobrevêm. Colo e amparo. Poucas são as palavras para dizer a você o quanto sou grata por tudo que me fez. Há uma frase que acho digna: estar ao lado. Você soube fazer isto.

Gratidão Wanderson, pela parceria. Tecemo-nos em cuidados com a Ana, a casa, nosso trabalho, nosso modo, nosso amor. Tecemos um modo casamento

que permite o outramento, ampliação. Todos os modos não deveriam ser assim? Sim, todos. Mas vi muitos aprisionados, muita gente contraída. Seguimos expandindo.

Vini Crescemos juntos nestes últimos anos. Crescemos quando enfrentamos nossa história, história do nosso corpo de tudo que ele nos conta. Ganhamos perna juntos e isto foi tão bonito, podemos nos desnudar e estará tudo bem, e está.

Pai, força define esta vida. Esta educação. Força define o que me deu.

Divas, amigas que me dão espaço para construirmos um mundo, o nosso mundo.

Aos terapeutas:

Kely, com cuidado fez-me ver e produziu um olhar comigo e sobre mim mais forte, mais inquieto, com mais desejo de ampliação. Agradeço o olhar de colo, o aconchego nas palavras. Eu ia embora da sessão, mas a terapia continuava. Eu escrevia e escrevia.

Viviane, artista de novos mundos. Mundos em mim. Mãos fortes, palavras de contorno que me fizeram experimentar cambalhotas na grama, pupila dilatada, costas erguidas, risos e lágrimas soltas.

Luiz, eu me ergui depois dos encontros. Me reinaugurei.

RESUMO

O presente trabalho se propôs a pensar os modos de constituição de mulheres. Através de escritas em narrativas foi possível construir um caminho para compor um referencial teórico concomitante a literatura e clínica. Autores como Clarice Lispector, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Stanley Keleman, Regina Favre, Michael Foucault, Suely Rolnik foram se acoplando aos modos de alinhar prática e teoria. Encontramos nestes teóricos conceitos que corroboram com as experiências narradas, neste trabalho, como as linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga e o devir-mulher.

Palavras-Chave: Mulher. Clínica Narrativas. Linhas. Devir-mulher. Corpo. Cartografia. Literatura.

SUMMARY

The present work has proposed to think about the ways of constitution of women. Through writing in narratives it was possible to construct a way to compose a theoretical reference concomitant with literature and clinical practice. Authors such as Clarice Lispector, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Stanley Keleman, Regina Favre, Michael Foucault, Suely Rolnik have been engaging in ways of aligning practice and theory. We find in these theorists concepts that corroborate with the experiences narrated in this work, such as hard lines, flexible lines, escape lines and the devir-woman.

Keywords: Woman. Clinical. Narratives. Lines. Devir-woman. Body. Cartography. Literature.

INVENÇÕES OU COMO TECER PALAVRAS (SUMARIAMENTE)

| | |
|---|-----------|
| LIÇÕES EM UM ÔNIBUS..... | 12 |
| ATALHO | 14 |
| ENTRELINHAS COM MULHERES | 22 |
| O olhar com as Linhas | 25 |
| Um olhar ENTRE as LINHAS..... | 33 |
| Fragmentos – alinhavos | 35 |
| Astenia Muscular..... | 35 |
| Terapia do café - Linhas de fugas..... | 39 |
| Linhas de fugas - Plantando sementes..... | 42 |
| Mal estar | 46 |
| Comer palavras | 47 |
| Não use da força para acordar um corpo | 48 |
| In extremis..... | 49 |
| De fora para dentro..... | 50 |
| O corpo que nos querem..... | 51 |
| Insight-corpo..... | 53 |
| Encolhe-se..... | 56 |
| Cuido da vida | 57 |
| Como usar batom?..... | 58 |
| Reeducar afetos | 59 |
| Uma atenção fina | 60 |
| Produzir um corpo sem órgãos | 61 |
| Imagens que não goram..... | 62 |
| Sobre a fome..... | 66 |
| ECOS DE PENSAMENTOS – ANÁLISES QUE TRANSBORDAM AS ESTANTES | 67 |
| O que os encontros me trouxeram? | 78 |
| Vera, Massagista | 78 |

| | |
|--|------------|
| A casal | 79 |
| Com licença professor que eu quero lhe falar. | 80 |
| De quem você vai falar? | 82 |
| Quantitativo | 85 |
| Como carregar um nome | 86 |
| Nascimento..... | 88 |
| O grande luxo de viver..... | 90 |
| Cartas trocadas..... | 92 |
| Exercitar o COMO | 96 |
| Alteridade..... | 101 |
| Triste, Louca ou má..... | 102 |
| Devir-Mulher e Um sopro de Vida..... | 104 |
| O que se passou até aqui? A cartógrafa-escritora e sua expedição..... | 112 |
| Se a teoria não se acoplar a prática ela é fascista | 118 |
| Uma história de algumas mãos e olhares deste trabalho | 123 |
| As mulheres que se sentam à mesa | 123 |
| Um modo de se fazer – diálogos dispersos de uma orientação | 131 |
| A despedida e suas inquietações | 133 |
| Referências Bibliográficas | 136 |
| Inspirações..... | 141 |

LIÇÕES EM UM ÔNIBUS

Ela sai do trabalho, com a sombrinha em uma mão e a bolsa na outra, sacola nas duas. O trânsito intenso, as ruas cheias. A menina, sua filha, pergunta: mamãe, o que é trânsito? A mãe, querendo andar para frente, tenta, ainda, aperfeiçoar a explicação. Entram no ônibus às 18 horas, aproximadamente. A música do Chico não lhe sai da cabeça – “hoje a cidade acordou toda em contramão, homens com raiva, buzinas, sirenes, estardalhaço”¹. A música ia e vinha, ficava e parava. O ônibus cheio, elas em pé; as bolsas, também. A frente, três mulheres, que nunca se viram, soltam conversas. Corpos em pé, ouvidos cansados. Uma delas “era gorda, baixa, sardenta e de cabelos crespos”², segurava firme nas barras para não cair, tinha uma força. Sem riscos, irrompe a dizer de relacionamentos: não quero mais saber dessa coisa de ser casada, já tenho a experiência. Chegar em casa, lavar, cozinhar, depois de um dia de trabalho e o homem ficar em frente à TV, no sofá, com o controle remoto nas mãos? Isso já me basta. Oh, não dá para mim. Eu trabalho, ele também, e ainda ter de ficar sendo escrava de marido? O casamento assim, ohh!, eu não quero mais. Gosto do meu canto, da minha solidão. As mulheres envoltas escutam, viram amigas, contam segredos. Uma diz que está viúva; outra, escandalizada, pois diz que casamentos são de Deus e que ela será lapidada. A outra, ainda, diz que lapidada ela já é. Mulher tem de ser assim mesmo. Ficar servindo o marido é que não presta. Ainda chama o homem de traste, safado, que só quer ser servido. Ela usa tais expressões. Ela se solta. Um desabafo no coletivo. Elas se acolhem. A que está viúva ouve: Viúvo é quem morre, você está viva. Mas o luto ainda está vivo. Era tudo muito novo para ela, faz quatro anos da sua morte, ela conta. Há uma ao lado que fica à espreita. Só ouve. Ouve só. Ao chegar na estação onde todas descem, começam a ajeitar bolsas, sacolas, movimentar as pernas. Aquela mulher, “gorda, baixa de cabelos crespos”, solta: Ainda vou fazer um grupo só de mulheres, para a gente sair dali, ohh!, daquele lugar, dar um pensamento

¹Querido Diário, compositor: Chico Buarque de Holanda.

²Nesta dissertação utilizei – quase exaustivamente, como um fôlego – o livro de Clarice Lispector *A descoberta do mundo*, Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Para contemplar esta obra, feita por muitas crônicas publicadas no Jornal do Brasil, escolhi apresentar, em todas os momentos em que este texto comparece, o nome das crônicas, tão cuidadosamente atribuídos pela autora. Este fragmento em específico, Clarice intitula *Tortura e Glória* (p. 27).

diferente. Ela era negra, faxineira e tinha trinta e oito anos, “enquanto nós todas éramos achatadas”³.

³Clarice Lispector, “Tortura e Glória” (1999, p. 27).

ATALHO⁴

Escrevo à medida do meu fôlego
(Clarice Lispector, 1999)

Dando passagens aos movimentos de candidatura ao mestrado, lembro-me de cenas, como se estivesse com umas fotografias nas mãos, me emociono e decido contar. Escrever do que nos constitui é também escrever do quanto já não somos mais os mesmos, do como já nos tornamos outros. É bonito ver isto, estas transformações na vida, que nos tomam e nos assustam também. Então, eu vou permitir, não sem esforço, alinhar estas fotos-memórias e cheiros que me acompanharam.

Durante o percurso da graduação em psicologia percorrido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) experimentei encontros que me foram provocativos. Aulas que faziam movimentos no pensamento, no modo de encarar a vida, na escuta. Aulas que reverberavam numa aprendizagem que se dava no corpo,⁵ que envelopava na pele as mudanças operadas pela formação em psicologia. Aulas assim me instigavam, me deixavam atenta, conectada com o presente.

Lembro-me de estar na primeira turma de cotas sociais no ano de 2009. A turma era cindida, de um lado os cotistas, do outro os não cotistas, uma di-visão, algo se passava naquele grupo, margeando estranhezas de uma política⁶ afirmativa que garantia a entrada, mas não ensinava o jeito de habitar um espaço público.⁷ Em meio a divisão, sentava-me no meio.

Minha cadeira era exatamente neste limiar, era uma provocação sem saber, uma intervenção silenciosa de quem podia habitar os dois mundos, de quem

⁴ Este título faz referência a crônica *Em busca do Outro* de Clarice Lispector (1999, p. 118): “*E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.*”

⁵ Corpo é um conceito que será ampliado/trabalhado aqui para a dissertação.

⁶ Política enquanto ação na polis, ação no mundo.

⁷ Público enquanto uma política coletiva.

provocava a pensar que mundos dicotômicos não compõem a vida, mas a vida se faz e se dá com muitos mundos. E a psicologia começava a se compor em mim, num encontro, nas escritas, nas palavras. Tenho até hoje uma prova corrigida pela professora em que ela escreve: “Linda prova”. Era uma escrita provocativa, que me conduzia a expressar e criar com as palavras. Não há dúvida, a graduação em psicologia me constituiu outra.

Recordo-me das aulas de Dinâmicas de Grupos e Relações Humanas em que a professora apostava em outras formas-aulas como sentados ao chão na sala ou em cangas ao ar livre ou em aula que deveria ter acabado às 19h e foi até às 21h com efeitos até hoje em nós. Estes encontros eram o que me moviam, que faziam brilhar meus olhos e foram conduzindo o processo da graduação que se dava com mudanças vivenciadas nas composições e linhas traçadas durante estas aulas. Havia também algumas disciplinas bem distantes destes movimentos, como o próprio nome diz: dis-ci-plina, algo que não nos ampliava, mas reduzia a vida em aulas-cadeiras-quadros, Power points, professor e alunos enfileirados, moldes que não expandiam o aprendizado, moldes de uma educação bancária.⁸

Comecei a sentir ali os quão distantes e dicotomizados alguns professores conduzem as aulas: mente e corpo eram duas produções distantes, estudamos a mente, os seus processos, a aprendizagem, a atenção, memória como separados dos processos corporais. Os estudos em algumas perspectivas eram tão enquadrados nos moldes científicos que a consciência é algo específico de qualquer outro processo e merece ser estudada nos moldes da ciência que reduz e totaliza o cérebro como centro da vida. Estas formas não me eram provocativas (ainda que produzissem efeitos e como produziam).

Particpei de um projeto de extensão em uma escola de ensino fundamental em Cariacica/ES. Nela vivenciamos modos de ser aluno: sentados, com um comportamento único de se envolver naquele espaço. No recreio, não se podia

⁸ Paulo Freire discute sobre educação bancária no livro *Pedagogia do Oprimido* (1974). Este conceito é característico de um saber verticalizado onde há educador e educando, quem sabe x quem aprende. Há um depósito de conteúdos em quem precisa aprender.

correr. Era perigoso. Os movimentos deviam ser controlados, o aluno bom era o aluno que quanto mais sentado na carteira melhor. A escola era toda cimentada, não havia terra, ou outros lugares longe do concreto. Estive por ali cerca de um ano, percebendo os modos demasiadamente habituados, mecanizados, cumpridores de tarefas e funções. Percebia que vazavam já alguns desassossegos: professores doentes, estudantes cujos desejos pareciam não caber ali, pais cansados. Lembro-me do primeiro dia em que estivemos na escola para apresentar o projeto: a coordenadora nos avisava sobre as famílias “desestruturadas” e os efeitos dela na escola. Os alunos desta tal família eram os mais “problemáticos”, os que não aprendiam, os desinteressados e que precisavam de medicalizações e diagnósticos que justificassem seus comportamentos desajustados dentro do estabelecimento.⁹ Estas crianças iam para uma sala especial, com uma atenção para os rótulos que as constituíam.

A escola parecia almejar uma postura neutra, como se ela não tivesse suas mãos naqueles alunos, não percebia o quanto silenciava modos de se fazer viver, não ouvia e enquadrava os meninos e todas as suas potências que os constituíam. Ali os corpos eram embotados, desapareciam em um contexto que se privilegia alguns e excluem outros, dão vozes a uns e fazem calar outros. E o que era silenciado, voltava e se expressava em formas de desinteresses, corpos tristes, condenados a se transformarem em obsoletos. Lembro-me de uma menina de uns 7 anos que sempre chorava ao ver o professor de música. Uns diziam que ela era bicho do mato, outros que poderia ter sido uma possível tentativa de pedofilia pelo professor. Ninguém ouvia a menina, ela era pobre e negra. Ela chorava. Rotulada, desinvestida. Lembrava muito do texto: “quem são os meninos que fracassam nas escolas?”¹⁰ O texto afirma que em sua maioria eram negros e pobres. Temos um atravessamento de gênero, raça, classe econômica que se constituem como fatores para o sucesso ou não escolar.

⁹ Estabelecimento aqui é um conceito da análise institucional que descreve e diferencia estabelecimento de instituição. O primeiro refere-se a localização física, o prédio, a estrutura. Instituição refere-se aos processos que fazem emergir os instituídos e instituintes dentro de um estabelecimento. É possível maior compreensão dos conceitos no livro de Rene Lourau *A análise institucional* (1975).

¹⁰ CARVALHO, 2004.

Chego aos estágios no fim do curso em práticas corporais com o professor Nelson Lucero que foi se tecendo junto aos meus movimentos durante meu percurso. No grupo, a gente sentava no chão, conversava mais horizontalmente, deitávamos, encostávamos uns nos outros, sentíamos os nossos cheiros, vivenciávamos as escutas dos casos clínicos e também éramos imersos em práticas corporais. Estes deslocamentos em uma formação asséptica produziam corpos mais ativos e envolvidos. Atentos ao que se passava, cuidávamos de nós e do outro.¹¹

Com o que estava sendo experimentado, criávamos novos continentes, expandíamos e encolhíamos, dando passagens a novos mundos mais ampliados, mais inteiros com outras formas e movimentos que se faziam correr pelo corpo. Estas experimentações nos abriam ao nosso processo formativo, ao processo da vida, de como vivo, como me percebo, como enfrento ou não, como a forma ou o movimento do meu corpo se tensiona ou relaxa, adquirem força ou enfraquece. Tomamos o corpo como nosso oráculo.¹²

Quase com o diploma em mãos, tenho um exame de positivo de gravidez. Pesquiso sobre partos, nascimentos e encontro com todo contexto brasileiro de inúmeras cesáreas desnecessárias. Em busca do parto natural, sem intervenções, como: ocitocina, toques vaginais, episiotomias, processos muitas vezes utilizados desnecessariamente a fim de acelerar os partos e agilizar o trabalho de quem se envolve com os nascimentos. Os médicos agendam partos e lotam os hospitais as vésperas de natais, carnavais ou mesmo fora de feriados a fim de não correrem o risco de se ocuparem num parto de 30h ou mais. O que se passa neste processo é um distanciamento do conhecimento do próprio corpo da mulher e ao médico é dado o saber e poder de decidir quando, por onde, em que local, em que horas será feita a cirurgia para retirada do feto.

¹¹Cuidado de si e cuidado do outro são termos trabalhados por Foucault, aqui utilizo especificamente o texto *A ética do cuidado de si como prática da liberdade* (2004), o qual irei trabalhar nesta dissertação.

¹² Termo utilizado por Stanley Keleman no livro *O Corpo diz sua mente* (1996).

Em uma sociedade acelerada, os partos foram capturados por esta lógica. Eu seguia numa contramão desta construção. Falar em humanizar o parto me soa um tanto quanto esquisito, uma vez que não deveriam ser assim todos os nascimentos? Não deveriam ouvir à gestante e junto a ela produzirem contatos e conexões com o corpo de formas mais estreitas? Quando adentrei nestes terrenos, pude experimentar o quanto estamos distantes do nosso corpo, delegamos ao outro a função de falar por nós, pouco sabemos do que nos passa, do que nos ocorre. Vivemos tempos de produções em séries de cesarianas, procedimento que se tornou cirúrgico, medicalizado, cheios de intervenções médicas.¹³ Tive um parto respeitado, senti as dores, cada contração que vinha era um movimento de conexão com o bebê. Aprendi com a doula e com os exercícios, que se pode relaxar na dor, que a dor pode ser uma aliada, que ela pode ser bem vinda e para parir é preciso se re-partir. O parto como processo que nos liga a nós mesmos, nos ensina. O parto se constitui em outras lógicas que não estas do tempo cronológico, parir não tem tempo, não tem hora, não se sabe quando começa e quando termina. É um convite a uma experimentação de um outro tempo, do qual não estamos acostumados... além de nos convocar a estar com outras mulheres, falarmos de partos, de amamentação. Eu fiquei mais atenta a outras escutas, ao conhecimento das parteiras, da natureza, dos chás. Fui descobrindo um mundo tão velado, tão escondido. O mundo das mulheres. Os silenciamentos, a desqualificação, a patologização dos partos, as imensas justificativas desnecessárias para as cesarianas, o conseqüente distanciamento dos processos corporais vivenciados por uma gestante, a verticalização do saber médico e uma produção de ignorância a outros saberes que não validados pelo diploma médico. A mulher apenas precisa se submeter ao discurso do profissional, que insiste em falar por nós, colocando o saber masculino numa posição de superioridade.

Estas histórias-vivências foram me constituindo, me atravessavam. Vou me constituindo profissionalmente e o trabalho da clínica tomando uma forma. Chegam encomendas de mulheres, diagnosticadas com ansiedade, pânico, que se dizem com auto-estima baixa, medicalizadas, sufocadas, apressadas.

¹³ Sobre o tema, ver o documentário *O renascimento do parto* (2013), de Eduardo Chauvet e Érica de Paula.

Alguns estranhamentos me inquietavam e produziam um desejo de escrever, de pensar em construir algum caminho possível para o mestrado.

Permeada de outras histórias, com desejo de escrever e estudar em meio a mulheres, suas vidas, sobre as fissuras, o que escapa, o que adocece, o que cresce e produz vidas é que construí esta dissertação.

Mas como fazer? Como concretizar com o que ouço, vejo, falo, uma pesquisa? Volto-me ao começo, a algum ponto de tudo que fui me tornando. E então quero trazer re-cortes das constituições e encontros com mulheres sejam na clínica, no ônibus, nas redes sociais, nos encontros em um bar, na padaria, “na rua, na chuva, na fazenda, ou numa casinha de sapê”.¹⁴ Os desassossegos pelos coágulos do corpo, pelas vidas afoitas, pelo desenrolar de histórias que com outras palavras iam atravessando o corpo, soltando-o, deslizando e redesenhando outros solos me chamavam a atenção.

Poesias, cartas, pensamentos, estórias, narrações. Todos trazidos a uma escrita que se inventa e que pode tentar captar o que se passa nas entrelinhas. A proposta é ir reeducando a sensibilidade, como nos afirma Suely Rolnik, em *Cartografia Sentimental* (2011).

E o que Rolnik (2011) nos quer apontar? Ela nos conta que nos anos 1960, período marcado pelo início da ditadura militar no Brasil e em alguns países da América Latina há um bloqueio minucioso nos processos de criação, invenção, o que se quer neste período e que ficam marcados são formas padronizadas de modos de viver, toda e qualquer processo de expressão se operam sob os efeitos das estratégias de redução e desqualificação da expansão daquilo que atravessa o que ela chama de “corpo vibrátil”. É este quem é paralisado e debilitado pelo veneno, efeitos dos modos de subjetivação compostos pelo regime disciplinar, fordista, há ai uma política identitária que se constitui na produção de modos de viver. A autora citada quando traz o termo reeducação da sensibilidade, ela o chama de “programa” que seria uma “terapêutica social

¹⁴ Referência à música *Na rua, na chuva, na fazenda*, composta por Hylton.

para o mundo moderno”. E o que é isto? Ela traz estes termos junto ao pensamento de antropofagia trazido por Oswald de Andrade e que foi reativado pelo Tropicalismo como Movimento Antropofágico. A antropofagia é um movimento de questionar a política identitária, nela não há identificação absoluta, universal, mas há espaço para flexibilidade, improvisação, criação de novos territórios possíveis para se viver. A reeducação da sensibilidade está no movimento de afirmar a vida. E não reduzi-la ou totalizá-la.

Esta expressão foi-me tão preciosa. Como podia ser possível reeducar os afetos? Eu já reeduquei minha alimentação, minha rotina com os estudos, mas os afetos, a sensibilidade? Talvez seja comendo com delicadeza, bebendo com trepides, não satisfazer-me de afetos indigestos. É preciso ficar atento para não se empanturrar. Captar sutilezas colocá-las num prato e ir aos poucos apreciando seus cheiros, sabores e o que faz na pele pode ser caminho.

Penso que com o mestrado pude dar lugares, espaços, “receptionar um corpo sofrido que pede socorro e espaço para viver”.¹⁵ Das inquietações que me surgem em meio a elas. Tentar dar tempo às minhas indagações. E com a palavra trazer cores de modos de vidas, dar vida aos modos, desmontar os modos, reinventar. Clarice diz que “escrever é um modo de fracassar,”¹⁶ sim, é também um lugar de deixar correr as palavras e não chegar a precipitadas conclusões. É fracassar no que se vive, nas buscas de saídas, de respostas que não estão guardadas prontas a serem desveladas.

Neste processo, estou em vias de me constituir cartógrafa. Para Suely Rolnik, “o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (2011, p. 23). A cartografia é um fino atentar-se às transformações, ao desmanchar de certos mundos, e que se dá no acompanhar de processos que estão em contínuo em movimento.

¹⁵ PRECIOSA, 2010, p. 9.

¹⁶ LISPECTOR, *A entrevista alegre*, 1999, p. 127.

A frase “a formação do cartógrafo é o mundo,¹⁷” ressoa em mim, me deixa atenta, minha escuta nunca mais foi a mesma. Eu comecei a ouvir com olhos, com a boca, com o nariz, com os pés, com as mãos.

Teceu-se os caminhos desta pesquisa. Fui me formando, um processo de criar em mim um corpo sensível diante das multidões de pequenezas que a mim iam se encostando. Esbarravam, colavam, saíam, faziam correr lágrimas. Histórias de gentes. De mulheres. De corpos preenchidos por dores, por palavras, por arranhões, por (des)encontros.

¹⁷ POZZANA, 2013, p. 57.

ENTRELINHAS¹⁸ COM MULHERES

Quem revelará o mistério
Que tenha a fé
E quantos segredos traz
O coração de uma mulher?
Como é triste a tristeza
Mendigando um sorriso
Um cego procurando a luz
Na imensidão do paraíso

(CESAR AUGUSTO, CLAUDIO NOAM)

Este trabalho começa a ganhar um suspiro, por estas escritas que o leitor percorrerá abaixo. Quando me candidatei ao processo de mestrado, apresentei um projeto de pesquisa. Nele haviam inquietações das mulheres que eu acolhia em consultório, as quais vinham diagnosticadas e medicalizadas. Estas foram as primeiras pistas que me trouxeram para este percurso. O que eu tinha eram estes resquícios, incômodos de um certo modo de se produzir mulher. Um certo formato demarcado, forma dura e que produziam adoecimento, assujeitamento e uma desqualificação daquelas que atravessavam meu percurso profissional acompanhadas por um mal estar. Era tudo que eu tinha. Eu não sabia como iria escrever com isto. Como falar destas histórias, com muito cuidado, com ética para não expor o que a mim era contado, o que a mim era transbordado. Eu não sabia, de fato, como contar. Tive crises. Tive angústias, me contraí. Extrapolava na minha pele ansiedade, exalava uma menina sem jeito, uma mulher perdida. Eu lia, lia, devorava os textos e não saía de mim algo que eu pudesse dar um chão. Comecei a escrever o referencial teórico, dar conexões ao pensamento e a escrita ficou dura. Enrijecimento. Pernas atentas, mas firmes. Eu corria. Crises, respiração aflita. A orientadora dizia: escreve, diz sobre qualquer coisa, mas E-S-C-R-E-V-E. Era uma ordem de quem precisava soltar, deixar vazar algo. Qualquer coisa era muito para quem corria e queria se alimentar de textos, de um turbilhão de palavras, de teorias, de formas.

*

¹⁸Titulo inspirado em Clarice Lispector, “mas já que se há de escrever, que ao menos não esmaguem as palavras nas entrelinhas” (1999, p. 247).

A professora disse para ler Donzelot, Foucault, Deleuze, Guattari. Muitas leituras, muitas frases, muitos parágrafos. Muitos homens. Tudo distante, sem sentido, mas cobra-se, pois sentido ali haveria de ter.

Um dia, a professora olhou para ela e disse: “estuda Clarice, faz a clínica com Clarice.” Foi ler, e havia mundos em frases. Sutilezas em palavras, bifurcações na vida. Ela lia, sentia, percebia, desmanchava, desabrochava. O que se lê, floresce e “depois se pode pegar com as duas mãos.”¹⁹

Então, ela escreve. E vai se salvando, salva palavras afogadas, palavras que viraram doenças, palavras que constituem corpo. Escrever é ir mostrando ao outro tudo que ele disse, o quanto de palavras estava cheio. O quanto de palavra estava à alma. O outro pode ver e pode ser de liberdade.

Escrever é exposição, uma galeria de artes de mulheres pelo mundo. Não terão fotos, rostos, corpos. Terão escritas que constituem vidas. Terão palavras malditas, não ditas, efeitos, tremores, palavras vômitos. Todas captadas com sutilezas e sensibilidades. Será a arte de quem sente, registradas por quem ouve. Só palavras. Seus efeitos, durações, resvalos.

A dor de escrever uma dissertação será composta por palavras do outrar-se. Habitada por mundos.

*

A crise foi tomando seus contornos. Foi se ajeitando e ganhando saídas. A crise, com suas dores, apertos, contrações, ansiedades, pode produzir um assentamento, um organizar de uma produção. A crise não vem sozinha, traz junto um sair do lugar. Provocadora de *A descoberta do mundo*.

E aqui trago o título do livro de Clarice que muito andou comigo: *A descoberta do mundo* (1999). Andou? O livro que fala, que ressoa no meu corpo

¹⁹ LISPECTOR, *Delicadeza*, 1999, p. 143.

possibilidades de/na escrita na produção de uma clínica. Livro que portou tanta delicadeza na composição de uma mestrandagem-fotógrafa de falas, corpos, rostos, cheiros, vozes, olhares, mãos, pés.

Nunca mais fui a mesma, atento-me às sutilezas nas clínicas: no ônibus, na rua, na janela.

Sou uma mulher, sou uma pessoa, sou uma atenção, sou um corpo olhando pela janela. Assim como a chuva não é grata por não ser uma pedra. Ela é uma chuva. Talvez seja isso que se poderia chamar de estar vivo. Não mais que isto, mas isto: vivo. E apenas vivo é uma alegria mansa (LISPECTOR, 1999, p. 99).

O OLHAR COM AS LINHAS

Leitor, esta dissertação, neste primeiro momento das escritas, delinea algumas demarcações teóricas. Com elas fui me acoplando e me tornando psicóloga-pesquisadora-apreendedora das capturas com as quais escrevo estes encontros.

Algo que me interessava e me movia. tratava-se do conceito de linhas propostas por Deleuze e Guattari (1996). Linhas enquanto relações de forças que se emaranham com as vidas, constituídas em sociedade e que esboçam nos corpos seus processos de subjetivação. Chamamos de processos, pois não há uma subjetividade constituída como essência em um sujeito, algo “dentro” que precisa ser resgatado. Há atravessamentos entre sujeitos e socius.

Estes emaranhados são trazidos pelos autores em três linhas que compõem nossas relações, temos em primeiro lugar as linhas de segmentaridade dura. Não são caracterizadas como boas ou ruins. Os autores não fazem estas afirmações. As linhas duras são segmentos, padrões estabelecidos, porvir de mulheres, modos de ser mulher, normatizações. Estamos envoltos disto. Não há quem escape. Os autores apontam: “de forma alguma é uma linha de morte, já que ocupa e atravessa a nossa vida e finalmente parecerá sempre triunfar” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 67). Elas estabelecem normatizações, enquadram, apreendem, delimitam contornos e garantem a fixidez de identidades e também de sentimentos, pois estes também tornam-se segmentarizados, compartimentados, de modo que se encaixam em bons ou ruins, bons ou maus. São fluxos de linhas que mantêm lugares, comportamentos previstos.

Nas linhas duras pode haver estancamentos dos desejos, caso elas encarcerarem o corpo num aprisionamento e o endurecerem a ponto de só se enrijecer, de não ir e vir, de fixação, da qual não se há desmanchamentos.

As linhas de segmentaridade duras atravessam todo contexto social. Sem elas há o caos, sem elas estamos sem contornos. Estejamos atentos aos modos de

se fazer mulher. Há modos e não o modo. Há jeitos, desfeitos e refeitos. Temos composições com outras linhas que também são constituintes de sujeitos. Não somos segmentados apenas por constituições binárias, de dualidades, somos também envoltos por linhas flexíveis e também de fugas. Falemos mais delas. Entendendo que “as três linhas não param de se misturar” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 70). Elas seguem emaranhadas, sempre se misturando uma a outra. Podemos estar numa linha, fixos, quando de repente irrompe em nós outras. Necessitando de montagens, reestabelecendo contatos, fazendo outros fluxos, compondo outros modos de subjetivação.

Tomemos como plano de análise as mulheres e as práticas clínicas. Tomemos a clínica esquizoanalítica. Quando se chega ao processo terapêutico, percebo que as linhas duras se sobressaltam. As segmentaridades estão duras e ressecadas.

Veja bem, vou lhe contar: uma mulher negra, envolta por questões raciais durante sua vida. “*Músculos endurecidos?*” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72). Seu espaço geográfico circulava por movimentos estáveis, bem discriminados. São biografias de histórias cheias de marcas desenhadas por olhares enviezados, desatentos, negados, reduzidos.

A clínica é um passar entre as linhas. As linhas duras são também finitas, elas organizam um território, um espaço, mas se podem desfazer, pois geograficamente o mundo está em movimento. Há sempre escapes que vão formando novas constelações, novos chãos. Prestemos atenção leitor, um cuidado. Novos fluxos vem, abalos, alguns desembaraços que tomam de assalto e sustos os movimentos que por ora estavam “seguros”, firmes. Desmanchar desenhos de vidas contornadas, nem sempre se darão por passagens que se constituem enquanto força. As rupturas também podem causar estranhamentos. E muitas vezes vemos o desejo de retorno, retorno ao mesmo, ao antes já conhecido, já estável: “prefiro ficar quieta em casa, sem sair a rua, sem ter que ouvir e ver olhares sobre mim”, diz a mulher.

Lembremos: somos geografia. Movemo-nos. Não há espaço que se fixe. As coisas racham. Rompem. Estejamos ao lado: “há microfissuras, como as de um prato, bem mais sutis e mais maleáveis, e que se produzem sobretudo quando as coisas vão melhor do outro lado”(DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 71).

Rolnik (2004) nos diz que a clínica é um pular de uma grama a outra. O terapeuta se coloca junto, com o outro. Não faz pelo outro, mas está com as rachaduras, as fissuras, as passagens.

Temos uma segunda linha (flexível) que se constitui nestes ires e vires, ela parece ambigua, ela é um entre a linha dura em que Rolnik (2011) chama de finita, visível, consciente, uma vez que se delimitam os muros, os sentimentos, as identidades, o sexo, a profissão. E está também entre a linha de fuga (invisível e inconsciente).

Esta segunda linha se constitui em cortes, vai se compondo com outros mundos, se desprendendo de lugares, promovendo solturas, gerando mutações. Para Rolnik (2011) há aqui uma angústia, pelo medo de não saber como será, medo de morrer, medo do novo, que para a autora se estabelece pela sua face ontológica. Há também o medo de constituição de credibilidade, do fracasso, de derrota, de legitimidade, de perder reconhecimento, caracterizado de face existencial. Como há lascas de desprendimentos gerado pelas passagens de outros afetos, outros desejos, tem-se uma face psicológica que se dá pelo medo de enlouquecer, uma vez que o ego se desprende de um lugar outrora confortável. Esta angústia é que será importante para que o novo fluxo ganhe passagens ou se estabeleça um movimento de fixidez, que gruda no já constituído. A angústia é energia da iminente mudança, do deslocamento de mundo novos, mutações que se dão em instabilidades.

Imagine leitora (leitor), o que se passa com mulheres em que o pensamento funcionou exclusivamente em um modo. Ali se estabelece um corpo. O corpo. Sente assim, ame assado. Vista-se assim. Um pensamento-corpo obediente. Guiado pelas linhas duras, um mapa social que é vigente. Com tendências a

conservação. É um pensamento que funciona dentro de uma lógica dicotômica: indivíduo x sociedade. As regras são ditadas por uma sociedade. Tem um plano que é o da lei, das regras, normas estabelecidas.

O que se passa aqui? Rolnik (2011) nos afirma que naquele plano temos mapas, delineamento de contornos, imagens reconhecíveis, são delimitações de sujeitos, constituições de si dentro de lógicas enquadrantes: gorda/magra, bonita/feia, negra/branca, cabelo bom/cabelo ruim. A moça que cresceu “gorda”,²⁰ quem se aproximava dela dizia: “nossa como você engordou”, vestiu-se por esta fixidez que carrega junto outros dizeres como: você é feia, está excluída, ninguém vai gostar de você. E assim esta mulher cresce, com poucos amigos, com todo um emaranhado de fios sufocantes que a levaram a tomar Reconter,²¹ medicamentos para dormir, outros para pânico. Você pode ver neste caso uma linha que se constitui dentro de uma biografia única, fechada, sem outros movimentos: a mulher gorda,²² artigo definido, totalizante.

A clínica então vai se constituindo também como geografias, uma cartografia das mulheres. Histórias elas já tem. Segmentos por todos lados. Burocratizando a vida, e neste caso da “mulher gorda”, as linhas se emaranharam terrivelmente. Propor uma clínica geográfica, que se estabelece por uma multiplicidade, como um rizoma,²³ que se desloca em outras direções, com artigos indefinidos, permitindo outras passagens, criações.

²⁰ Trago aqui histórias de uma das mulheres que compõem esta pesquisa.

²¹ De acordo com o site da Anvisa, este medicamento é para tratar casos de depressão. Visto em 02/11/18 às 07:00h em http://www.anvisa.gov.br/datavisa/fila_bula/frmVisualizarBula.asp?pNuTransacao=10544912015&pIdAnexo=2979412

²² Dissertação de Sara Moreira, *Corpos que transbordam em palavras e fotografias*, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

²³ Deleuze e Guattari trazem este conceito em, *Mil Platôs I*, 2004. Nele os autores propõem pensarmos em rizomas como algo que escapem como linhas para produzir raízes que se conectam com outras, produzindo fugas, outras rotas, outras direções. Ele não se produz em formas únicas, ele é anti-formas, ele é movente, se abre, se expande em diversas direções.

Pensar esta clínica esquizoanalítica²⁴ é pensar nestes movimentos incessantes. Nos processos nômades, nas andanças e deambular do corpo. Colocar-se na intercessão, trazer outras linhas que:

vêm ora da arte, ora da política, ora da filosofia, ora de outro domínio qualquer que esteja em processo de nomadização, transmutando-se em devir, sendo minoritário, rompendo-se enquanto totalidade, abandonando seus sujeitos-objetos disciplinados em prol da criação (PASSOS; BARROS, 2000, p. 78).

Uma escuta apoiada nos desembaraços das linhas é atuar na ampliação das lógicas binárias, para então reduzi-las ou eliminá-las, compor outras figuras que trazem escapes, linhas de fuga, capazes de fazerem novas conexões a fim de sair de confinamentos que cegam ou imobilizam pernas, impedindo o processo de agenciamentos mais produtores de sentido, menos inflado ao adoecimento.

Barros (1994, p. 379) aponta:

Aí estaria o trabalho que chamamos de analítico, aquele que não nega a molaridade dos modos de funcionamento, mas põe a funcionar outros modos, inventa fugas, penetra no plano molecular de constituição de outras formas. O singular emergiria, assim, do coletivo-multiplicidade, as identidades seriam convidadas ao mergulho na agitação das diferenças.

As linhas de fuga se compõem com criação, com invenções de lugares ora nunca existidos. São lugares que serão de passagens, contrução de outras formas, visa escapar de reducionismos, planos enquadrantes.

Mergulhar na agitação das diferenças nem sempre é um processo fácil, compor outros modos, trazer olhares outros que farão compor com novas paisagens pode gerar ainda mais endurecimento, uma vez que criar exige coragem para lidar com o invisível, o novo, o infinito.

²⁴ Trago neste trabalho a clínica esquizoanalítica trazida por Deleuze e Guattari, para esta dissertação utilizarei os conceitos de Linhas, Corpo sem órgãos e Devir que são importantes perspectivas que estes pensadores nos trazem para afirmar esta clínica e produção de um pensamento.

Olhemos o que Deleuze nos diz em sua aula:²⁵ *Finalmente a criação é o pânico, sempre. Quero dizer, é sobre linha de fuga que criamos, pois é sobre linhas de fuga que não temos mais certeza alguma, as certezas ruíram.*”

Pelo medo de despedaçar é que as linhas de fuga produzem angústia. Fica-se no meio, no entre. Linhas de fuga ou linhas duras. Há uma linha flexível. Neste caso é um estado instável como nos diz Rolnik (2011), pois vai provocando rachaduras aos estados vigentes. A linha flexível opera no movimento de territorialização. Ela fica no entra e sai. Naquilo que é consciente, visível, limitado ao inconsciente, infinito, sem contornos. Ela oscila. Vejamos aqui um caso. Mulher negra, trabalhadora, administradora, 35 anos, casada, tem 1 filho. Já foi demitida por preconceitos raciais, já foi olhada por olhares negativos, morou com uma tia que a fez de escrava. Chega a clínica com estes mapas. Não deseja sair de casa, quer trancar-se. Vejamos, passagens de afetos feitos em composição com estes mapas. O corpo foi composto por linhas duras, com pouco espaços para outras rotas. Um dia ela chega e diz: “estou levantando da minha cadeira de trabalho, levanto e quero que todos me olhem. Sinto-me mal. Sento novamente, tenho medo de morrer”. Até “certos mundos perderem sua credibilidade” (ROLNIK, 2011, p. 51) a ambiguidade entre ir e vir, explorar outros percursos, a angústia irá aparecer, pois “a angústia é energia da nascente de mundos.”

Compomos com Clarice (2009):

Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e, no entanto, não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal

25 O Anti-Édipo e outras reflexões – AULA de Gilles Deleuze [1980] (Legendado em PT/BR) vista em 02/11/2018 às 9:28h em <https://www.youtube.com/watch?v=wtbLZaOpmDQ>.

desorganização? E uma desilusão. Mas desilusão de quê? (LISPECTOR, 2009, p. 5).

A clínica, enquanto cartografia, cria condições para a escuta daquilo que opera nos sujeitos. Fica atenta aquilo que faz passar afetos no sentido do quanto cada um se permite deixar-se atravessar para encontros, se aventura ou se reduz aos espaços, se aprisiona a máscaras já obsoletas. Cartografar é habitar um território, ver o que faz e gera brilho.

Clarice, na citação acima, nos evidencia que perder a montagem humana, deparar-se com abalos e produções de mal-estar, são geradores de medo, pois lidamos com o inabitual **contra-pondo-se as** supostas identidades, ora calcificadas. Estamos lidando com as diferenças que nos tomam de assalto. Rolnik em *Mal Estar na Diferença*²⁶ diz que estes abalos fazem tremer nossos corpos, nos separando de nós mesmos, tentando dar lugar ao outro ao qual estamos em vias de se tornar. As linhas flexíveis, os abalos, espécie de vácuo, trazendo inquietação. Para ela “se as diferenças não continuassem a nos desassossegar, poderíamos ficar assim ad infinitum.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 2). Por elas nos convocarem, nos insitirem é que procuramos uma análise.

Uma análise nesta perspectiva visa a cuidar daquilo em que vamos nos tornar. Em que estamos a nos diferenciar. Abrimos as linhas e procuramos desembolá-las para a produção de novos encontros, outras rotas. O inconsciente não se trata de depositário de um teatro edipiano (DELEUZE, GUATTARI, 2010). O inconsciente não trabalha sobre a perspectiva familiar apenas, ele é múltiplo, é uma fábrica, uma máquina de produzir.

A ênfase, deste modo, não está em o que somos, mas o que estamos a nos diferenciar. Sustentar a diferença para que ela não sucumba ao medo e retorne

²⁶ Consultado em <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf> no dia 02/11/2018 às 10:48h.

em linhas duras: “o perigo é que as diferenças acabem não fazendo diferença” (RONILK, 1995, p. 3).

O desafio da esquizoanálise está em detectar que processos estão entretendo as passagens para o desenho de uma outra figura, um outro território. E ao mesmo tempo afirmar a singularidade enquanto potência, numa produção de devires inéditos, inventivos de mundo.

Calar ou dar voz aos abalos das montagens humanas? Reiterar modos de subjetivação dominantes ou permitir espaços para as singularidades? Questões pertinentes ao cartógrafo atento aos universos singulares que se criam em cada existência.

UM OLHAR ENTRE AS LINHAS

A escrita nos conduz a lugares. Uma escrita é uma porta que nos permite conhecer caminhos. Estejamos aqui, com calma. Apreciando onde os caminhos da escrita-corpo nos levarão. Já que se é para escrever, não vamos nos perder nas entrelinhas. Muito pelo contrário. Vamos nos ater a elas. Elas nos darão pistas.

Este é um trabalho para quem gosta dos “entres”. A escrita aqui capturou os movimentos minuciosos, trazidos pelo corpo inteiro. Ao sabor das experimentações aos quais as linhas me levavam fui me tornando estrangeira ao que encontrava nas costuras. Primeiro percorri os entres que me levaram as linhas. Entre-linhas. Não sei leitora se de fato foi nesta ordem. Afinal não nos é possível perguntar o que vem primeiro, como se houvesse uma cisão entre prática e teoria. Como concebemos a produção de conhecimento e de mundos como coengendramento entre ambas, posso apenas afirmar que fui sendo conduzida pelos fragmentos. Deixei-me, com rigor, conduzir e ser conduzida, no tateio de desmanchamento de uma escrita dicotomizada, que visa sistematizar em uma linha reta os acontecimentos.

Neste trabalho fui tomada por surpresas, pois encontrei não apenas uma linha reta, mas LINHAS de muitos modos. Era preciso dar atenção a estas tecituras, seus fragmentos. Esta dissertação é composta por fragmentos, no intuito de abordar recortes e não totalidades.

Foi um trabalho coletivo, de muitas mulheres, composto por muitos dedos, composto com vísceras, bocas amargas, cheiros doces, suor, peles secas, enrugadas. Cabelos lisos, cacheados. Cabelos crespos. Amarrados. Mãos na testa, na barriga. Dores de barriga. Menstruação. TPM. Humor. Partos. Amamentação. Ocitocina. Colostro. Puerpério. Divórcios. Maridos. Filhos. Trabalhos. Chefe. Dona de casa.

Com apenas um caderno, um diário azul, captei por aí alguns estranhamentos, alguns desassossegos, algumas lágrimas, algumas frases, alguns objetos vívidos que possibilitam o “flagrante delito de fabular”.²⁷

Clarice entrou intensivamente nesta conversa; Clarice é uma intimação por fazer coletivamente escritas com paisagens, histórias, fatos, desencontros serem expostos e narrados. Fazendo o leitor vivenciar o dito, experimentar sutilezas, demoras e ainda provocando no corpo quebras.

Compomos este trabalho com a literatura de Clarice, pois com ela aprendemos sobre as experiências, as imagens, os sobressaltos que os acontecimentos podem nos produzir. Este texto, suas narrativas, a literatura se compuseram no estar na experiência, poder senti-la, saboreá-la, degustá-la, numa tentativa de viver o que precisa ser vivido, de fugirmos das informações que nos dão números, dados. Trazer as imagens e poder senti-las requer uma atenção, envolvimento e uma pausa para que os afetos transbordem.

²⁷ DELEUZE, 1992, p. 157.

FRAGMENTOS – ALINHAVOS

ASTENIA MUSCULAR

Quando ela chega ao consultório, vem sem demora, entra, senta. Há um vigor em sua fala, em sua disposição, no tom de sua voz. Há uma dinâmica que a faz ser firme em suas decisões e caminhos.

Enquanto conversamos, percebo meu corpo, minhas estabilizações e desestabilizações, quando mudo de lugar, quando me conforto ou quando desassossego.

No convite a olhar o que se passa, ela dispara: Eu anestesiiei. Silenciei meus afetos. Procurei não falar, não fazer questão, não expor, não dialogar; foram caminhos para continuar na travessia, fingir que não havia incômodos, enganar-me. Mas enganar a quem?

Sabotei a mim mesma enquanto tudo se passava ao meu redor. Não quis enxergar, não quis mais ver o que era óbvio para mim. Negar foi uma solução para seguir vivendo, uma forma de iludir. Iludir com a vida que eu pensava que poderia ser, mas que não foi. Entregar o corpo a uma verdade é não dar garantias, é desorientar-se. Prefiro um lugar seguro-iludido.

Meu corpo traz minhas montagens: monto-me anestesiada, prefiro não sentir e me sentir, finjo que não vi (com os olhos!). O corpo vê pelas mãos, pela pele, pelo cheiro.

Então, no corpo já não cabem mais anestésicos.

Modo invisível

Entristecida, embotada, só trazia nos lábios um batom vermelho numa boca sem sorriso. Começou a falar. Sentada, sem muitos gestos, um corpo apagado, enfraquecido. As palavras começam a correr junto às lágrimas. Palavras, frases, respiração misturam-se e emergem no acontecimento clínico.

Eu ouço, observo, olho, me aquieto, sinto uma desorientação, um vazio, um lugar confuso. O que emerge já estava ali há alguns anos, um corpo foi se constituindo de forma silenciada. Sem importância, o corpo vai se tornando invisível nas relações que compõe.

Como dar lugares ao que foi anulado? Ao que não viveu? Como produzir na clínica novos abrigos, capazes de deixar o desejo correr e sentir corporificando junto a ele novas constituições?

.....

Linhas duras

O corpo: Tireóide (hipotireoidismo), supra renal produziu muito cortisol e adrenalina, hoje não produz mais, muita anemia.

Sente cansaço, afirma estar muito exausta. Segurou muito tudo que vive. Como ela diz: A mulher de ferro se cansou. Sempre estive no *front* de batalha, lutando por tudo e por todos. Desprotegeu-se, adoeceu (a dor a venceu?).

Ciranda da equilibrista – linhas flexíveis

Ela disse que precisa ser equilibrada. Perguntei se, por acaso, a vida é corda bamba, ando por cima e há um espetáculo me olhando. Perguntei-lhe onde se fazia a vida. Respondeu-me que a vida se dá no palco e na plateia. O palco se mistura à plateia. Um não se descola do outro. Só há outro se houver um. Hora sou platéia – observo, encanto, aplaudo, choro – hora me exponho, faço peça, arranco lágrimas, solto risos. Nem sei se sou palco ou plateia. Vou sendo... E Elis cantava: “dança na corda bamba de sombrinha e cada passo dessa linha pode se machucar”.²⁸

.....

²⁸“O bêbado e a equilibrista”, letra de João Bosco e Aldir Blanc.

Terapia do café – Linhas de fugas

Enquanto tomavam café juntas, ela segurava um rolo de crochê cinza, linda cor. Com a agulha ia tecendo um pequeno caminho de mesa, coisa delicada, fazia cada passo com cuidado. Não paravam de conversar, tecia, conversava, tomava café numa caneca com muitas borboletas azuis, vermelhas, verdes. Ela desenrolava a linha e soltava a voz. Foi falando, construindo um jeito todo de falar que o marido tinha escondido sua linha, pois ela não prestava atenção nele enquanto costurava suas coisas. Ela disse que tinha um nó na garganta e a cada linha que soltava nos fios que iam tecendo sua produção, saíam mais palavras, soltava-se o aperto na garganta. Puxava a linha e dizia “como eu gosto de passar o ponto”, levava a linha lá em cima, desenrolando falas, soltando o novelo, formando frases. Saíam parágrafos inteiros. E, com as linhas, teceu sua história. Tomando café, soltando palavras, expondo almas.

O que sai no parto?

Ela se prepara para o parto, não sabe que partos repartem. Repartem o tempo, o corpo, as presenças. Ela pensa que parir é deixar ir. Ela não sabe que parir também é voltar, voltar a ser filha. Parir é deixar nascer e também deixar morrer. Ela se assustou ao perceber que parto não acontece só com as contrações fisiológicas, mas contrái corpo, contrái mundos, mundos escondidos.

.....

A história não é linear

Esperre! Deixe-me ver por onde começo...

Eu estava com nove anos quando fiz uma viagem à Bahia. Ah, não! Deixe-me te contar outra história, de quando eu tinha dezesseis anos. Esta me marcou, e marcou muito. Eu terminei um namoro, um amor que se foi... Até hoje lembro dele. O cheiro, o abraço, o anel que ele me deu. Mas, o amor se foi? Guardei essas miudezas em um baú que ganhei de minha mãe quando fiz quinze anos, melhor do que ir à Disney foi ganhar esse presente. Baú das delicadezas. Sempre cultivei sutilezas: Uma rosa de plástico, uma caixinha pequena, um bilhete, cartas trocadas, meu convite de casamento. Quando paro para abrir o baú, o coração chega a palpitar, taquicardia, com os olhos brilhantes.

Para abrir o baú é preciso estar com o coração pronto. Coração pronto requer cuidados, minúcias nas mãos. Ao abrir cada objeto, abrem-se mundos. Então, veja bem, ainda que se prepare de antemão, os suspiros e o sorriso de canto vêm simples, assim. É porque coração é órgão autônomo, bombeia para todo o corpo aquilo que recebe. Há de se ter cuidado. Esses dias eu abri a caixinha da música dentro do baú, veio-me “Do you wanna dance?” de Johnny Rivers e foi aí que disparei a dançar, você pode ver do que as memórias e o coração são capazes? Dancei como uma garota de nove anos, dançando em sua sala, voltei magicamente à década de 80, dançando com a mãe, de mãos dadas. Fechavam as cortinas e bailavam, saltitavam – dança livre, sem regras, formas, conforme a música, os timbres.

Na última vez que abri o baú peguei o diário de quando eu tinha sete anos. Diários eram compras certas, todo ano. Escrevia sobre o dia, amigas, amores, escola, coisas qualquer de uma garota.

Fechei o baú com uma garota saltitando no coração. Aquela menininha que amava encenar, cantar, dançar e que era despretensiosa com a vida.

A infância urge em ficar.

.....

Linhas de fugas – Plantando sementes

Ela, que pensava que ia mudar o mundo; ela pensava que mudaria tudo. Ela pensava que ia e sentia o vento a seu favor. Ela dizia que era fácil, que, com sua força, podia seguir e ir. Apostava, abraçava e pensava: É assim que se pode ir. O coração cheio de esperança. Multidões de alegrias. Sorri e não se assusta com os trovões. Menina, que força que você tem! Faz de tudo uma esperança, até das cinzas pode criar e construir artes. E, por falar em arte, pede um quadro; quer enfeitar a sala, dar cores, promover outras vibrações. Não a deixam, ela é impedida. Impedem. Pedem para não ir. Menina, se aquiete, porque aqui só tem lugar para quem desacredita que na vida não se pode reinventar.

E a menina, que pensava que iria começar e recomeçar novas histórias, fica pequena diante da multidão de nãos. Ela descobre que pensava que poderia já colher frutos em árvores grandes e o fruto já estava pronto para comer, de saboroso que era. Sai do pensamento. Descortina e toma corpo. Uma espécie de prontidão. Como numa cama elástica, ela dá um salto. E descobre que estava errada, no caminho que tinha árvores decidiu plantar semente, decidiu que podia começar nas miudezas. Respeitando o bem menor, os sentimentos que há, como se hoje fosse o primeiro dia do mundo. Talvez, pegando atalhos; talvez semeando. Ou mesmo talvez em silêncio. Uma parte de seu coração dizia para navegar pelos segredos das pequenezas, resguardar o coração. Enquanto se espera que ele, o coração, entenda.

Afetos indigestos

Foi a morte da mãe, da filha, do bebê que estava em seu ventre. Muitas mor-tes. Te-
mor, medos, sustos. Desamparos. Ela estava tão re-partida e não sabia como se
juntar: par-tes, mor-tes. Teve AVC, para-lisou. O coração que bombeia todo o
sangue levou dores insuportáveis para o corpo. Foram trinta e poucos anos doando-
se aos outros, de modo que mal passava um batom. Rosto lavado, casa limpa,
marido alinhado, roupas cheirosas, protocolos, agendas, compromissos. Se chorava,
logo secava as lágrimas. *Piti* não pode dar porque é mulher de família. Gritos são
calados. Corpos são roubados: “pare de se comportar assim, você não é mais uma
menininha, você não é um moleque etc”.²⁹

.....

²⁹Deleuze e Guattari, 2012, p. 69.

Resfolegar

Ela busca no outro afeto, amor, compaixão, misericórdia, pena. Ela vive atrás do outro porque só ele poderá salvá-la do naufrágio em que está. Só se conhece se fizer isto. Ela aprendeu que o amor se dá assim: exigindo. Procura-se por alguém para me fazer existir. Ela não existe sozinha, não existe no silêncio. Ela sente medo, de sufocar na falta e na presença dela mesma. Ela é aspirador de pessoas, suga-os, pois não se basta. Cansa de sugar, cansa de abraçar o mundo e ficar tão desprotegida.

Era uma vez uma menina, que queria todos por perto, era gorda de pessoas. Era uma vez uma menina que não sabia receber um olhar de elogio do outro, tinha vergonha dela. Achava-se feia, mas queria todos por perto. Exigia. E dava ao outro o que lhe pediam. Doava-se ao outro e pedia licença para existir. Perguntou: posso fazer uma pergunta?

Quem está autorizado a dizer sim? A quem devo pedir na minha vida licença? A quem devo pedir que eu suporte um instante de felicidade?

Então isso era a felicidade. E por assim dizer sem motivo. De início se sentiu vazia. Depois os olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta? Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz, e preferem a mediocridade.³⁰

A forma que ela se usa para amar é sufocar, é a fórmula. Buscar no outro e fazer dele o responsável pela sua cura. Ela vive um caos na busca. Fala, fala,

³⁰ LISPECTOR, *Medo do Desconhecido*, 1999, p. 35.

fala. Responde: a resposta precisa de silêncio. Nunca acreditou que fosse capaz”.

Mal estar

Ela enviou mensagem dizendo que o namorado ia para São Paulo. Queria um chão, uma palavra que a consolasse. O chão ruiu-se, fissuras. Não há com-solo. Há a vida a convocando a sentir medo, raiva, lágrimas. Com as mãos escondidas por debaixo da almofada, ela chora, delira, perde-se. Ela não se reconhece. Sempre a mesma forma, a mesma postura, o sorriso simpático. Não suportava o caos, a desordem. Entendeu, sentiu. Duvidou. Entregou-se ao desconhecido e ali esteve. Bagunçada, sem batom, nua. Vestiu qualquer roupa, despreocupada com estereótipos. Internamente, estava amarga. Disse-me: sim, é preciso deixar passar. Estava ignorante dela e como isso parecia uma ofensa!

Quando ela se torna quase palpável como a escuridão, ela me ofende. O que ultimamente tem-me ofendido – e é de fato uma ofensa, considerando que dessa eu não tenho culpa – é uma ignorância que me é imposta.³¹

³¹LISPECTOR, *Os segredos*, 1999, p. 463.

Comer palavras

No canto da sala ela ficou, abraçada às suas pernas. Parece estar de castigo. “Menina fica de castigo, pois fez pirraça”. Ela fica, se encolhe. Pensa que está pensando. Mas está se mal-tratando. Tratando mal, chega a ter herpes labial. Saem feridas, pulam na pele o choro escondido.

Ela tem medo, medo de tudo. Não sabe nem dizer do quê. Qual a medida do medo? Não há fita métrica que nos dê pista!. É maior do que ela, é grande. Medo do lobo? Lo-bo-lo-bo-lo-bo... de tanto falar descobriu que comeu demais.³² Era grande demais.

.....

³²BUARQUE, 2011.

Não use da força para acordar um corpo

O choro veio junto da respiração aflita. As lágrimas derretidas eram farpas soltas no corpo. Quem pisa descalça pode se ferir. Dor, inflamação. Agulhas, às vezes, são necessárias.

Há palavras-farpas, olhares-farpas, há mãos farpas. Estas entram, tomam corpo, constituem-no. Torna-se angústia, pânico, medo.

Quem diante da farpa-corpo está, precisa ser apanhador de sutilezas. Cuidado é preciso: Higienizar as mãos, a agulha, um algodão para secar o que virá.

.....

In extremis

Ela era boa. Amava demais, boa esposa, boa mãe, boa funcionária. Dedicada ao lar, tudo estava sempre limpo e arrumado. Vivia e este era seu chão. Ia à igreja, orava, pedia por todos. Era amada e isso a fazia sentir-se num lugar seguro. Num caminho só seu. Os filhos andavam bem passados, rostos corados, penteados. O esposo bem apumado, camisas cheirosas. Calças asseadas. Ela ia ao mercado, ao banco, à padaria. Por ela não faltava nada. A despensa preenchida. A casa limpa. Cortinas cheirosas.

Um dia, quando se olhou no espelho, espantou-se da sua largura. Estava grande, gorda. Roupas apertadas. Inchada. Foi ao médico, decidiu fazer bariátrica. Foi ao nutricionista, ao psicólogo. No montar de sua história, na composição do corpo, descobriu do que se alimentava. Comia com fome de raiva, de choro. Comia o perdão não dado, o desejo de tudo perfeito e organizado. Descobriu tristezas, uma vida de funções. E seu destino era satisfazer o outro.

Y com sua enorme inteligência compreensiva, dedicando-se a não ser humana, no sentido em que ser humana é também ter violências e defeitos. Dedicou-se a compreender perdoando os outros. Aquele coração está vazio de mim porque precisa que eu seja admirável. Todos recorrem a ela quando estão com algum conflito e ela, "a consoladora oficial", entende. Minha grande altivez: preciso ser achada na rua.³³

E o espelho então lhe revelava: Que aquele corpo lhe era demais. Pesado demais. Gente demais. Mundos demais. E tirou os excessos. E teve dores.

.....

³³LISPECTOR, *Do modo como não se quer a bondade*, 1999, p. 200.

De fora para dentro

Quando ela veio, quase não conseguia falar. Peito avermelhado, corpo doído. Uma aflição na voz; a voz embargada de quem segurava o que era grande demais.

Vamos respirar? Frente a uma menina alta, branca, de cabelos compridos e loiros. Ela aceita, entrega-se ao pedido. Deita-se no chão. Este, pronto a recebê-la. Ela inspira, mas tão curto, tão espremida, o corpo se enrijece. Digo para ir mais fundo, inspirar mais, sentir mais, deixar crescer a barriga, sair do peito onde está.

Ela vai, junto ao que eu dizia, respira profundamente. Um choro desmedido surge, emerge de um corpo cansado, já enfraquecido. Palavras saem, materializando sua quase insuportável dor. Palavras presas viram nódulos, tumores. Mas palavra líquida é dor derretida.³⁴ É a dor que se engoliu, é o grito que não se deu, é a raiva velada. Palavra não dita vira embaraço no estômago, amargo na boca, arrola-se em enjôos e diarréias. Quando saem são como fios de uma história; quem as recebe há de ter cuidado, com ouvidos sensíveis receber e, com o corpo, acolher.

As palavras fluídas da menina compunham sua história; eram memórias de um pé descalço, ferido, de um braço sem abraço, de um peito cortado.

o choro é a mãe de todas as expressões emocionais: uivos de raiva, lamentos de tristeza, suspiros de ternura, gemidos de fome, gritos de alegria. Quem nunca chora garante que sua rigidez não se dissolva, que nunca será impressionável o suficiente para se reformar (Keleman, 1996, p. 95).



*

³⁴MOSÉ, Poemas Presos, 2000.

O corpo que nos querem

Amanheceu, ela verificou as redes sociais – Muitas notificações, disse ela.

Um assunto disparador a fez pensar no que falar, se provoca rupturas ou se silencia. O corpo magro estava em jogo, na cena, na foto de uma famosa, que agora está gorda.

“Para emagrecer basta ter força de vontade” ou, para emagrecer “...basta querer”, ou, então, “Só é gordinha quem quer”, “ser magro é ser saudável”.

Provocar rupturas é correr riscos, pode-se fazer inimigos, mas ela, leitora de Guimarães Rosa, já sabe que “Viver é muito perigoso!”. Então, há um duplo disparo: O texto e a angústia. O espelho só funciona para ver meus defeitos – que alguém disse que é defeito. São produções de subjetividades em séries. O processo de singularização,³⁵ não encontra espaços para se sobressair, para aparecer. As gordinhas querem fazer bariátrica, querem se livrar do corpo que lhes pertence. Elas não conseguem se perceber e se sentir amadas neste corpo. Sentem repulsas nas escolas, no trabalho, ao candidatar-se a uma vaga de emprego. Sentem-se negadas, mal olhadas a todo tempo. Incide sobre elas deslocamentos como não pertencentes a este mundo.

Parece que nascemos em um mundo dado, um mundo que está pronto e há certos modos de habitá-lo. Pensar em um mundo em composição e construção imanente³⁶ ao sujeito é implicar-se³⁷ com ele e sobre ele, pensar em constituir-se em um caráter

³⁵ Conceito trabalhado por Guattari e Rolnik (2013). O termo expressa um modo de produção na subjetividade singular dos sujeitos de forma a construir modos de sensibilidade, relação com o outro de forma a recusar estes modos universalizantes, totalizantes sobre a vida. É de fato um exercício de construção existencial sobre modos de viver que escapem aos padrões muitas vezes moralizantes.

³⁶ Deleuze (1995) traz este conceito para opor-se a um modo de vida que se dá pela lógica da representação, por uma lógica transcendental. Vida imanente se dá na experiência, ela é uma vida. Artigo indefinido. Movimento incessante de vida, singular, onde não há sujeito x objeto, mas fusão. Na imanência, rompe-se com os universais, singularizam-se os sujeitos, lhe dão realidade própria.

³⁷ Implicação é um termo da análise institucional trazido por Rene Lourau (2004) e trata de fazer análises sobre como estamos operando em determinadas situações, como somos tocados, quais fatores aparecem, como se operam, como reverberam nos processos dos quais nos colocamos. O termo consiste em romper com dicotomias como sujeito x objeto. É estar-se entre, no meio, ser tocado e deixar-se tocar. Rompe-se com a neutralidade e o pensamento transcendental.

inventivo junto ao mundo é, sobretudo, uma ação política de afirmação das diferenças.³⁸

Ela recebe uma mensagem em *off*: Obrigada por suas palavras, estava me sentindo muito mal em pensar que sou uma gordinha por fraqueza.

.....

³⁸BARROS; MURANI; ABRAMOVICZ, 2017.

Insight-corpo

Enquanto ela fala, ela mesma, ali, sozinha, com ela e tantos outros mundos, com ela e tantas outras vidas; ela se reparte, metamorfoseia-se, silencia, agita, muda o corpo. Coça o pescoço. Fala rápido. É ousada. Aquieta-se. Ela se percebe. Recebe o que disse. Levanta, escreve-o no quadro. Imagem visual do que se diz. Imagem auditiva-visual. O movimento já produz nela a tensão da mão na testa: Sim, estou vivendo isso tudo! Sim, não caibo mais nesse arranjo.

A menina em nós

Com cinco anos ela pergunta a sua mãe: Como será o dia hoje? A mãe, cheia de horários, responde: Almoçaremos, descansaremos, irei ao banco à tarde, trabalharei e dormiremos.

A filha responde: E, depois, acordaremos, pegarei o transporte, irei à creche, hora do lanche, hora da roda, hora de brincar, hora de ir embora.

A mãe inclina o corpo. Onde está a criatividade? Onde está a criança inventiva em mim? E nela? O que tenho feito de mim? O que tenho feito dela? A mãe, então, dá uma recauchutada na vida. Pega a menina, pega massinhas, pega tintas. Sujam-se. Reconcilia-se com sua sensibilidade. A menina sorri, com rostos pintados, pés coloridos e mãos cheias de cultivos. Brincam de curiosidade, brincam de explorar. A família se agita e há uma infância simples.

Medicalizações

Ela faz Reeducação Postural Global, pois sente muita dor nas costas, nos ombros. Uma sessão por semana. Ela diz que há dores e dores insuportáveis. Que dores são essas? Há um excesso de mundo, ela faz uma bola com as mãos, num formato de abraço. Ela abraça e põe nas costas. E ela não se encurva, segura firme. Diz que não pode demonstrar fracasso. Diz que é feio ser fraca. Não pode deformar o andar, postura deve ser ereta. Vertical e pronta para batalha. Um corpo cheio de depósitos invisíveis para o outro e não para ela. Ela vê, sente, cheira. Às vezes, o odor fica insuportável. Corpo permanentemente estático. De vez em quando ela ingere um rivotril para acalmar. E quando se pergunta: A quem dou esta pílula? Ela diz que são para o chefe, ao marido, aos funcionários. E o corpo dorme. Embola a fala, se disser vomitará. O cotidiano está acomodado.

Encolhe-se.

Silencia. São anos assim. Não consegue se expressar. Cala-se e enrijece. Ela diz que na escola ia apresentar um vulcão em erupção, mas este falhou durante a Feira de Exposições. Para se expor há que se ter pernas. Há que se enfrentar o desconhecido. O que compareceu não foi a erupção, mas insegurança, autopunição. Jeitos de existir. Enguiçada no corpo, ela vai, dura, pedir por manutenção. O mecânico solicita o desmonte de peças. Inicia-se uma operação de desmanche de formas. Forma, corpo, coágulos. Ela quer saber se aquilo tudo a fez mal. Se terá solução ou poderá assim ficar. Quer uma resposta. A pergunta lhe vem? Como humana, de que modo esta forma opera? Como ela lhe produz? O pensamento nela se contorce. O corpo trava. Ela não sabe trejeitos outros. Com passos marcados, compassos agendados, horários, normas, regras. É o que vive. Corpo-máquina. Corpo-relógio. Corpo-industrial. Corpo-mecânica. Passa óleo, ajeita peças, retira excessos. Toque, cheiros, pele. Olhos tristes, a boca grande. Lábios. Infância, terra, tintas, massinhas. Sobe no escorregador, balança, gangorra. Corpo infância. Quer pipoca. Encontra uma tia pipoqueira, que a põe no colo, acalenta, faz o milho se transformar. Ela sai, dizendo que se protegeu de mundo. E chora. E, com palavras, anuncia: Sou bicho do mato.

Cuido da vida

Quase que na maioria das vezes quando vamos decidir por algo, escolher alguma coisa, seguir um determinado caminho vem à nossa mente uma balança ou alguém nos diz: “Coloque na balança, veja o que vai pesar mais e escolha”. Com o passar do tempo e minha experiência com pessoas fui percebendo que as escolhas difíceis, as decisões que precisam ser tomadas, entre uma coisa e outra, não cabiam em balanças, não podiam ser medidas, quantificadas. Às vezes, é tão árduo decidir por isso ou aquilo que temos de sentir o que dói menos, ou o que dói mais, o que nos afeta menos, o que nos dá mais paz, o que nos sustenta mais, o que nos expande e o que não. E, ainda assim, sem medir quantitativamente, usando de uma balança de afetos, daquilo que não pode ser medido em números, decidimos. Deixamos para outro momento (ou não!) a outra oportunidade, a outra opção. Mas o que tenho percebido é que o difícil nisso tudo é sustentar a frustração das perdas, das coisas que ficaram, do que se foi, do que não pode ser feito ou escolhido. Clarice nos diz que abraçar o mundo nos cansa. Para abraçar o mundo há que se ter braços enormes, e os nossos são limitados. Em tempos de tanta velocidade, com tantas informações, somos provocados a pensar que damos conta de tudo, temos que saber de tudo, estar em mil lugares ao mesmo tempo. Isso em tempo virtual. Em tempo real, não obstante, somos o que pode ser, somos a dor das escolhas, o braço pequeno, as pernas cansadas, o peito apertado. Somos a frustração de ter deixado algo que também era potente. Então, como temos vivido nesse tempo exigente? Ou como temos resistido a esse tempo? Culpabilizando-nos pelo que poderia ter sido feito e não foi e pelo que ficou para trás? Resistir (re-existir!) é dar novas passagens ao que se faz do presente. É deixar vir o que se pode vir. O que se pode fazer. Afinal, fazemos o que pode ser feito.

.....

Como usar batom?

Em outras vidas, ela não levantava o braço, de tendinite. Ela não dobrava as mãos, sentia dores nos punhos. Ela não dobrava as pernas, sobrepeso. Em outras vidas, ela vivia para o outro, para os filhos, para o marido. Em outras vidas, ela não usava batom, e não é que se precisa usar batom, é que o batom, aqui, seria uma fuga. Uma fugida momentânea desta vida. Um batom rosa seria uma marca, uma divisão e uma cor. Uma cor no espelho de quem se ocupava de si. De quem sentia os lábios e (h)a vida. Então, escrevendo isso ela se lembrou de Clarice, quando, em uma de suas entrevistas com uma moça sobre literatura, a conversa terminou sobre a marca do delineador líquido para maquiagem dos olhos. Não é que se queira dizer que todas devem usar batom e maquiagem nos olhos, mas é sobre a “nossa preciosa beleza fugaz”.³⁹

³⁹LISPECTOR, *Mulher Demais*, 1999, p. 108.

Reeducar afetos

Ela aprendeu que tem muitos destinos. Vidas em vida. E começou a bordar, com a sensibilidade da bordadeira em momentos de assentar afetos. Em tempos precisos, bordava para lidar com a angústia de estar viva. Borda-va. O cavalo marrom foi o primeiro, quando precisava de se impor numa nova aposta de trabalho. Cada encontro, um bordado. Cada bordado um quadro. E construía os rumos como obra de tapeçaria. Cores, sons, cheiros. Todos saíam das mãos para os tecidos.

Uma atenção fina

Ela foi fazer engenharia. Cálculos, contas, exatidão, números. Ela foi fazer terapia. Palavras, cortes, criação, invenção. É doce, é leve, é criativa, gosta da natureza, do mar. Ela são tantas e anda tão à flor da pele.

Produzir um corpo sem órgãos⁴⁰

Quando vejo grupos de “controle da ansiedade” logo penso nos “vigilantes do peso”. Lembram-se? Primeira coisa para os ansiosos: Cada um que sustente sua ansiedade. Segundo: Que a ansiedade vire crise, que incomode e, sobretudo, não vire motivo para culpa, seja transformada em produção. Produções de maneiras suficientemente artísticas para viver. A ansiedade pula, grita, exalta por um lugar assentado. Como tenho assentado os afetos? O que não tem nome, mas é pura eletricidade. Na escrita, ela descobriu uma invenção potente de transformar elétrons em palavras. E foi absolvida!

⁴⁰ Corpo sem órgãos é um conceito trazido por Deleuze e Guattari que será explanado nos capítulos posteriores desta dissertação.

Imagens que não goram

Precisa-se de reforma, precisa-se de acabamento, ela implorou, pedia bem alto, sem falar uma palavra. Ao adentrarmos a casa, percorrendo os cômodos, escavamos memórias, cheiros, presenças, ausências. As janelas contam um verso, as portas falam dos sons e dos silêncios. Podemos encontrar na sala um coração em forma de quadro ou num retrato. Nessa hora, o corpo toma outra forma. O corpo se vê como sentimentos, que há vida existencial na casa e que é possível ressignificá-la, redesenhá-la, refazer paredes, pinturas, novos quadros e arranjos. É possível nova moldagem e uma nova habitação. O corpo vivido sente e pode sonhar novas imagens.

Inesperadas surpresas

Quando era pequena, criança ainda, foi sufocada com um chapéu. A vida inteira teve asma. O problema era respiratório. Usava bombinhas. Um corpo aflito. Ofegante. Um corpo aos remédios. Aos quarenta, vivia amparada por medicamentos. Não sabia o que tinha. Sabia do chapéu, mas não lembrava. “Alma deformada, crescendo se avolumando, sem nem ao menos saber que aquilo é espera de algo que se forma e que virá à luz”.⁴¹ Gostava de cortar bigode de gatos. Não podia ver um que se inquietava a cortar. Pegava tesouras e *vapt!*, aparava o bigode do gato. Um dia a história do chapéu de que sabia, mas não se lembrava, veio à tona. Lembrou quem jogou, como jogou e seus efeitos. E sabe como a memória se clareou? Quando cortou o bigode do gato. E ele a disse: Agora, você está curada. Nada faz sentido. Não teve percurso linear. Largou os medicamentos.

⁴¹LISPECTOR, *Lembrança da feitura de um romance*, 1999, p. 284.

Dos hiatos

A morte, nela, é viva. É cotidiana. Sem esperança, sem corpo, ela enfraquece e só há um desejo: desejo de morte. Morte desta vida enfraquecida, desencorajada. Conto-lhe: São dias difíceis, eu te observo e junto a ti tento dar um contorno para você crescer. O seu sofrimento não é ruim, ele não se opõe a alegria. Ele é uma angústia sem lugar, um desmedido na vida. Eu olho para você e um olhar de quem acredita na sua dor e sabe com-por uma história com tantas linhas duras. Você carrega essas linhas e não sabe que pode soltá-las. Não é resignificar, é matar as linhas duras, é fazer o enterro delas para tirá-las do seu corpo, pois elas te envolvem. Como você vai produzir singularidades, experimentar, criar uma morte que seja como na *via crucis* (aqui falo de Jesus mesmo, uma morte para a vida)? Como você vai encarar que o sofrimento também nos constitui e ele não nos paralisa?

Com Clarice Lispector tenho aprendido a perguntar:

E tudo é muito para um coração de repente enfraquecido que só suporta o menos, só pode querer o pouco e aos poucos. Sinto hoje, e também mordente, uma espécie de lembrança ainda vindoura do dia de hoje. E dizer que nunca, nunca dei isto que estou sentindo a ninguém e a nada. Dei a mim mesma? Só dei na medida em que a pungência do que é bom cabe dentro de nervos tão frágeis, de mortes tão suaves. Ah!, como quero morrer. Nunca ainda experimentei morrer – que abertura de caminho tenho ainda à frente. Morrer terá a mesma pungência indivisível do bom. A quem darei a minha morte?⁴²

Estar entre as linhas que nos compõem, se são duras, se são rígidas eu posso abri-las e soltar as represas que estão dentro e deixar ir. Sim, urge deixar ir porque isso é grande demais para você.

As linhas podem estar todas emaranhadas, feias e emboladas. Não sei que cor elas têm, elas têm trajetos, dores, tem o que fizeram de você, o que você fez. Seu corpo é um lugar composto por tantas tramas, pelas palavras que te riscaram, as palavras não ditas, o toque não dado, o abraço contido, o olhar de afago. São essas suas linhas. “Você as traz numa raiva, você explode na alimentação, nas doenças que te aparecem, você sofre”.

⁴² LISPECTOR, *Primavera ao Correr da Máquina*, 1999, p. 33.

Aprendendo a viver

Entrou em prantos. Um mundo de dores. Mundo esgarçado. Vinte e seis anos. Branca, de classe média. Privilégios. Desenrola sua história. Saem dali novelos de crochê. E vão tomando forma. Ela se vê boba, sem graça. Tentando fingir seu corpo esgarçado. Corpo que sangra. Corpo que expele. Uns abortos e umas mortes naturais. Um corpo que se indis põe. Diz que cometeu crimes. Sobre o corpo quem decide é o outro. Não tem direito ao próprio. Direito negado. Dado a alguém. Ela se vê em pedaços. Experimenta sua escuta. Pertubadora. Sangra e resiste. Insiste.

Sobre a fome

Ela comia. Dizia que comia demais. A calça nem fechava com a barriga estufada. Passava dos limites. Disse que era ansiedade. Andava ansiosa. Ansiedade é uma espécie de eletricidade que toma o corpo numa busca por um lugar assentado. Na comida encontra aconchego para o afeto não dado, a palavra negada, a escuta vazia. A fome e a sede excessivas, a boca grande devoradora encontravam com uma história de desconforto, um olhar amedrontador. Busca acalento. Atônita e perturbada sente a experiência. Sai do consumo.

ECOS DE PENSAMENTOS – ANÁLISES QUE TRANSBORDAM AS ESTANTES

Acolhemos os fragmentos em suas facetas, lugares descontínuos, fios emaranhados, ora dispersos, ora mais organizados. Infinitudes de conduções, de corpos.

Neste percurso narrativos, muitos foram os encontros com autoras, autores: trechos de livros xerocados; livros retirados de estantes; livros que vaguearam por tempos, por acelerações e pausas; livros grifados, que ganharam marcas ao longo destes dois anos de pesquisa. Livros que transbordaram e produziram sentidos no roçar das vozes, cheiros, texturas de peles, movimentos de mãos, torax, pelves, pés, das temperaturas tropicais da Grande Vitória/ES.

No contínuo enlace entre produção de conhecimento, de escuta, de sentido, não foi simples assentar quais contribuições teóricas iriam de fato ganhar o plano desta escrita final. Para estas páginas denominadas ecos de pensamento, gostaria de pinçar algumas contribuições que percorreram as escritas dos fragmentos, com destaque para uma breve contribuição sobre os processos contemporâneos que nos constituem e que sentidos clínicos eles nos conduzem.

Para pensar as condições formativas dos corpos gostaria de me demorar inicialmente no trabalho *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*, de Nikolas Rose (2013). Para este autor, a biopolítica no contemporâneo efetiva-se por meio de uma neuropolítica, que se propõe a compreender a capacidade neurológica dos indivíduos, em seus cérebros, no que eles são capazes de fazer ou deveriam fazer, como estas capacidades podem ser governadas.

Os dispositivos disciplinares prescindem das paredes, das delimitações temporais e espaciais, como escolas, presídios, hospital, exército e ganham expressividade por meio de redes que abarcam todo o socius.

Para Rose (2013), a neuropolítica atua com a biomedicina, com a crescente medicalização das mulheres e crianças. A psiquiatria biológica ganha espaço através de uma iminente expansão a um apelo cognitivo funcionalista. Tal política reverba em governamentalidade; isto é, as biociências redefinem o exercício de poder nas sociedades liberais e atuam diretamente nas formas de subjetivação contemporâneas.

Falemos um pouco de Foucault para contextualizar de como Rose (2013) chega a estas discussões. Mais a pouco voltamos no autor para compreendermos melhor suas colocações.

Foucault (2015) faz um percurso pelo estado absolutista até o estado liberal. Com o advento das sociedades industriais, há transformações nas formas de governar. É preciso ortopedizar as cidades, homogeneizá-las, assegurando um certo funcionamento, aliado às exigências do capital. Neste momento, precisavam-se de corpos aptos a trabalhar nas fábricas, corpos ajustados à máxima utilidade.

São célebres as análises foucaultianas de como o sexo, um importante eixo de análise da produção das artes de governar, torna-se objeto de modo a ser esquadrinhado, previsto e mesmo ordenado minuciosamente na gestão dos prazeres. Ao sexo não era dada a repressão, mas sim um olhar insidioso sobre suas formas de fazê-lo, como, quando, com quem, visando a cada corpo e à população. Fios contínuos de investimento de saberes e poderes na produção do normal e do patológico.

Esta produção aliançou-se nas instituições disciplinares (escola, exércitos, prisões, conventos com o intuito docilizar os corpos – aumentar a resistência e diminuir a força política), em conjunto a uma gestão da população enquanto um fenômeno vivo a ser estudado em suas previsibilidades e ordenamentos.

Foucault (2009) afirma que para que haja exercício do poder, há que se ter um ritual de manifestação da verdade. Ritual, pois o exercício do poder opera por

meio de um conjunto de procedimentos verbais ou não verbais, os quais podem ser da ordem da informação, do conhecimento, tabelas, fichas, notas, conselhos. Uma palavra grega que se corresponda a este movimento é *alêthourgues* para designar alguém que diz a verdade, é o verídico. Aleturgia, portanto, configura-se como um conjunto de procedimentos verdadeiros, que se opõem ao falso.

Para o exercício de poder há de se praticar aleturgia, na contínua manifestação da verdade; há efetivação de procedimentos que operam a partir da premissa: se colocar em face de outros na possibilidade de conduzir de algum modo suas condutas. Por esta via, “a ciência, o conhecimento objetivo, é somente um momento possível de todas estas formas pelas quais podem-se manifestar o verdadeiro” (FOUCAULT, 2009, p. 46)

Foucault é propositivo na relação entre poder e verdade. Não há um sem outro. Se não existe o verdadeiro é porque o poder não está lá, ou é muito fraco, sendo, portanto incapaz de ser poder. O autor nos mostra o deslocamento da figura do rei central, soberano, para uma noção de poder-saber, para um governo que se dá pela verdade, destinado a conduzir a conduta dos homens, pelos processos de produção de subjetividade.

Deste modo, consolida-se um arranjo triplo: poder, governo, e si mesmo. Pelo exercício do poder-saber entramos numa operação de obediência, condicionamentos que imputamos a nós mesmos, sem que uma ordenação externa nos obrigue. É uma relação de si consigo mesmo. Um sujeito que por alguma forma de poder, se torna sujeito a.

Voltemos agora a Rose (2013), contemos um pouco sua história. Estudante de biologia, partiu para os estudos em psicologia, pois pretendia estudar o comportamento humano no plano social. Neste livro, ele faz esta volta. Rose propõe investigar o processo de constituição de subjetividades, chegando à genealogia da psiquiatria contemporânea, à restauração da psiquiatria biológica

e por fim, às transformações nas ciências da vida e na biomedicina e como elas modificaram a maneira como entendíamos os seres vivos.

Para Rose (2013) há a emergência de uma nova economia política da vida, ancorada na criação de um biomercado e na atuação de fundos financeiros para comercialização de tratamentos e produtos vitais, com intuito de otimizar a vida. Constituem-se aqui novos peritos da vida que são responsáveis pela disseminação dos processos de aprimoramento do corpo, pensado agora não mais como unidade sacralizada, mas como um conjunto de processos vitais totalmente abertos à intervenção.

São estes novos especialistas em terapias e diagnósticos somáticos e psicológicos, ou seja, os novos profissionais da saúde, que vão redefinir os poderes pastorais⁴³ para além da atuação do Estado. Estes processos se dão através da otimização da vitalidade, a fim de incrementar resultados, com regimes dietéticos e de boa saúde física, um controle sobre os processos vitais do corpo e da mente. O autor chama de molecular, esta nova emergência do exercício do biopoder que se constitui pela biomedicina. Emerge, portanto, uma cultura biológica que está em jogo, uma concepção molecular da vida, incidindo diretamente sobre os modos de pensar, ver e agir.

Nesta dissertação, interessa-nos uma outra concepção de corpo. Se, como aponta Foucault (2009) e Rose (2013), o corpo foi objeto a ser controlado em seus mínimos gestos, como alvo da vigilância em procedimentos disciplinares, e estamos em meio a interiorização/molecularização destes procedimentos de otimização da vida, seguimos entre concepções que objetificam os corpos, ora mecanizados, ora molecularizados.

⁴³ O Poder Pastoral implica em vigilância constante, controle daquilo que está sendo dito, pensado. O pastor tem a missão de ouvir e devolver um discurso de verdade de forma a fazer o sujeito conduzir uma vida dentro dos padrões morais estabelecidos. Diferente do poder soberano que exerce sua autoridade em formas de leis gerais, o poder pastoral exerce seus atributos incidindo diretamente no vivo, nos modos de conduzir a vida, em sua forma individualizada.

Como, quais efeitos podem produzir, se ao invés de tomarmos os corpos como alvo-objeto, os corpos possam ser tomados em sua instância formativa? Que pode produzir a inversão de uma atenção da medicina, da arquitetura, da estatística, da consciência *sobre* o corpo, para um corpo como tessitura de si?

Movida por estas perguntas, afirmamos em conjunto Favre com (2011) e Keleman (1996) que os corpos são processadores ambientais, em contínua produção de si e do mundo, e estão sempre em contínua formação e acoplamentos. Assim, nossas análises e experimentações apontam para uma ênfase na produção de subjetividade corpoficadas. Interessa-nos afirmar o corpo enquanto potência, como agregação de si e em contínua mutação.

Este é um trabalho vivo na clínica: atuar na velocidade e violência dos processos coletivos, como produtores ativos de subjetividades e pensar modos-formas de agregações e conexões com as experiências vivenciadas/corporificadas. A proposta da clínica, enquanto realinhamento do processo formativo, propõe acessarmos os territórios que envelopam nossas angústias e paralisam nossa produção de maturação nas formas de se fazer conexão com o corpo.

A maturação conectiva e a diferença só podem ser produzidas, sobre cada corpo, cada processo, cada conexão, de modo paciente e artesanal, observando as regras da formação biológica onde o corpo e seu cérebro, problematizando cada funcionamento, agem juntos sobre o que é” e como é”, e operam experimentações sobre as intensidades e amplitudes de cada forma, liberando, assim, forças autopoéticas que vão se condensando em novas formas a serem captadas, definidas em suas bordas, muscularizadas, praticadas, cuidadas e articuladas aos ambientes, internos e externos (FAVRE, 2011, p. 627)

Para acessarmos o território somático tão nosso (des)conhecido, é importante atentarmos para ações microgestionárias no fluxo incessante dos afetos de nossa existência. Encontrar em nossa própria forma, produzida necessariamente nas redes viscerais, musculares, neurais e sociais, ações que nos constituíram de certas maneiras em detrimento de outras, produzem abertura para nos reconhecer e darmos *zooms* sobre o que foi constituído.

Ampliar estes re-cortes com um tempo e espaço lentificados são caminhos para repensar formas e sobretudo poder atualizá-las (FAVRE, 2011; KELEMAN, 2007)

Keleman (2007) nos aponta que o corpo se constitui em uma forma, e que nela estão contidas emoções, pensamentos e experiências. Cria-se uma estrutura anatômica que se corporifica e dá estrutura ao soma. Ele chamará este processo de formativo, uma vez que a vida se organiza em formas biológicas, emocionais e sociais.

Para Keleman (2007), há no corpo um contínuo formativo de células, moléculas que vão se fazendo dentro de um contexto social e que imprimem ao vivo formas que se afinam entre músculos e córtex. Estas impressões corporais estão preenchidas de emoções, impregnadas de sentimentos, guardam memórias e são capazes de se refazerem, reconstituem em novas configurações. Não somos apenas um lugar de *input* de informações que se depositam no sistema nervoso central. Somos processos vivos, móteis, nos engendrando e conectando.

Enfatizar o corpo em suas conexões é afirmar o quanto ele está atravessado por uma política que investe na produção de subjetividades homegeneizantes. Favre (2017, s/p)⁴⁴ traz uma afirmação importante para esta produção que descarta as diferenças, é inegável a existência de uma “tradição individualística americana em que ideias, praticas e narrativas, mesmo as mais libertadoras, são tragadas para dentro do enquadre privado, em que ao corpo cabe apenas ‘tornar-se pessoa’”.

Estamos lmersos em um contexto com foco no desenvolvimento de pessoas, de como otimizar seu tempo, de como não protelar, de como gerir infimamente a condução da vida, com intuito de operacionalizá-la, potencializá-la para um fim mercadológico. Favre (2017) aponta que atuar com o corpo, dentro desta

⁴⁴Acessado em <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2017/10/corpos-na-multidao-medusas-nos-mares-bombas-pulsateis-uma-incursao-no-campo-corporalista/> 02/10/18 às 9:41h.

perspectiva formativa, é sim problematizar o que nos passa dentro desta produção capitalística de subjetividades. E, deste modo, reafirma-se uma necessidade de uma operação crítica a estes movimentos enquadrantes que quer homogeneizar e apaziguar as diferenças.

Gostaríamos de ressaltar que há aqui uma política dos afetos que se constituem como forma somática. Atentarmos para a existência de formas que nos aprisionam, capturam através de raça, gênero, classe e o quanto em um processo de desaceleração/lentificação, nos potencializa para podemos acessar outros engendramentos e propormos novas organizações somáticas

Ousamos afirmar que a aposta do Keleman e Favre se dão concomitante a cartografias dos corpos. Perceber-se nos ambientes formativos, acessar os corpos de forma a proteger suas conectividades formativas e propiciar ambientes confiáveis, cooperativos é urgente para a produção de práticas de cuidado de si.

Este conceito foi talhado por Foucault (2004) movido pela inquieta pergunta de como fazer da vida uma obra de arte, que não necessariamente – como foi priorizado na história ocidental – funda-se no conhecimento de si, e que pode aliançar-se ao modo de conduzir a vida.

Foucault (2004) demorou-se nos modos de viver dos gregos, como se relacionavam, como construíam práticas de liberdades e como exercitam tais práticas. Eram práticas de si que se fundavam numa ética que não se estabelecia por códigos morais, mas se embazava em modos de se viver afeitos, respeitosos em si, autoformativos, exercícios de transformação em que a condição ontológica para tal era a liberdade. Estas práticas não se baseavam em renúncias, em sacrifícios, mas um exercício de si sobre si mesmo, de modo a atingir um certo modo de ser.

Foucault definia as práticas de si como aquelas,

que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (2001, p. 1605).

O cuidado de si é um ocupar-se de si que se constitui também com o cuidado do outro. É uma problematização da liberdade, vista como não escravidão em relação aos outros. Liberdade define-se como não ser escravo de si mesmo, dos seus apetites, dos outros. Trata-se de uma fina ênfase na liberdade como condição política de existência, um êthos, uma certa maneira de se conduzir a vida, de se portar na cidade, de estabelecer amizades, de construir relações. Conhece-te a ti mesmo, que nos gregos não reduzia-se a uma consciência de si, virtualmente implicaria também em ouvir um guia, um conselheiro, um amigo. Nos gregos, estas práticas abrangiam o exercício de se perguntar como se constituía em relação a si, e em relação a conduta com os outros. Nestas práticas, Foucault (2004) irá enfatizar o problema grego de interrogar-se sobre o modo de conduzir a vida em uma perspectiva estética, como uma obra de arte.

Vejamos leitor aqui como a estética da existência faz encontro com um trabalho artesanal em que possibilita ao sujeito gestar uma criação de singularidade, uma certa estilística menos interessada nos imperativos reguladores do eu, e mais expansivas, mais operativas na condução das existências.

Para Foucault (2004), o cuidado de si está relacionado a uma *askésis* (palavra grega que quer dizer: exercício, prática), ou seja, instituir um trabalho de si sobre si mesmo. Ao contrário do cristianismo que institua uma prática de renúncia de si, o termo *epiméleia heautou*, trazia o ocupa-te de ti mesmo. Esta prática busca questionar, problematizar os modos de existência colocados muitas vezes numa lógica da representação.⁴⁵ *Epimeleia heatou* é o exercício de si sobre si mesmo, numa prática, que se pretende fazer e construir com os sujeitos uma relação melhor com sua realidade.

⁴⁵ Conceito trazido por Deleuze em *Diferença e Repetição*, 2006.

Keleman (1996), em seu livro *Amor e Vínculos*, contribui para pensarmos o cuidado de si e do outro concomitante ao processo formativo. Uma vez que a partir de quatro estágios ao quais ele chama de amor: cuidar, importar-se, compartilhar e cooperar; pode contribuir para que cada um de nós experimente o amor dentro de formas que puderam nos estimular ou obstruir. O autor enfatiza o amor como processo que impulsiona a vida, que incentiva a formação de vínculos conosco e com o fora.

Neste momento delicado da dissertação, gostaríamos de afirmar que produzir processos atencionais às nossas formas, sem querermos retomar ou replicar a experiência dos gregos, pode nos dar pistas para a produção de uma estética da existência, indícios de como praticar, para além de um conhecimento de si como imperativo, um cuidado de si e dos outros.

Parece-nos sobremaneira importante um trabalho minucioso de análise de como nos colocamos no mundo, de como nos doamos, de como recebemos amor. Para Keleman (1996), por meio de um processo de organização da experiência somática, podemos nos sensibilizar para o modo como segregamos formas, como nos envelopamos, expandimos, contraímos.

Vejamos como vão se compondo e corpendo estes quatro estágios⁴⁶ referentes ao processo formativo e que não se faz só, mas acompanhado e investido também por outras pessoas. O referido autor aponta que os estágios do amor têm como propósito formar um adulto experiente, capaz de cooperar com outros.

Nos estágios um e dois, cuidar e importar, a criança precisa de um cuidador, alguém que o alimente, que dê os cuidados básicos para o desenvolvimento do bebê. Cuidar é estar ali, colocar-se junto é também importar-se, posicionar-se para dentro. Tem a ver com contato, calor, proteção, contorno corporal

⁴⁶ Não nos interessa uma possível leitura da obra de Keleman por um viés desenvolvimentista, por faixa etária ou determinada por concepções causais. Isto vai de encontro a toda a nossa perspectiva aqui trabalhada de não tomarmos o corpo na lógica dos imperativos, salientamos que ao falar dos estágios, interessa-nos sobretudo a cooperação, conceito caro na obra de Keleman, e que parece nos apontar para uma contínua análise de como operamos nas relações conosco e com os outros.

(colo), receber olhares, preocupar-se. O corpo biológico em expansão também se acopla as formas de amor recebidas e juntos formam uma estrutura somática firme. Interessar-se pela criança é também compreender que ali está o adulto no futuro. Se o processo se obstruir é o potencial adulto que estará comprometido em sua forma. Pais que fazem com que os filhos satisfaçam suas necessidades, respondam as suas demandas de amor, preencham seus vazios criam adultos sem expressão, dependentes de satisfazer ao outro, pouco interessado em si e fracos em sua estrutura para o encorajamento.

Nos estágios três e quatro, compartilhar e cooperar, a criança organiza seus sentimentos, quer falar deles e expressa ao outro suas experiências. Acolher neste momento é se tornar sensível ao que se passa nos processos infantis, e receber e ser atendido neste contexto criam partilhas e intimidade. Faz com que tenham importância, confiança no outro, aprendem sobre diálogo, trocas e tem a oportunidade de explorar os sentimentos e lidar com eles. A cooperação começa aqui, quando atravessados pelos outros estágios, de forma expansiva, vamos para algo maior, o outro, o fora, um contexto coletivo, engajamentos que vão além da família.

Parece que ao propor uma análise sobre os modos de amar, os modos de nos conectar conosco e com os outros, Keleman produz pistas interventivas de retomada dos processos formativos – o corpo como potencialmente um processador ativo de formas – visando a expansão e a contração, tão cara aos organismos vivos.

Esta atenção ao modo como conduzimos nossa existência, nos permite situar as práticas clínicas como uma prática atencional, que requer lentificação, que nos atente para o modo como conduzimos nossas condutas.

Em Keleman, os estágios do amor operam de modos processuais, ocorrem do nascimento a morte, vão se engendrando continuamente durante a vida. A prática clínica está em se colocar entre, disposto a, cuidar de, a interessar-se, e a cooperar.

Ressalamos que Foucault ao propor-se estudar o modo como os gregos dispunham-se a uma análise das práticas de si, em momento nenhum propôs a sua retomada. Não se tratava de fazer como eles. O que nos interessa, a partir dos estudos foucaultianos, é como ele aponta que em meio às imperativos de saberes e poderes e o modo como os sujeitos com a verdade, pode haver intertícios ativos que a nós, em nosso contemporâneo, em meios aos nossos modos de subjetivação, podemos constituir ferramentas de intervenção no modo como conduzimos a nossa vida, e como nos portamos em relação aos outros.

Neste sentido, o que nos faz realçar a análise kelemaniana dos modos de amar, é a de que urge a produção de corpos que possam cooperar, corpos que possam ainda que em meio aos imperativos de condução da vida como imperativo do eu, possam visar intertícios, desvios, e cooperar consigo e com os outros. Deste modo, a aposta da clínica, enquanto realinhamento do processo formativo, pretende acessar territórios que envelopam angústias e paralisam a produção de maturação nas formas de se fazer conexão com o corpo.

Como estamos nos conduzindo? Como estamos atuando neste tempo presente? Estas perguntas tão caras ao pensamento foucaultiano, nos acompanham em nossas práticas clínicas. Clínico é aquilo que nos desloca, nos desvia, nos tensiona em face de como estamos nos conduzindo neste tempo que é nosso.

Estas questões se constituem como problematizadoras em uma ética do existir. Com Keleman e Favre, aprendemos a nos perguntar: como criamos formas? Como nos organizamos somaticamente? Como vamos atribuindo contornos ao existir, ao viver? Como cultivamos formas e operamos com elas? Por vezes, as formas já estão desgastadas, obsoletas, e que há um contínuo em aberto para a organização de outras formas, na inquietante pergunta de como usamos a nós mesmos nas relações conosco e com os outros.

O QUE OS ENCONTROS ME TROUXERAM?

Vera, Massagista

Fiquei impressionada com Vera. Eram sete horas da manhã e ela já está no ponto de ônibus, pronta a subir no coletivo, com sua bolsa, cheias de cremes, óleos, chás e suas mãos quentes para as delicadezas de corpos que encontrará. Verá é massagista. E se alguém prestasse atenção, seus pensamentos movimentavam-se calmos, e o rosto com uma suave esperança que ninguém tira. Vera faz massagens, Vera se desdobra em corpos, amassa-os, modela-os. Enquanto leva as mãos ao envolvimento das cinturas, emite palavras. Vê-se nelas. São sua história. Os olhos também falavam. “Oh, Deus! Já fui muito ferida!”. Sobre os corpos nus escancara sua realidade, seus espinhos, que a fizeram sangrar. Quem subisse à maca, estavam expostas as presenças de Vera. As que dispostas se colocam a ouvi-la, ganhavam mais tempo na massagem, as indispostas saíam tontas da sala. Envergonhadas. Conta que foi casada, sofreu de muita violência. Apanhava. Socos. Palavrões. O pior deles era “vagabunda” e “fedida”. Vera, cheia de bravura, insiste: “A pessoa que eu pensava que me amava me colocava para baixo, e eu, que já sou pequena, não conseguia me levantar”. O advogado entrou em cena, na sua inteireza, juntou cacos (eram tantos pedaços!). O marido dizia: “Você sai, gasta tudo com bebidas, vai para baladas!”. E o advogado, homem, defensor de muitas causas, levanta-se em uníssono: “Qual é o problema nisso? Vera faz o que quiser!”. Até de morte ele a ameaçou. Ela sente a marca do perigo, mas em público reza: “Deus, muito obrigada, fiz com que as mulheres saíam da submissão”. A voz de Vera, quando entra, junta corpos. Ela, que era em outra vida feita de partes, agora junta músculos, tira excessos, drena e desincha mulheres. “A gente só pode aceitar ser feliz e nada menos do que isso”. E encontrou em mim ouvidos atentos. Após seis anos conseguiu se separar, saiu da relação, “sentiu o pulso e o bater do coração e de repente reconheci que tinha um corpo. Pela primeira vez da matéria surgiu a alma. Era a primeira vez que eu era una. Una e grata. Eu me possuía”.⁴⁷

⁴⁷ LISPECTOR, *Um sopro de vida*, 1978, p. 47.

A casal

Sentadas no ônibus, de mãos dadas. Duas meninas, duas mulheres. Uma negra; outra branca. Cabelos cacheados e crespos. Cabelos lisos e pretos. Vento que corre. Entram no coletivo uma mulher, um homem, uma criança. Uma família *estruturada*. Família heteronormativa. Vêm as moças sentadas, como um casal. A mulher, olha, franze a testa, vira o rosto, procura por um olhar que também se descompasse com seu pensamento. As duas de mãos dadas traçam conversas. Tento me aproximar para ouvir, e chego ainda mais perto: “Há um machismo nos cursos de Engenharia, não há como se falar em direitos humanos, discussão de gênero, lugar da mulher...”. Eu me interessei, inclinei-me mais. O homem passa por elas e diz baixo: “Ah! Eu e essas duas mulheres...”. Enrijeço o corpo, num ar de desaprovação. O que ouvi me enrijece, esforço-me para continuar atenta a conversa das duas, lentamente ouvia esperanças. Ele nada me acrescentou. Elas suavemente me compunham.

A criança senta no banco de trás, e, com apoio da mãe, se ajeita. Para a janela, sorria para os carros, fazia jóia, encantada como quem via tesouros. Apontava, perguntava, a impressão era de aquele olhar indefeso mantinha olhares curiosos, compreensíveis com o coração batendo de alegria. Os *outdoors* nas ruas, o homem da bicicleta, o chiclete de morango, o cachorro que late. Os depósitos de sua esperança, “meu quintal é maior do que o mundo”.⁴⁸ As meninas descem de mãos dadas, os adultos arregalam os olhos, a criança sorri para os pássaros. O ônibus vai para Laranjeiras.

⁴⁸ BARROS, *O apanhador de desperdícios*, 2010a.

Com licença professor que eu quero lhe falar.

A escola tem paredes – muros brancos – a pintar? A escola tem cheiro próprio. Cheiro de gente, de conversas, de risadas, de gente que chora, de finitas vidas, de provas, testes, recreios, lanches, laços, barulhos. O porteiro conhece a escola inteira. Ele sabe que esta é a tia da aluna do quarto ano. Aquele é o pai do fulano. O porteiro não participa das reuniões escolares. O porteiro de tudo sabe, mas virou móvel de controle de entrada e saída. O trabalho prescrito ele faz, o trabalho dos imprevistos, dos olhares, das reparações também. Já até sabia da história da menina. Contaram para ele que havia uma menina que namorava outra menina e a mãe descobriu e a colocou para fora de casa. Ele ouve, faz cara de concordância, conversa, conversa e todos já sabem. Como isso foi disparado, todos fingem não ver. Mas a escola não tem tempo para essas coisas, afinal são muitos alunos para pouco professor. Mas todo mundo fala da menina, da moça que namora outra moça. Na sala dos professores só se fala disso, só se ouve isso. Mas a menina é rica e vai saber se virar. Mas a menina tem dinheiro e poderá se cuidar. Oh, Deus! Ainda bem que é rica, pois aqui não há o que ser feito. A família é rica, mas desestruturada dá nisso. Todos dizem, todos falam e a menina nada escuta. A escola não tem tempo. São muitos alunos, cada um com suas diferenças. Tentar igualar todos é um modo de facilitar a adaptação, para que ninguém se sobressaia. De tanto ouvir, o professor-pedagogo a chama. A menina, já em prantos, a menina já se desmanchando. Chega trêmula à sala do mestre. Senta, bebe uma água. Com o copo em mãos, ouve: “Querida, você precisa conter seus desejos, pois sabe que Deus não se agrada. Você é da igreja e o diabo não gosta desses atos”.

A menina sai aos prantos, leva o copo em mãos, tamanho é seu espanto. Em mais pedaços se desfaz. O corpo curvado. Uma adolescente com um “carga muito pesado para mulher”.⁴⁹ A escola toda sabe, o porteiro quer saber se dessa vez ela aprendeu a lição. O professor, mestre da pedagogia, sente que cumpriu seu papel, e

⁴⁹ Adélia Prado, *Com licença Poética*, 1993

envenena a menina com suas setas ervadas de palavras excludentes. A menina sai tonta. O professor amola facas.⁵⁰

A aluna, adolescente, menina, precisa ser educada. A mãe a coloca para fora de casa, o mestre expulsa seus desejos.

A menina recostou-se em algum canto, procurando algum suspiro de satisfação. Adormecia dentro de si. O vazio do mundo a desorientava.

Volta para a escola e um protesto está armado: Faixas em defesa da vida. *Com licença, professor, eu quero lhe falar! O que você está chamando de educação? A escola serve para quê? Para quem? Professor, a escola inclui quem? Professor, vem p'ra roda. Sente-se conosco. Ouça nossos barulhos. Oh! Mestre, vamos falar de ética de Spinoza ou de Nietzsche, para além do bem e do mal? Professor, suas mãos estão nesses alunos, não queira se isentar depois dos fatos acontecidos. Quem vai nos ouvir? Quem quer saber o que nos acontece?*

⁵⁰ BAPTISTA, 1999.

De quem você vai falar?

No Dia Internacional da Mulher pediram-me para escrever um texto sobre a temática. A solicitação veio, e com ela o desejo sincero de expressar e apressar com aquilo que tem me tomado nos últimos anos em minhas leituras, práticas e encontros na vida.

Clarice Lispector, em uma de suas entrevistas, diz que foi convidada a falar de mulher e por fim estava se enveredando em assuntos sobre delineador para olhos. E o que esperam as pessoas que nos encomendam tal discurso? Um texto iluminado, florido, todo delicado, se possível rosa e que contenham promoções para unhas, cabelos, depilações, tratamentos faciais, drenagens linfáticas. E aqui há um incômodo, uma urgência. Uma pausa.

A quem eu devo escrever? A qual mulher?

Urge falar de mulher(es); das empregadas, das domésticas, das que não se depilam, das lésbicas, das cheias de estrias, das gordas, magras, das que têm filhos, das separadas, divorciadas, viúvas, mal amadas, das que não casam com vestidos de noivas, das enrugadas, das negras crespas, das solteiras, das casadas, das que não querem ter filhos, das que tem filhos com maridos diferentes, das rígidas, colapsadas, das Macabéas,⁵¹ das que não se maquiam, das chefes, das que morreram hoje, anunciadas pelo jornal: Uma morte encomendada pelo ex-marido, uma morte com o fio carregador de celular, enforcada pelo namorado.

Falemos das transexuais presas em unidades masculinas, das estupradas, das prostitutas, das que abortam. Ah, Deus!, nas cozinhas de casa.⁵² aprendem a ser submissas, segurar marido. As receitas de bolo, de geração em geração, estão contornadas de regras em como sustentar o lar, ser sábia, edificar o casamento. Em sofás se sentam para bordar toalhas para tolerar traições e infelicidades. Deus nos proteja para todo o sempre. Amassa o pão e faz meninas obedientes. Prepara o bolo e assam construções de palavras para mulheres serem magras, femininas, delicadas, rosas, boas moças. Caras leitoras, escrevo para mulheres que não fazem parte de uma comunidade fechada: Grupo de mulheres femininas, cursos sobre

⁵¹Referência à personagem do livro *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1995)

⁵² Poema de Ana Paula Louzada.

como tornar-se feminina. Tenhamos coragem! Não nos esqueçamos: Morremos em fábricas, queimadas no dia 8 de março, lutando por direitos e melhores salários. Morremos todos os dias, estupradas, mal amadas, subordinadas, reduzidas.

No ônibus, o vendedor de balas e paçocas – *moreninha do Rio* – anuncia o amor de Deus: Deus é amor, Deus tudo vê, Deus cuida de você. As palavras do moço atraem alguns. Uma mulher pausa sua leitura, dá-lhe olhos e ouvidos. De repente, ali está a salvação. Reza contida. Ele continua, faz uma pausa para anunciar suas vendas: “Compre *moreninha do Rio*, assim você evita de ir à praia para que seu marido não lhe bata”. Deu um sorriso de canto, quando se depara com o olhar de espanto da mulher, tentando perdoar Deus pelo dissabor do encontro. Um fim para ele e um início para ela. Como se chama o que sinto quando, resignada, ela quer se levantar e dizer da sua revolta, mas silencia? Como se chamam as mulheres violentadas pelos maridos e ainda sentem-se culpadas por terem sido as causadoras do ato? Como se chamam os “ensinadores” de violência em escolas? Os potencializadores para agressões a meninas gordas, crespas? “E se há um silêncio no mundo era aquele”.⁵³ Desce. Oh!, por favor, poupe-me. Trágico fim.

Olhando papéis antigos ela encontra um relato. Uma mulher à espera do marido chegar do trabalho. Com janta feita, toalha à mesa, pratos limpos. Ele chega, ela se aproxima, com olhar receoso, num ímpeto diz: *Quero me separar, vou sair de casa. Não há mais relacionamento*. Ele se levanta da cadeira e diz que vai sair. Volta tempos depois, desses tempos que demoram horas, não contados em relógios. Tempo em que coração acelera, mão gela, peito dói. Ele volta, “e o não, apesar de balbuciado, ecoou escandalosamente contra as paredes da caverna, que sempre favorecem mais as vontades do Homem”,⁵⁴ com um amigo. Bruto, com força, espancam-na. Deixam-na em partes. Em mortes.

Há o que não se perdoa. Há o não perdão e ele é legítimo. E, em outro canto, uma menina de três anos, convidada a entrar em uma igreja toda bonita, retruca com a mãe: “Não perdi nada aí, não vou entrar!”. A condição de um corpo pequeno não se muda, mas a grandeza nas palavras, sim.

⁵³ LISPECTOR, “Um homem feliz”, 1999, p. 180.

⁵⁴ Idem, “A favor do Medo”, p. 43.

E o nosso mundo? Carece de coragem, pois “se não há coragem, que não se entre”⁵⁵. Carece de “uma espécie de liberdade, sem pedir licença a ninguém”.⁵⁶

⁵⁵ Idem, “Noite na montanha”, p. 129.

⁵⁶ Idem, “Bolinhas”, p. 53

Quantitativo

Com exames de rotina em mãos, leva-os ao médico. Os olhos caídos, cabelos soltos, com olheiras, uma roupa bem passada, corpo encurvado de quem não suporta o peso do mundo. Alma contorcida de dor. Desamparo de estar vivo. Senta à mesa, entrega os papéis. O médico os abre, olha em seus olhos e dispara, fazendo-a expor o coração em batimentos acelerados: sua saúde está ótima, exames excelentes, resultados dentro da normalidade. Daqui a um ano a senhora poderá repeti-los. E, ainda, dá-lhe os parabéns. Já na idade em que está, os exames são de se admirar. Dando-lhe a sentença de vida, ela sai, fecha a porta, toda envergonhada, amortecendo o encostar da fechadura.

Retrai-se, aperta-se, contrai. *Angina pectoris* da alma.⁵⁷ Não aceitando o que vinha, engolia apressada. As forças e contrações devolvem as palavras engolidas, o vômito comparece como um terremoto, “um estremecimento gigantesco de uma forte torre abalada”.⁵⁸ E, dentro dela, estava a iminência do terremoto. O médico organicista recusou-se a ver. Viu só o que queria, viu os dados, os números, o quantitativo, as taxas. Há que se inventar um “palômetro” para palavras presas. Ela tem sessenta anos.

⁵⁷ Idem, “Angina Pectoris da Alma”, p. 155.

⁵⁸ Idem, “O terremoto”, p. 154.

Como carregar um nome

Era dia de outono, uma quinta de manhã. Dia de chuva fina, que rega aos poucos a cidade. Em torno de sete horas da manhã. Uma senhora, que aparentava ter cerca de setenta e cinco anos, em pé à porta de saída da unidade de saúde, olhava a chuva passar e tentava, inutilmente, gritar por um táxi. Nenhum atendia sua solicitação.

Lá estava eu, à espera da chuva passar, digo que irei a pé para casa. Ela, quase ofendida, diz que não é bom andarmos a pé por aí, pois tudo está muito perigoso. Principalmente para ela, que já é idosa. Diz, com dor: “O mundo não perdoa os idosos. Não era para ser assim, lutei para que hoje fosse diferente, espero que quando chegar sua vez, a situação tenha melhorado”. Eu, de cá, respondi: “O mundo não perdoa as mulheres”. Ela se sentiu acolhida, deu um passo em minha direção. Diz que podíamos ir juntas, andando. Ela aceitou. Encontrou em mim um lugar possível de conversas. A chuva ainda caía fina, parávamos em lugares abrigados para esperar. Rita de Cássia, este era seu nome. Contou que quando a filha nasceu, parou de trabalhar. O autêntico do idoso: dizer tudo o que pensa, sem se preocupar. Perguntou se eu tinha filha e me disse para nunca fazer o que fez: “Nunca pare de trabalhar por filhos, eles crescem!”. Falou-me sua idade. Setenta e cinco anos. Apavoro-me com sua idade e sua aparência tão abatida, tão caída. Uma tristeza. E sua condição era a de não aceitação. Reclamou do marido, dos filhos, das expectativas. O marido anda muito irritado, e ela acha que ele não quer que ela viva até os setenta e três anos, que ele já os tem. O filho “juntou” com uma moça, mas, veja só: “eu esperava que ele se casasse”. Pego um papel na minha bolsa, com um poema de Clarice: A não aceitação era uma cópia que insistia em ficar na bolsa, já toda amassada, pronta para ir ao lixo. Entrego o papel desganhado; ela recebe. Quando vê que é da escritora me diz: Eu escrevo poemas, quero lançar um livro. Falo de uma menina que viveu a ditadura. E sua expressão era de dor, de desaprovação. Diz que a família a tem como louca, mas insiste em dizer que foi ao psiquiatra e este a isentou da loucura. Desse mal a senhora não sofre. Loucura, pensava eu, que todos nós tínhamos um pouco. E o que essa mulher viu e viveu sobressaltam até hoje em sua pele, já cansada, enrugada, abatida, adoecida. Eu me aproximava, com uma alegria, um ouvido doce para o que ouvia. Lembrava do

Gaiarsa⁵⁹ que, ao falar do livro “Briga de Casal”, relata, em seu tempo de clínica o quanto encontrou sentimentos de ódio e raiva nas relações do casamento. E que a hipertensão, doença que mais mata nos Estados Unidos, está tão relacionada às repressões de raiva e agressão.

Uma mulher que nasceu na ditadura militar, numa repressão, num processo de militarização da vida, do fortalecimento de instituições como o casamento, há que se ter muitas queixas guardadas. Estive pensando em Ângela, uma senhora de também sessenta e cinco anos, contemporânea de Rita de Cássia. Ângela, ainda atua como professora de Educação Física, teve três filhos e é divorciada. Divorciou-se com trinta e quatro anos. Ângela carrega nome de anjo, que anuncia, que trás surpresas e milagres, mas Rita de Cássia carrega nome de santa. Rita de Cássia carrega um nome. Rita de Cássia carrega a não aceitação.⁶⁰

⁵⁹“O olho do Caçador”, José Ângelo Gaiarsa. Disponível em: <<http://classico.velhosamigos.com.br/Autores/Gaiarsa/gaiarsa23.html>>. Consultado em 22/03/18.

⁶⁰LISPECTOR, *A não aceitação*, 1999, p. 194.

Nascimento

Acontece-me ainda que eu fico aspirando histórias. Aspirador de palavras contadas, de vidas esgarçadas, às vezes palavras colapsadas, outras rígidas como uma seta inflamada.

Acontece que nesta história terão algumas personagens. Mulheres. Uma grávida e outras tantas.

Quem me contou foi ela própria: A que carregava no ventre um filho, o terceiro de três casamentos. Ligou-me, numa tarde de sábado, e se pôs a chorar. O corpo estava colapsado⁶¹ com a partida do terceiro marido. Foi-se embora sem deixar vestígios.

E, além do mais, preocupava-se, pois todo mundo ia dizer: ah!, Mas quem mandou engravidar... Ah! Mas... e ela já sabia que se voltariam contra ela. E não foi que aconteceu? No trabalho, na família. E ainda vinha de outras mulheres – o que ela não suportava. A dor de carregar um filho não era maior que essa. A *via crucis* pela qual todos passam.⁶²

E ontem foi 12 de maio, dia das mães. Tinha trinta e quatro anos de idade. E, como diz Clarice, e hoje é dia da libertação dos escravos. E ela não tinha recebido a carta de alforria. Ela estava condenada a ser mãe de três, a ter tido três maridos. Todas diziam. Além da condenação, roubavam-lhe também a graça. E o dia das mães era para quem? Qual mãe estava autorizada a receber essa graça? Maria, mãe de Deus? Pai, afasta de mim este cálice – ela implorava.

E quando se conta essa história para outras, o que se ouve é o que todo mundo fala. Era mulher indefensável. A culpa materna lhe sobrevinha. A mãe, culpada, sente as primeiras dores de contrações e nascimentos de desonestos sentimentos de erros. E com que palavras se anunciam o nascimento desta desconjuntada maneira de ser

⁶¹Colapsado é um termo utilizado por Stanley Keleman em *Anatomia Emocional*. O autor aponta estruturas corporais que compõem nossas formas somáticas. Uma delas é a colapsada. Há nesta forma um encolhimento, um ceder ao relacionar-se com alguns afetos como raiva, medo. O colapsado traz em sua estrutura uma fraqueza, sendo dependente dos outros para obter fortalecimento. O autor aponta outras formas corporais e as explana sobre com mais afinco neste livro.

⁶²LISPECTOR, *A via Crucis do corpo*. Via Crucis, 1998, p.50.

mãe? De palavras inconformadas para bagunçar nosso “correto” modo de funcionar. Palavras deformadas nascem em corpos em que a culpa se transformou em raiva e exigiu um corpo vertical, em pé, atento, pronto para enfrentar a não aceitação da “maternidade sagrada”. De Maria, a virgem, mãe de Jesus. Estimulada a existir de outro jeito foi-se diante do espelho: Viu que tinham lhe roubado o rosto. Daqui a pouco tiram-lhe o corpo também. Enfrentou-se. “E realmente aconteceu. No espelho viu um rosto humano. Acabara de nascer. Nas-ci-men-to”.⁶³

⁶³ LISPECTOR, A via Crucis do Corpo. Ele me bebeu, 1998, p. 41.

O grande luxo de viver⁶⁴

Era uma mulher muito ocupada, tomava conta do mundo. Todos os dias queria saber dos outros, de suas vidas, como comem, como compram, o que fazem. Amava e seus amores eram todos sustentados por ela. Isso ela tinha que sustentar. O medo da solidão a devorava e isso ela não sustentava. No outro ela tinha uma borda de afeto. Ela não sabia nada de si. Um dia um dos amores a perguntou quem ela era. Ora, uma dessas perguntas que não se sabia nem de resposta. Ela dizia que gostava de ajudar e amar a todos, e perdoar a todos era sua característica mais bonita. Tinha uma só vida. E vivia aspirando pessoas e amores, bondades e misericórdias. Ah!, piedade é o que sinto então. Piedade é a minha forma de amor.⁶⁵ E isso era tudo para uma mulher que se sentia os outros no meio de bilhões de pessoas no mundo. Não tinha tendência para ser feliz, apenas. É feita de sombra e tanta luz, de tanta lama e tanta cruz que acha tudo natural.⁶⁶

Aceitara que ela era assim. Não sabia de outros modos de viver. Começou a sentir quando os outros a deixavam, quando os outros a cansavam, quando pediam demais. Era de madrugada cuidando dos outros. De manhã cedo se levantava já em oração pedindo por mulheres, homens, crianças e velhos. Pedia por todos. Estava habituada a esquecer de si mesma. Seu luxo era não vencer na vida.

Tereza, na verdade, não tinha tonalidade na voz, falava até baixo ou deixava outros falarem por ela. Não tinha sequer discurso. Então, o perigo de existir: Perder-se na multidão. Perigo de não se diferenciar. Existia. Só isso.⁶⁷ Cresceu assim, com uma violência, com castigos, com medos, com sustos. Com dores de barriga. Com assombros de quem cuidava. Viveu o inferno, ela disse. A mãe morreu e o pai não conheceu. A tia quem a criou era de estremecer. Sabia que não podia amar a tia, mas a culpa a acovardava.

Um dia encontrou um homem, por quem se atraiu. Ficou, então, contente com a vida. Estava habituada a esquecer de si que, por um instante, o olhar esteve atento a ela. A tia dizia que ela podia namorá-lo. “Ele era louco mesmo”, a tia afirmava. Para ela,

⁶⁴ LISPECTOR, *A hora da Estrela*, 1995.

⁶⁵ LISPECTOR, *Perto do coração selvagem*, 1998b, p.18

⁶⁶ Elis Regina, “Essa Mulher”.

⁶⁷ LISPECTOR, *A hora da Estrela*, 1995.

só cabiam os loucos, o menos, o superlativo relativo de inferioridade. Todos eram melhores que ela. Ela era sempre menor do que todos. E o homem que a conheceu se aproximou, teve audácia de dizer para ela dos superlativos de superioridade. Ela se embrulhou toda. Coisa de quem só conhece o menos, que se afasta do ótimo e do bom. “Defrontou-se com o impossível dela mesma: O mais engraçado é que nunca aprendi a viver. Eu não sei nada. Só sei ir vivendo, como o meu cachorro. Eu tenho medo do ótimo ou do superlativo. Quando começa a ficar muito bom ou eu desconfio ou dou um passo para trás”⁶⁸. Então, aquele homem a despertou um pulso, um brilho no ar. E começou a entender o que era esperança. Alguém gostava dela; ela se detestava. Era um incômodo, sentia-se desconfortável nela mesma. O que é, já não lhe interessa mais. Não cabia mais assim. E esse homem disse que ela precisava fazer terapia.

Ela, que não sabia nem do que se tratava, resolveu ouvi-lo, pois o coração pulsava. E na sala se expôs, história de quem andava, andava e não saía do lugar. Como quem alcançou o mínimo de existência disse: “Quero me reinaugurar. E para isso tenho de abdicar de toda minha obra e começar humildemente, sem endeusamento, de um começo em que não haja resquícios de qualquer hábito, cacoetes ou habilidades. O *know-how* eu tenho de pôr de lado. Para isso eu me exponho a um novo tipo de ficção, que eu nem sei ainda como manejar”⁶⁹. Então, começou a andar, dizia que agora não ficava quieta. Agora eu me levanto o tempo todo no trabalho, vou beber água, vou ao banheiro, não ligo de ser vista. Que me vejam. Antes, faltava eu me esconder debaixo da mesa. Ergui meu corpo.

⁶⁸LISPECTOR, *Um sopro de vida*, 1978, p. 41.

⁶⁹Idem, p. 70.

Cartas trocadas

Remetente:

Sabe aquela vontade de que as coisas fossem mais fáceis e não tivesse de enfrentar nunca mais o grande monstro? Essa é a vontade que tenho. Mas parece que isso é mesmo impossível. Ninguém é curado totalmente? Não dá para vencer essa coisa, definitivamente? Não sei! Tenho minhas dúvidas, pois vejo pessoas livres; não me sinto livre quando *e/le* volta e me descompensa toda. Uma coisa deve ser verdade: As situações estarão sempre aí, boas, ruins, difíceis, pois é a vida. Mas há aquelas que a gente grita por dentro.

Você sabe como tem sido meu processo de busca por cura, por liberdade, sabe quantas coisas consegui abrir mão, vejo isso em minha relação com a minha mãe... Consegui pôr uma separação entre nós, talvez hoje até um pouco dura, mas foi a forma que encontrei para romper com aquela simbiose que por muito tempo me fez mal. Da mesma forma, ela ainda esta lá, basta um olhar de reprovação de minha mãe que começo a cambalear, mas logo retomo e falo a mim mesma, e inclusive pra ela: O que importa é o que penso. Dura, sim, mas eu precisei ser assim. Choro, sofro, pois sei que essa minha mudança dói nela; dói, porque também sei que ela gosta de ter o controle das coisas, de saber, de ter segurança sobre onde estou pisando. Enfim... eu consegui vencer.

Esta sexta foi um dia importante, dia do divórcio de meu namorado. Dia esperado, pois ele dá muita importância às coisas formais, ao papel, às instituições etc. Como o Cartório era um lugar relativamente de difícil acesso, no bairro de Cobilândia, dei uma carona e disse que esperaria de longe. Quando acabasse ele me ligava. Assim fiz e fiquei muito em paz, feliz também por ver um ciclo fechar. Confesso, de coração, ter pensado que, após meses, ele veria a ex novamente. Mas isso não me abalou. Fiquei com a tranquilidade que nossa relação tem me oferecido.

Ele, então, voltou.

Entrou no carro e disse: *Tudo certo! Mas, coisa difícil, não é? Isso não é uma coisa lá muito agradável* – disse-me, aparentando tristeza. Sinceramente, meu mundo caiu. Minha cabeça viajou, e toda segurança que eu pudesse ter ali sumiu. Criei uma

quizumba. Calma! Comecei, tranquila. Questionei o porquê, disse-lhe que para ninguém é uma coisa “Oh! Que alegria! Deixe-me sentar de frente para quem me casei e me divorciei”. Mas que para mim não foi peso, foi indiferente. Que ele devia se perguntar porque estava sentindo aquilo. E, aí, começou a falar que era pelo fato de que ele não havia se casado para se divorciar (Lembra-se? O cara que gosta de família, das coisas certas, cujos os pais são casados há quarenta anos...), que foi uma pessoa que ele conviveu por sete anos... E aí eu comecei sentir raiva. Raiva, por ver que ele sentia tristeza pela situação. Eu queria que ele sentisse felicidade. Já mencionou mil vezes a relação horrível que vivia, sem parceria alguma, sem cuidados, sem afeto, por que sentir assim assinando um papel? Aí, ele dizia: Não é pela pessoa, é pela minha vida mesmo, por ver que foi uma coisa que eu não consegui sustentar, não queria um divórcio. Isso não tem a ver com a pessoa, meu amor, é você, que me interessa. Estou sendo honesto, entenda. E foi honesto, de fato. Contou-me que conversou um pouco com sua ex-esposa, disse para ela ser feliz, assumiu que ele foi o responsável pelo fracasso da relação (Idiota! E eu disse para ele isso), que ela foi e sempre será uma pessoa importante, pois viveram muitos anos juntos.

Definitivamente, não tenho maturidade para ouvir tais coisas: Meu amor, isso não tem relação alguma com meu sentimento por você, não sinto nada por ela, isso passou, mas a relação foi, sim, importante, da família dela gosto, sim, são coisas muito diferentes. Para mim não e não elaborei ainda. Não elaborei. Sabe o que eu queria? Indiferença a tudo, inclusive a ela, que ele entrasse, saísse, mudo, apenas *Oi! Bom dia! e Tchau!*

Eu dizia tudo isso e bastante carregada do sentimento da hora. Ele tentava me explicar, paciente e ficando nervoso, quis ir embora sozinho por não conseguir me "convencer".

Eu insistia: Para quê dizer para ela que foi importante, perguntar dos pais, falar isso e aquilo?

Só de escrever para você eu me sinto abalada novamente. Ler isso, lembrar que ele falou essas coisas para ela. Eu não sei lidar com isso, esta é a verdade. Sinto-me insegura, penso que isso pode mexer com ele, desconfio que ele possa responder

escondido de mim, que ele possa dar um retorno a ela... Que possa ficar mexido por dentro, que fique lembrando coisas que podem ter sido boas, enfim.

Resposta ao remetente:

Estamos todos no barco da vida. Quem está fora ou isento de uma traição, de um desejo que atravessa a vida dos casais e que pode ser em direção ao outro?

Ninguém! E o que precisamos? Viver. Vi-ver. Ver de outros modos uma vida tão fadada ao controle, a corpos medusas que querem congelar com o olhar, que querem ter mil mãos para segurar o outro em todas as suas formas.

Ser medusa me cansa. canso de ser eternamente vigilante do outro. O olho arregalado, o corpo suspenso em alerta e em susto para a todo tempo receber notícias ruins. É o corpo policial mesmo que está em alerta para pegar o bandido.

Sinto que este corpo é duro. É adoecedor.

Quero é andar com minhas pernas, firmes, fortes e construir um chão para mim.

Cura?

Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando e acha sem saber
Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver
Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído, espalhar bem querer (César, 2008)

A mulher que se encontra em você é um corpo que ama de maneira torta, errante.

E você faz perguntas: *Por que? Por que? Por que?* E os porquês te consomem. Somem. Sumir. Gasto de energia. Sucumbir.

Minha querida, desejo-lhe perguntas contrárias: C.O.M.O⁷⁰. Como tenho me usado? Como tenho usado o outro?

Como ele sentiu a experiência do divórcio? Os porquês estão te sufocando. Eles estrangulam sua potência de criar, de lentificar os processos que tem vivido.

- Como é ter um corpo-polícia?

Acolha sua inquietação como um processo que é destrutivo à vida do outro, como um processo que não te expande, mas que sufoca e inflexibiliza a vida.

⁷⁰Descreverei melhor no capítulo a seguir: Exercitar o COMO.

Que encontremos, sempre, pipoqueiros no meio do caminho. A isto cita-se uma crônica de Lispector,⁷¹ em que ela encontra um pipoqueiro na rua que a faz comprar pipocas e refletir a vida.

⁷¹LISPECTOR, *As Fugas de Mãe*, 1999, p. 475.

EXERCITAR O COMO

Stanley Keleman (1995) propõe um novo olhar a partir de nossa realidade corporal. Para ele, a compreensão somática traz para o corpo à experimentação do uso que fazemos de nós mesmos em diversas situações. Ao invés de buscarmos a causalidade e explicações para um determinado comportamento, o autor nos coloca frente a movimentos que permitem experimentações e nos revelarão nossa realidade formativa. Dentro desta realidade estão sentimentos, palavras, pensamentos, gestos musculares. É no corpo que se conjecturam vísceras, músculos e sistema nervoso.

Quando fazemos a dobra sobre perguntas do tipo por que agimos assim, e nos voltamos ao “Como me usei para conversar com fulano? Como experimento a raiva? Como a ansiedade chega até mim?” Posso então buscar não uma causa, mas sair dela, corporificando a forma em que ela aparece; deste modo, é possível organizar, experimentar os efeitos no corpo, senti-los.

Colocar estas perguntas para compreender os processos que se passam, o que nos acontecem, torna-se possível desenhar uma forma, deixar emergir sentimentos. Quando se permite conhecer estes padrões, é possível ressignificá-los afirmando outras posturas, corpendo mais firmeza corporal, ou menos, mais intensidade, menos. É possível ir se experimentando corporalmente. O autor chama de auto-organização destas experiências corporais.

Por meio de intensificações de padrões musculares, vivificando as sensações, as emoções que brotam. É delinear uma imagem da situação presente, estar nela para analisar, sentir como me uso corporalmente, qual a imagem somática que experiencio. Cada passo exige cuidado, calma, processo lento de se olhar, se perceber. É um processo de sinfonia para o vivo, compreendendo o corpo como celular, que se expande, encolhe, forma novas organizações, faz

conexões com outras. Expandir e contrair são exercícios que ele chama de exercício da sanfona (bomba pulsátil).⁷² Estes exercícios proporcionam conexões consigo e conexões com o mundo.

Há aqui uma prática de corpar: aprendendo a redesenhar formas herdadas ou habituais, somos capazes de criar outras formas de viver. Podem-se desorganizar estruturas que não nos atendem mais, dando forma, mais forma ou menos forma. O cérebro vai fazendo conexões: córtex e músculo em contínuos rearranjos do vivo. Monta-se uma estrutura somático-emocional, compreende-se um padrão de funcionar, para transformar e reinventar as possibilidades, extrair mais vida a partir do uso do que se acaba de aprender.

Para Keleman, “todas as sensações, todas as emoções, todos os pensamentos são, de fato, padrões organizados de movimento” (1995, p. 17). Este processo de organização de movimento neural, muscular, visceral, faz-se necessário para promover compreensão das contrações, relaxamentos, tensões, organizadas no fluxo da ação, nos comportamentos. Estarmos atentos à forma como nos organizamos corporalmente para também poder criar outros ambientes corporais, outras relações somático-emocionais.

Somos a história que corporificamos, nos compomos neste corpo, num certo corpo.

Se nossa história tem uma ordem básica, podemos perguntar “Como formamos nossa história”, “Como nossa história, por seus mecanismos de feedback nos forma?”, “Como podemos inibir a história que nos contamos eternamente e permitir a emergência de uma história diferente?” (KELEMAN, 1995, p. 66).

⁷² Bomba pulsátil é como Keleman (1992) vê o funcionamento do corpo, para ele existe um movimento padrão que pulsa articulando tecidos como bombas. O organismo é um conjunto de tubos peristálticos, que pulsam em intensidades e amplitudes. Por exemplo, a postura ereta é um movimento pulsátil pois requer músculos que suportem a gravidade, para tolerar pressão e gerar também pressão. Há movimentos ondulatórios continuamente em nós, contraindo e expandindo.

O autor propõe cinco passos para experimentação da nossa história corporal que é a experiência emocional concretizada em nossa forma. A proposta está em identificar os padrões de uso no corpo, se contraímos músculo, se relaxamos, se mordemos os lábios, dentre outros. Compreender tais formas nos leva ao entendimento de comportamentos e emoções que envolvem padrões musculares e imagens mentais.

O exercício do COMO auxilia num processo de percepção de si, COMO me uso em situações adversas, próximo a determinadas pessoas, em certos lugares, posso trazer à memória ações antigas, contrações musculares que a acompanham. Poder se perceber, sentir e desenvolver outros modos de se usar. O COMO envolve 5 passos que se dão em perguntas: “1) O que estou fazendo, 2) como estou fazendo, 3) como paro de fazê-lo, 4) o que acontece quando paro de fazê-lo e 5) como uso o que aprendi a respeito” (1995, p.23).

Estes passos são um exercício, o Exercício do Como, que irão expor o modo como nos conduzimos, como operamos, como lidamos conosco em diversas situações. Os passos ajudam a ampliar a percepção das imagens mentais e suas relações com os músculos envolvidos nesta ação. Deixar a forma falar, ver-se nela, experimentar interrompê-la, sentir que são possíveis outros movimentos, outras experimentações.

O passo um nos traz a imagem corporal de como nos vemos, ele mobiliza nossa história, as palavras que ouvimos, as experiências negativas criam nossa realidade pessoal, como a vemos, como nos vemos: “chegava à escola e era a gorda, meus tios me chamavam de gorda. Quando eu aparecia, ouvia: nossa você engordou mais ainda. Eu me encolhia, me escondia, não me olho no espelho, não me ergo”.⁷³ Este primeiro passo mobiliza nosso modo de nos colocar no mundo, traz sua estrutura, nossa história. Descobre-se neste momento que situações antigas ainda tomam proporções atuais. Organizamos “sistemas de crenças que perpetuam configurações corporais e psicológicas.” (1995, p. 65)

⁷³ Fala de uma das mulheres com as quais compus esta pesquisa

As emoções brotam, emergem num salto: “me fechei em mim, fiquei medrosa, não suporto ouvir alguém gritando. Fujo. Não quero incomodar ninguém, coloco um fone de ouvido no trabalho e mal olho para as pessoas.” Um choro contido, uma voz embargada. Um corpo cheio de dores, fraco nas pernas. Diz: “estou me arrastando”.⁷⁴

O passo dois segue aqui, como crio esta imagem e perpetuo-a somaticamente? Digo para experimentar o que vem, deixar vir, sentir n(o) corpo. Intensificar este padrão, levá-lo a contração, tensioná-lo para voltar atrás, afrouxar, relaxar mais, desfazer uma montagem já estereotipada. Perceber este processo, análogo a sanfona, contrair mais, mais, um pouco mais, depois desorganizar aos poucos, sentindo e percebendo, deixando o corpo receber a desorganização, a desmontagem. Aqui se faz o terceiro passo. Ao invés de remoer, tentar achar explicações de causas e conseqüências, ficar na culpa, no ressentimento, parte-se para experimentações. São criações, são novas passagens.

Nestes movimentos, estamos diante de memórias, imagens, sentimentos, imaginações que poderão emergir. Diálogos internos acontecem, problematizações e muitas vezes culpas, ou culpados. O exercício do como nos permite desenhar formas já demarcadas e produzir novas, como um exercício estético ao vivo.

Permitir remodelar-se em outros formatos, é como diz Keleman (1995, p. 29) “é como esperar uma visita. Essa visita pode chegar como um sentimento, uma intuição, uma imagem ou uma associação. Espera é criação, gestação, incubação.” Aqui está o entre, entre um corpo, um modo de viver, memórias, que por ora sufocavam, inflavam, enrijeciam e uma abertura que transcenderá sua história somático-emocional. O passo quatro se faz assim. Em me separar, me afastar da história que fui envolvida, para começar a construir uma nova.

Em uma nota, Keleman (1995, p. 41) nos diz: “ter forma é estar vivo, mas permanecer fixado numa forma é estagnar. Nosso destino é continuar a formar.”

⁷⁴ Estas falas continuam sendo da mesma mulher citada acima.

O passo cinco está em seguirmos num processo formativo. Keleman (1995) nos aponta que criar novas formas requer “muita prática” (p. 30). Requer também engajamento de si, respeito a si. Num mundo em que mulheres são bombardeadas por modos de se vestir, modos de ser, falar, ocupar uma montagem que já está “acomodada” e sair dela requer de nós ousadia.⁷⁵ E este é o último passo. Ousar-se em criar formas, mais sutis, mais gentis, que imploram por passagens.

Último passo? Sim, pela metodologia trabalhada por Keleman (1995). E como somos um contínuo, o primeiro de muitos, muitos outros.

⁷⁵ Cito o livro *O Intolerável Peso da Feiúra*. Sobre as Mulheres e Seus Corpos de Joana de Vilhena Novaes, 2006.

Alteridade

Ela encontrou sua tia e olhou-se diante dela. Viu o absurdo de uma vida. Sua vida. Demasiada, tonteou-se. No absurdo não quer ser. Quietou-se. Busca um lugar. Qual lugar? Terá que criar. Ela quer devir-outra.⁷⁶ Ela quer a anti-memória. “O esquecimento das coisas é minha válvula de escape. Esqueço muito por necessidade. Inclusive estou tentando e conseguindo esquecer-me de mim mesmo, de mim minutos antes, de mim esqueço o meu futuro. Sou nu.”⁷⁷

⁷⁶ Trataremos deste conceito trazido por Deleuze e Guattari mais adiante neste trabalho.

⁷⁷ LISPECTOR, Um sopro de vida. 1978, p. 145

***Triste, Louca ou má*⁷⁸**

Certo dia, estava no transcol⁷⁹ e, nele, uma mulher considerada louca, sentada em uma das cadeiras. Aliás, ela pegou as duas cadeiras para si. Eu fiquei mais para trás. De onde eu estava ouvia gargalhadas da mulher. Isso me atraiu como um perfume. Como alguém pode dar gargalhadas nesse sistema de transporte que temos em Vitória? Eu lá, com minha testa franzida, não via a hora de chegar no terminal rodoviário – nome mais do que estranho, porque não termina nada. De lá ainda preciso tomar outro ônibus para seguir meu destino, que é minha casa. As gargalhadas dela me provocavam risos. Pensei que seria uma saída possível para eu distrair no trajeto. Um lugar mais próximo dela surge, decido ir para lá. Olho para ela, ela não me vê, estou de costas para aquela mulher. Ela pendurou uma toalha de banho nos ferros do ônibus. Além de rir, ela beijava a toalha de vez em quando. Eu achava graça. Ainda segurava um cigarro apagado nas mãos. O ônibus não estava tão cheio. Todos que estavam olhavam para ela. Conversavam baixinho entre si. Tinham pena. A trocadora levantou do lugar, foi até a roleta e disse para todos os passageiros: Eu conheço esta mulher há algum tempo, ela era magra, normal. Mas agora olha como está: vive comendo lixo. Eu já a ofereci comida, mas ela não quis. Preferiu ir ao lixo comer. Uma mulher ao meu lado falou também que a conhecia. Que sentia pena dela. Fez cara de negação.

Eu olhava para ela e ela dando gargalhadas. Não conseguia sentir pena. Até me perguntei: Será que tenho que ter esse sentimento por ela? Mas que sentimento mais horrível. Não quero isso. Ela estava me fazendo rir. Ela pendurava a toalha, acertava e alinhava o pano sobre o ferro. Algumas vezes olhava para trás. Eusorria. Aquela mulher, solta, como se estivesse numa peça teatral, encenando. Sem preocupações com os olhares, com os julgamentos. Alguns demonstravam medo quando ela se levantava. Eu, no entanto, estava admirada. Ela, com um vestido frente única, velho, rasgado. E daí? Com um *top* vermelho por baixo, deixando os seios por mostrar. Aquela mulher tinha certa sensualidade, certa feminilidade. Fiquei pensando em que feminino estamos nos apoiando. O feminino tem rosto de quem?

⁷⁸ Tema da música de Francisco El Hombre.

⁷⁹ Transporte intermunicipal público da Grande Vitória/ES no qual passo quase um hora nos deslocamentos de minha casa para UFES cujo trajeto se dá de Serra para Vitória. São necessários dois ônibus para este percurso com descida no Terminal de Carapina para tomar o segundo ônibus.

Lembro-me logo de Maria Bethania, em Carta de Amor:

Me sumo no vento, cavalgo no raio de lansã
Giro o mundo, viro, reviro
Tô no recôncavo, tô em fez
Vôo entre as estrelas, brinco de ser uma
Traço o cruzeiro do sul com a tocha da fogueira de João menino
Rezo com as três Marias, vou além
Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales, montanhas
Durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões
Corpo vivo de Xangô
Se choro, quando choro, e minha lágrima cai
É pra regar o capim que alimenta a vida
Chorando eu refaço as nascentes que você secou
Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio
Vivo de cara pra o vento na chuva, e quero me molhar

Aquela mulher me ensinou a ser feminina: Quero me molhar.

Aquela mulher, com o cigarro nas mãos, o decote no vestido, o olhar para trás com um sorriso por cima do ombro me fala do devir⁸⁰ mulher.

⁸⁰Conceito trazido por Deleuze e Guattari (1997) e será ampliado no próximo capítulo.

DEVIR-MULHER E UM SOPRO DE VIDA

De repente as coisas não precisam mais fazer sentido. Satisfaço-me em ser. Tu és? (LISPECTOR, 1978, p. 11)

Quero esquecer que jamais esqueci. Quero esquecer elogios e os apupos. Quero me reinaugurar. E para isso tenho que abdicar de toda minha obra e começar humildemente, sem endeusamento, de um começo em que não haja resquícios de qualquer hábito, cacoetes ou possibilidades. O know-how eu tenho que pôr de lado. Para isso eu me exponho a um novo tipo de ficção, que eu nem sei ainda como manejar (LISPECTOR, 1978, p. 70).

Não quero ser somente eu mesma. Quero também ser o que não sou (LISPECTOR, 1978, p. 48).

Eu que danço doida. Quem me quer assim seja (LISPECTOR, 1978, p. 47).

Começo em tentativas com Clarice Lispector, com estes fragmentos, para compor uma passagem pelo devir, conceito trazido por Deleuze e Guattari (1997). Este livro de Clarice, *Um Sopro de Vida*, também me acompanhou neste mestrado. Ângela, personagem do livro, criada pelo autor, com quem dialoga, como se fosse seu espelho, um reflexo, mas alguém que o difere, ele diz: “sonhei que brincava com meu reflexo. Mas meu reflexo não estava num espelho, mas refletia uma outra pessoa que não eu. Por causa desse sonho é que inventei Ângela como meu reflexo?” (p. 23)

Esta personagem, Ângela Pralini, nos traz seus caminhos. Seus des-encontros. Ela quer se fazer, chama a atenção para a potência de criar a vida, que insiste por novos gestos. Vislumbramos, nestas frases acima, modos de mulher que intentam fugir ao modelo da representação, que abrem fendas naquilo que se intitula mulher, propõem repensar as práticas discursivas e promovem o acontecer de impossibilidades.

O que proponho ao trazer estes recortes de Clarice Lispector é uma problematização acerca das formas em que se constituem o ser mulher. Um

sopro de vida é fazer insurgir torções, re-existências, estilhaçar, produzir metamorfoses, “dançar doida”. Palavra mulher deve ser movimento constante e não movimento imposto, imutável.

É neste sentido que Deleuze e Guattari (1997) propõem, em suas formulações sobre devir, o devir-mulher, que não está num delineamento, nem em regulações. O devir não comporta dualidades, formas, genealogias, árvores classificatórias. Ele não imita, não se faz parecer, nem igualar. O devir é multiplicidades, movimentos.

Devir é contágio, não busca filiação. Encontrar raízes que sempre recomeçam, conectando-se a outros terrenos. Devir não é encontrar os limites e levantar muros, é desconhecê-los, é entrar numa zona de vizinhança. O devir-mulher é abertura, frágil metamorfose, possibilidade de não fazer parte de dicotomias, identidades de gênero e sexo. O devir é fluxo: “onde o inaudível se faz ouvir, o imperceptível aparece como tal.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 32)

Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher, pois ele é a chave para outros devires. A abertura para a diferença, para outro só se efetivam num devir-minoritário, uma vez que o modelo majoritário já está dado, colocado. Precisamos do devir-minoritário para romper com um padrão de funcionamento dominante, molar.

Deleuze e Guattari (1997) trazem o conceito de devir molecular para diferenciar de molar. O molar seriam as formas que conhecemos já nos dada, há a mulher enquanto colocada numa visão dual que opõe ao homem. O devir molecular, é o que não está aí, não há forma, nem definições a priori. Ele é um devir minoria justamente por fugir dos modelos hegemônicos, falocêntricos, dominantes. Devir-mulher é invenção para todos, é fuga para as máquinas duais, “estar entre, passar entre, intermezzo” (p. 69). Para não reproduzir uma estrutura de gênero, estereótipos, o devir permite fluidez, caminhos prazerosos, ele rompe com as codificações feitas ao corpo com órgãos, corpo fabricado, desejos roubados. Para os autores, para se constituir o devir-mulher, é preciso uma

desterritorialização do desejo, uma mudança no movimento do desejo, movimento este, transformador e revolucionário. “É como se um imenso plano de consistência com velocidade variável não parasse de arrastar as formas e as funções, as formas e os sujeitos, para deles se extrair partículas e afectos” (p. 61).

O devir-mulher é de todas as minorias, pois exatamente ele arrasta formas e funções, ele foge da visão androcêntrica, falocêntrica e patriarcal. Ele rompe com o sexismo, racismo e hierarquias.

Importante o olhar de Ângela na literatura de Clarice Lispector (1978) para compor a leitura com o devir:

“Eu inventei Ângela porque preciso me inventar” (p. 27).

“Eu quero a verdade que só me é dada através do seu oposto, de sua inverdade. E não agüento o cotidiano” (p. 17).

A invenção de Ângela é uma ruptura, é linha de fuga. Ângela não suporta modelos fixos, forças retrógradas. Clarice com Ângela fabula experiências, inaugura linhas abstratas, tempos no infinitivo. A arte de se inventar, emergindo da rigidez que se configuram as estruturas que definem, oprimem, desqualificam mulheres. Clarice, com Ângela, se coloca neste corpo político, capaz de reafirmar e protagonizar uma história. Romper com um estado de dominação, um estado que é de maioria não em quantidade, mas em relação a um padrão (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Sob este olhar é que os devires sendo minoritários, passam pelo devir-mulher, pois estão em relação a um padrão-homem. Incluem as mulheres, pois estas também precisam devir-mulher. É todo um trabalho político que permite uma coexistência de encontros moleculares, opondo-se ao molar (homem, branco, macho, adulto).

Clarice e o devir-mulher ampliam os espaços para destituir as normatizações de mulher, às normalidades que se encontram num padrão legitimado, há aqui uma aposta na experimentação na qual renuncia às oposições, as binarizações de valores, é através das linhas de fuga que podemos desnaturalizar a cultura. Para Deleuze e Guattari (1997), os devires são moleculares que se diferem de entidades molares, estas são aquelas tomadas pela máquina dual que opõe homem e mulher, tomadas por uma forma, demarcadas enquanto sujeitos. O devir-mulher cria, age, constrói a mulher molecular. Clarice, em sua obra, não para de devir.

Uma das primeiras frases do livro *Um sopro de Vida*, Clarice escreve:

Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? Que é menos que zero? Que começa no que nunca começou? Porque sempre era? E era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais (1978, p. 11).

Clarice coloca a personagem e a escrita em multiplicidade. Nascimentos, mortes, recomeços, ponto zero, ponto antes do zero. É um despir-se, um abandonar-se para sair dos acômodos, de formatos já obsoletos. Ela insiste: “saber desistir. Abandonar ou não abandonar – esta é muitas vezes a questão para um jogador. A arte de abandonar não é ensinada a ninguém” (1978, p. 13).

Somos ensinadas a compor moldes. Estar neles. Ficar com eles. Julgamos os modelos em bons e ruins, certo e errado. Multiplicidades dão espaços a outros devires, fazer rizomas, “fazer população no teu deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 35)

Não é fácil devir, há critérios para direcionar quanto aos perigos. Há que se ter bordas, produtoras de sentido, contornos, mas que não aprisionem ou reduzam as multiplicidades: “pois também eu solto as minhas amarras: mato o que me perturba e o bom e o ruim me perturbam, e vou definitivamente ao encontro de

um mundo que está dentro de mim, eu que escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma” (LISPECTOR, 1978, p. 16).

Já apontamos em outro capítulo sobre as linhas de fuga e seus perigos, uma vez que ela promove desterritorialização, rupturas. Os caminhos no devir-mulher seguem para uma reterritorialização, um modo de “dar licença, meu caro, deixa eu passar” (LISPECTOR, 1978, p. 17).

Há que se ter uma prudência necessária para não produzir abolições ou mortes, num processo de regressão ao indiferenciado. Para isto movimentos e repousos, velocidades e lentidões, de forma a levar os sujeitos a um plano de consistência para se extrair afectos, agenciamentos e atos de criação.

Clarice, neste livro, experimenta os riscos, os medos, os vazios, os silêncios, os solavancos, os hábitos: “mas há o hábito e o hábito anestesia” (1978, p. 12), todos promovedores de inquietações, angústias, num processo de deixar-se pulsar. Diz: “meu problema é o medo de ficar louco” ... “minhas limitações são a matéria-prima a ser trabalhada enquanto não se atinge o objetivo” (p. 15). Ela insiste em se in-comodar, em se rei-naugar: “eu não me lembro de minha vida antes, pois que tenho o resultado que é hoje. Mas me lembro do dia de amanhã. Como começo?” (1978, p. 24)

O devir é uma inauguração, ele se faz em uma linha diagonal que se opõe a linha vertical e horizontal, criando suas próprias rotas que para Deleuze e Guattari (1997) irão se diferenciar do ponto dominante das máquinas binárias: homem um ponto macho e um ponto fêmea. Segundo os autores não é apenas promover a constituição de híbridos como a bissexualidade para garantir um devir-mulher, pois este se faz numa zona de indiscernibilidade desterritorializada da maioria dominante. O devir não se dá em passado e futuro, ele coexiste, emerge, transcendendo a história: “a história só é feita por aqueles que se opõem à história (e não por aqueles que se inserem nela, ou mesmo a remanejamos)” (p. 94).

Transcender a história será liberar-se de pontos da horizontal e vertical que se conectam ao homem (ponto central) e adulto (ponto dominante), há uma criação de uma linha que se passa pelo meio, uma linha de quebra, que não é uma média, mas uma produção de intempestivos, ou seja, liberar-se dos pontos que são majoritários, opor-se aos padrões molares. Temos que para devir se faz necessário: opor-se aos pontos lineares, históricos, produtores de memórias. O devir é uma anti-memória, ele busca uma geografia, busca sobreposição da história-tempo, fazendo emergir a potência de criar vida, independente do seu gênero masculino e feminino. É todo um trabalho micropolítico contra as necropolíticas existentes. O devir-mulher traz consigo o devir-minoritário, nos convocando a um conjunto de processos que se opõem aos modos fascistas que insistem em modos coronéis, ameaçadores, retrógrados. O devir-mulher desterritorializa os modos androcêntricos, faz fugir as opressões, ele também se compõe daquilo que negamos para nos constituir nos modos molares.

Pelo devir-mulher que a escrita de Clarice inaugura realidades, hiatos de liberdade, movimentos descontínuos que quebram e desfazem a rigidez, a fixidez, insurgindo em nós possibilidades, modos inventivos, não mais em quem eu sou, mas em redes de existir: “rompo as comportas e me crio nova.” (LISPECTOR, 1978, p. 131)

A escuta clínica escuta a voz da adolescente pobre e negra?

A adolescente, Jhenifer, dezesseis anos. conheceu um rapaz, do qual engravidou. O padrasto, não aceitando o fato, a entregou ao namorado, dizendo que agora ela era de sua responsabilidade. Foram morar juntos. As famílias são de classe econômica baixa, com pouco acesso aos estudos. A tia, responsável por pagar as sessões de terapia é quem tem uma condição melhor. A família, mãe e padrasto não podem arcar com esse gasto. Jhenifer, ao ir morar com o namorado, vem sofrendo várias situações de violências, que vão de xingamentos a tapas, socos, ameaças de morte com facas, até mesmo armas. A história familiar de Jhenifer também é atravessada por tal contexto. Sua mãe sofreu violência por anos pelo padrasto, de modo que Jhenifer só conhece essa vida. Estava na sexta série quando parou de estudar, por conta da gestação. Desde a gravidez, enfrenta os abusos por parte do namorado. Um ciclo de repetição. A tia disse para ela que quer apoiá-la, já conversou, ofereceu sua casa para Jhenifer morar, mas ela não consegue sair da relação. Agora, a tia oferece as terapias como forma de apoio. A garota nunca foi a um psicólogo. Não sabe do que se trata. Mas ela conhece o tráfico, o mundo das drogas, o mundo da violência. Jhenifer escreve do seu jeito. Tem preguiça de ir a escola, ela diz. “A escola não é para ela”, pensa-se.

Jhenifer vem para a terapia arrumada, de batom, penteado no cabelo. Vem sem a filha, deixou com uma prima. A gente senta no chão para fazer um desenho. Para ela se desenhar, escrever como se sente, como se vê com o namorado. Jhenifer tem vergonha de desenhar e de escrever. Tiramos os sapatos para ficarmos mais a vontade, mais soltas. Ela me convoca a estar com a experiência. Jhenifer me inclina para textos como *A fábula do garoto que quanto mais falava mais sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder*⁸¹ e *A escuta surda*⁸². No lugar de especialista, do saber, eu me afasto de Jhenifer. A menina já falou e ninguém a ouviu. Já quis se matar. Ela não requer diagnósticos, nem análises. Jhenifer me convoca a reinventar uma clínica, me convoca a experimentar, a pensar numa vida outra, a sair da

⁸¹Luiz Antônio Batista pesquisado no site <<https://pt.scribd.com/document/373215694/BAPTISTA-L-A-A-fabula-do-garoto-que-quanto-mais-falava-sumia-sem-deixar-vestigios-cidade-cotidiano-e-poder-pdf>>, em 05/07/2018.

⁸²BAPTISTA, 1999.

caverna.⁸³ Ela é uma menina negra, pobre. Fazer terapia é um luxo; ir na 'Dra', e ouvir uma análise sobre sua vida é mais uma vez dar uma sentença de esquecimento, de mais uma que faremos morrer. É assim que me sinto, que se pode seguir caso o *especialismo* me consuma. Jhenifer será mais uma nas estatísticas daquelas que fracassaram na escola, das adolescentes grávidas, da menina rebelde, será mais uma individualizada, com *personalidade*.

Não! Eu não queria esse lugar, cheio de informações, como mais uma matéria do jornal. Queria me lembrar do rosto, do sorriso escondido, do olho perdido. Da história das mulheres negras que percorrem este Brasil. Das marcas de violência, escravidão, do preconceito, do ódio.

Minha cadeira cede lugar, meu saber se consome com o dela. Fazemos o desenho, ela faz um olho. Diz que é triste. Agradece, no fim. Eu a agradeço com um abraço.

⁸³PLATÃO, 2001.

O QUE SE PASSOU ATÉ AQUI? A CARTÓGRAFA-ESCRITORA E SUA EXPEDIÇÃO...

Com minhas andanças na pesquisa, carregando só o que se suporta em uma bolsa, encontrei tramas, tecituras, modos de se constituir corpos. Tecituras em linhas: duras, flexíveis, de fugas, como já dissemos. Os planos⁸⁴ emergiam e lá estava eu, tirando da bolsa meu diário e um lápis. Na universidade, no ônibus, no bar, na pizzaria, na esquina, na unidade de saúde, nos encontros com amigas, com familiares. Os planos colavam em mim.

A escrita desta pesquisa, sem início daquilo que se diz ser início, feitas aos meios, mas não sem direção, deu-se e ainda se dá por hora contraída e aqui Clarice Lispector ressalta: “todo ser vivo se contrai”.⁸⁵ Esta frase ressoou em mim durante este trabalho, atenta às contrações que se fizeram importantes, que me contraíam e expandiam produzindo outros fôlegos para que a escrita saísse das vísceras e fosse para as pontas dos dedos. E começou a brotar nesta bomba pulsátil, num recolher e abrir, num ir e vir. Sempre acompanhada de livros, de contos, de narrativas. Aos poucos me dei conta do que carregava na bolsa: diários, canetas, lápis e livros. Em todo canto que ia. Nos ônibus eles faziam companhia. Eram leituras, escritas, frases que tocavam a pele.

Comecei então a perceber o que me contornava teoricamente e que se fazia junto ao pesquisar. Elas vêm junto aos caminhos. Assim que se dá um pesquisar. Assim que se faz uma formação em psicologia: não há um saber-fazer e aqui me refiro a um dos livros que me acompanha *Pistas do Método da Cartografia* (Passos; Kastrup e Escossia, 2015), o que se há é um fazer-saber, a teoria só é possível aliada a uma prática e juntas produzem mundos, se a teoria não cola nos processos do vivo, ela se torna fascista, desacoplada de uma postura ético-afirmativa.

⁸⁴ Chamaremos de planos e não campos devido ao olhar da cartografia que será mais ampliado ao longo da dissertação.

⁸⁵ LISPECTOR, Angina Pectoris da Alma, 1999.

Então o que se há de fazer? Primeiro é preciso ter um corpo para sustentar uma espera, uma calma como produção de cuidado ao que virá. As contrações, portanto, são forças que fazem desabrochar um fazer-saber implicadas, interessadas, desdobradas sobre o mundo a pesquisar. Deparei-me: não há caminhos prontos, não há. E tive que construir isto, e tive que sustentar. Daí a palavra hódos-metá também me encontra. Vivi na reversão de uma metodologia. De um caminho pronto, estruturado, neutro, com roteiros definidos de antemão. Propor um caminhar que se dá no entre, nos mergulhos do campo, no se permitir tocar e ser tocado não quer dizer que não haja rigor com a pesquisa. Quer dizer que o que se propõe é uma vida imanente,⁸⁶ acoplada, cheia de pele, vísceras, entre-corpos. No tateio de afastar o pensamento da lógica da representação, de um mundo dado, com técnicas, com perguntas estruturadas. Faz-se assim esta pesquisa, nas co-produções de uma clínica-cartógrafa. Neste percurso, foi-se tecendo comigo atalhos-pistas. Gosto de chamar assim o que se ia costurando, bordando. Clarice Lispector me acompanhava. Nos livros da bolsa, nos contos que lia. Comecei a ver o mundo com Clarice. Acompanhando-me nas sutilezas, nas palavras, nos processos do vivo, nos processos (des)humanos.

Clarice foi borda ao que se passava por mim. Uma escrita densa, escrita água que flui, que corta, que atravessa os modos de se fazer viver em meios aos cenários encontrados entre mulheres. Habitar o mundo é lugar do cartógrafo, habitar o mundo e acompanhar processos também, e aqui Clarice entra bem nesta conversa. Nas histórias da autora os dramas cotidianos podem ser experimentados intensamente. Neles o que se passa são tecituras de vidas, o trágico, o belo, as dores, as faltas, os excessos.

Clarice não dá moral da história, não interpreta, não aconselha. As narrativas dela e que se propõe aqui provocam intervenções que são clínicas, que remexem nossos lugares, papéis ocupados, produz incômodos, fissuras e deslocamentos.

⁸⁶Aqui cito Deleuze e me refiro ao seu texto: Imanência: uma vida consultado em http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr4/10_Gilles-Deleuze_Imanencia-uma-vida_trad-Sandro-Fornazari_Limiar_vol-2_nr-4_2sem-2015.pdf às 18:07 do dia 26/11/2018.

As escritas podem ser ferramentas clínicas. As escritas de narrativas não se propõem em amansar, mas para nos fazer olhar melhor, olhar de perto, escavar, produzir deslumbramento. Não se Lê Clarice e se sai da mesma forma. É um estrangeiro vendo coisas, vai desmontar cada momento, cada lugar.

Ela tenta aproximar a linguagem dos afetos. Usa hipérboles, abre véus, não é enfeite, é para atravessar, cortar. Não é possível ler impunemente. Não se sai ileso. Ela faz provocações do quanto a gente quer os papéis ao invés de experimentar o vivido, a experiência. A gente quer o lugar seguro ao invés da felicidade do prazer. Clarice põe a gente em confronto com nossas amarguras

Ela percebe que a gente se defende muito e provoca cortes de uma vida menos acomodada.

Clarice quer a potência, não quer adornos, enfeites. Ela quer adentrar, invadir e deixar atônito o leitor. Recoloca em cena a forma como nos protegemos da vida, nos escondemos dela.

Com um olhar cartógrafa-clariceniana, eu me misturava, chegava perto, acolhia falas, apenas ouvia, ampliava ouvidos e pele. Os atalhos ganhavam caminho, contornos e escritas de narrativas. Contaminava-me com o vírus do desassossego, com incômodos, com histórias. Não cabe aqui falar em coleta de dados, pois não há uma retirada, um empacotamento, uma extração para se colocar em potes e serem analisados em laboratórios. Há aqui um modo afeito, um modo de contorções, alongamentos a fim de se roçar onde não se sabia chegar. Este modo nem de longe é neutro. É um modo de se estar presente. De se fazer sentir. As mãos tocam o campo, o campo toca e há uma produção, uma aposta de mundo.

Toda pesquisa é intervenção (PASSOS; BARROS, 2015). E se há uma intervenção, é entre, é com. É deixar-se respingar ou esbarrar-se ou se inundar. Cabe pensar em como estamos habitando territórios de pesquisa. Como estamos construindo um saber que se dá indissociável ao fazer. E que não há

como comportar dualidades (saber x fazer, fazer x saber), mas sim um acoplamento, um encontro possível horizontalizado que posiciona o pesquisador a uma atenção sensível ao que emerge, ao que aparece.

Estejamos atentos aqui. A palavra campo neste contexto de intervenções torna-se limitada, uma vez que há uma desestabilização deste formato de campo (PASSOS; BARROS, 2015). Campo já modula limites, espaços fechados, área que reduz a um terreno específico, como se só lá ele operasse. Quando falamos em campo, limitamos o espaço de localização, focamos algo, individualizamos e ainda acaba por comportar uma orientação que focaliza no sujeito uma gênese, produzindo individualidades solitárias.

Na cartografia, preferimos dizer que estamos em um plano e não campo. O plano amplia os processos pelos quais nos propomos a pesquisar. O plano comporta as forças, os modos instituídos, instituintes, comporta energias potenciais, vir a ser, atravessamentos. O plano direciona para os processos que se passam, para os acompanhamentos e não enrijecimentos de lugares como pesquisador e pesquisado, mas sim entendemos como uma processualidade que se faz com e não sobre.

Cada palavra, cada gesto, cada movimento se fazia junto com, emergiam num plano afetivo. E isto diz que a cada encontro com mulher (es) haviam mundos sendo carregados, transformados, despertados, havia ali uma atenção permanente não em me ater exclusivamente ao que era feminino, a como se faz e se produzem mulheres, de forma estruturada. Eu tinha uma atenção difusa, não era um foco específico. Buscava circular sobre as intensidades de expressões, de cuidados, dos endurecimentos e das vibrações. A realidade sobre a qual me debruçava se compunha por linhas, pela desestabilização delas, pelas formações, pelos desenhos.

Foi-se constituindo uma cartógrafa-clínica, ou vice-versa. Constituir-se neste plano é deixar-se permitir experimentar e se banhar com o que se propõe a estudar. Houve uma aposta: mulheres, clínica, cuidado, adoecimentos,

medicalizações. Estas pistas trouxeram alguns desassossegos e eles me levaram ao mestrado. Havia o desejo de estudar mais, de ampliar, de buscar uma atenção e cuidado na construção de uma clínica com mulheres. Implicada com este mundo, engajada nestas pistas o trabalho foi-se tecendo. Surgiram encontros com mulheres, encontros cheios de força e vida.

No entanto, ainda não se sabia como fazer com todas estas co-produções que emergiam. Não se sabia. Lidar com o não saber nem sempre é fácil. Estamos acostumados com o plano do coletar dados, transcrever, analisar e dar respostas ao que se coletou. Metodologia pronta, cognitivista do input-output. Lendo sobre cartografia e a literatura de Clarice foi emergindo um engajamento com a escrita. A escrita brotou, floresceu. Escritas soltas, transbordantes, cheias de expressividades.

As escritas traziam passagens, lugares, pessoas, elas nasciam dos encontros, do corpo que se afetava, que estava ao lado e que possibilitava a construção de um mestrado com intensidade. Escrita ativa. Escrita implicada, cultivada por teorias da psicologia, filosofia, literatura. As escritas não vinham sozinhas, eram acopladas a um ethos teórico que se juntava a uma prática de uma psicóloga-mestranda. Escrita-prática-teórica. As palavras com hífen foram ganhando ainda mais força neste coabitar, nesta disponibilidade entre prática e teoria. O que parecia confuso, obscuro lá no início foi tomando forma, transformando-se em escritas, em diálogos e, sobretudo em postura afirmativa na vida com uma clínica que propõe a ouvir, expandir, demarcar singularidades e acompanhar ritmos.

Conforme as narrativas teciam-se, comecei a compartilhá-las com algumas mulheres, encaminhava para algumas, lia no consultório para outras, entregava num envelope para serem lidas depois. Era uma restituição de um registro. Aqui se pode falar em pesquisa-intervenção (BARROS; PASSOS, 2015). Acompanhar o que vinha depois de uma leitura, perceber que a pesquisa não era só minha ou de um grupo específico era importante neste modo de constituição da cartografia. As narrativas circulam e permitem a ampliação e

publicização daquilo que está se produzindo com elas, as mulheres. Esta pesquisa não se fez sozinha. Esta pesquisa tem muitas mãos, bocas, cheiros, olhares, muitos corpos.

SE A TEORIA NÃO SE ACOPLAR A PRÁTICA ELA É FASCISTA

As escritas se deram como experimentações em clínica, em que procuro dar visibilidade a histórias, a modos de vida. Não vejo estes modos dissociados de um referencial teórico que me acompanha. Meus ouvidos estão impregnados pelas escritas de Deleuze, Guattari, esquizoanálise, literatura, Stanley Keleman, Foucault, Regina Favre, Conceição Evaristo, Suely Rolnik, e muitos.

Numa clínica que funciona nesta perspectiva poderia-se pensar como na arte experimental, estar atento ao tipo de maquinaria que está operando para bloquear o indivíduo nas diferentes situações que ele vivencia. Que linhas segmentárias prendem suas aberturas de saídas.

Através das escritas, das narrativas feitas, algumas entregues a pacientes, ou outras mulheres, experimentar-se-ia, modos de se ver. A escrita funciona como espelho de como estamos nos produzindo, é um lugar que possibilita incômodos ao lerem histórias que possibilitem um encontro de si, reinvenção de si, quebras na realidade, cortes no pensamento.

Experimentar com a escrita é também criar uma vida. E para isto, é preciso criar uma guerra aos próprios órgãos como nos diz Artaud. Deleuze se apropria desta guerra com o fim de criar para si um corpo sem órgãos (CsO) (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Este conceito esteve presente nos encontros, no modo de ver a vida, numa postura ética-política de afirmar a clínica.

O CsO pretende uma revolução a modos de vidas esvaziados e não plenos, modos medíocres e não criativos. O CsO não visa uma luta contra o organismo, mas sim contra sua forma de funcionar que atende a uma lógica produtiva, adestrada, moldada dentro de moralismos asfixiantes. O CsO visa encontrar uma ética, foge à lógica produtivista para encontrar intensidades, outros modos de experimentar a vida que lhe sejam mais expressivos. De acordo com Keleman (1996), o corpo vivo se faz em processos expansivos, plenos. O corpo que se produz em ilhas, tende ao sufocamento, à exaustão. Produzir um corpo para si é ampliar continentes, expandir em contatos, conexões.

O corpo é tão somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, Metrópolis, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia?” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.16)

O CsO só se faz por experimentações, ele não é algo dado, fixo, universalizante. Ele se dá num contínuo que permite passar por movimentos, fluxos, “intensidade = 0, mas não há nada de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias” (p.16). Para isto o CsO foge a vida anestesiada que entorpece, ele se desorganiza para se instrumentalizar em produções, aberturas a novas sensações, disposições. Por exemplo: enquanto na psicanálise se percorre o caminho da anamnese, na esquizoanálise se dedilha pelo percurso da experimentação, de agenciamentos com outras portas, com aberturas de prazeres, não com faltas, mas com produções conectivas de forças, de ampliações. A aposta é no nomadismo como movimento, num processo que se dá pela dessubjetivação. Não há aqui uma interpretação, mas sim articulações de forma a abrir o corpo a novas passagens.

Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.13).

A esquizoanálise aponta para mapas cartográficos que se compõe mais em linhas geométricas que históricas. Neste movimento geográfico é que se pode criar um corpo que não perde o processo formativo. Este olhar sobre a clínica só se dá pela perspectiva de um inconsciente que é maquínico, é um complexo de máquinas desejanter e não de máquinas de falta, de causas e conseqüências, mas, sobretudo se aposta num inconsciente criativo, “abridores de portas” (p.16).

Inventar programas experimentais junto com as pacientes para criação de novos territórios possíveis, deixando claro que não existem curas milagrosas, mas que a clínica é espaço de expansão, ampliação da vida, criação de dispositivos que

nos agenciem a modos de vida mais artísticos. Guattari dizia que em certos casos dever-se-ia receitar poesias.⁸⁷

Uma paciente trouxe uma crônica de Clarice Lispector: *Se eu fosse eu*. Disse que se tratava de sua vida, que se via na crônica. Proponho que seja lido enquanto a paciente faça movimentos pela leitura desta crônica. Andando, mexendo cabeça, pernas, braços, dançando. Isto parecia ser uma saída para uma paciente que chega “encolhida” a clínica. Pensar em entradas em um corpo que só quer sentar ou deitar, se possível se esconder por trás das almofadas do consultório. Propor um CsO que mova para fora movimentos de desobstrução, reinvenção de si.

A literatura, a escrita, as palavras são maquinarias de intervenções, são dispositivos que funcionam como problematizadores dos processos de subjetivações e possibilitam deslocar o indivíduo a novos territórios.

A literatura como a de Clarice Lispector produz inquietações, desassossegos, incômodos capazes de intervir em modos de se colocar, se usar no mundo.

Em diversas situações utilizei fragmentos de literatura, as próprias narrativas, de forma que lêssemos em voz alta, percebendo e estando atenta ao que a leitura disparava.

Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também pleno de alegria, de êxtase, de dança? Então por que estes exemplos? Corpos esvaziados ao invés de plenos. Que aconteceu? Você agiu com prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.13).

Os autores apontam para uma prudência ao lidar com este corpo. Há que se afirmar o pensamento-problematização deste corpo organizado, estruturado, ordenado. Este corpo que opera com uma máquina de regulação. Vamos

⁸⁷ GUATTARI; ROLNIK, 2013.

introjetando neste corpo leis, regras, moral, “alimente-se disto, não coma aquilo”, “malhe”, “foco, força e fé”. Maneiras de resgate de um corpo, adestramentos, apreensões, padecimentos, anorexias, bulimias, hipocondria.

O CsO trata de tomar posse de si, fazer uma escolha ética de si, estética. A problematização entra nesta conversa. Como estamos operando neste corpo? Estamos inventando mundos ou desapossados de mundo? É preciso que haja outra composição de corpo. É um desafio, uma provocação para este corpo estruturado em um recalque, em um passado. O CsO exige criação, um despertar. Não é uma guerra aos órgãos, mas sim a aquilo que o separa das suas intensidades, vibrações. O CsO é uma saída para o corpo em coma afetivo. É uma saída para os cárceres bioquímicos, cárceres aos corpos cansados, fadigados. Para os olhos que tudo querem ver, para as mentes que tudo querem saber. Domingues (2010) propõe estarmos à flor da pele para nos possibilitarmos os “entres”, dar espaços, permitir expansões, transmutações. Se há anestésias que adormecem a pele, há aí um CsO que pode permitir um estremecer, que nos fará estabelecer um outro vir a ser.

Keleman (1996) nos diz que o modo como nos conectamos ao mundo depende da qualidade da vitalidade dos nossos tecidos. Podemos estar sufocados, sem vibrações, amortecidos. Nossos corpos apresentam estados de vibração, pulsação e correntes. São funções naturais das células, órgãos. Se o corpo está desapossado, destituído de suas funções, ele está contraído. Um corpo pleno se contrai e se expande, vai e vem, há um rito e um ritmo de movimentos. Ele afirma:

Se há interferência nas minhas correntes de energia, na minha liberdade, reajo violentamente. Uso de violência comigo, com você, com o meu ambiente. Contorço-me. Ou me amorteço, vivo numa espécie de sono. Restrinjo meus contatos sociais (1996, p. 33).

Escrita composta na descontinuidade dos instantes em intensidade pulsante e insistente que não deixa a fenda fechar. Enredo que provoca interrogações e inquietudes que instigam o corpo movido a grito: escrever pode algo? Faz frente

aos modos habituais de viver, de pensar? Faz frente às linhas duras que aprisionam a vida do homem? Pode a escrita fazer-se intervenção ético-estético-política, dessas que não estão presas em um território fechado, mas que se fazem em ato, bifurcando percursos, produzindo experiências de desvio das formas habituadas de escrever, viver, pensar?

UMA HISTÓRIA DE ALGUMAS MÃOS E OLHARES DESTE TRABALHO

As mulheres que se sentam à mesa

Ela sempre pensou que sentar à mesa era coisa séria, para quem teria uma conversa de enfrentamento, esclarecimentos, conversas que podiam provocar medo, testa franzida. Sentar à mesa, nem sempre podia ser um gesto aliviador, mas uma tensão quando o pai a chamava para conversar. Ele não batia, dizia que não gostava de bater, mas sentava à mesa e assustava com medos, com pautas. Nem sempre o medo se presentificava, todavia as pautas eram hábitos. Pautas do que falar, gravadores para registrar. Assim se davam conversas em família. O pai era empresário. Passava ensinamentos e correções aos filhos em pautas, em agendas. Tudo registrado. A relação era de pai-empresário para funcionário-filho. Esquisito. Estranho. Ressoava entre os filhos com cutucadas por debaixo da mesa, longe das vistas do pai. Por muito tempo foi assim. Até que uma das filhas cresceu. E fez muitas outras coisas, e o mundo girou. Viu-se sentada por outras mesas. Uma delas com mulheres. Só mulheres. Eram sete. Todas vindas de lugares desconhecidos. Todas com mundos estranhos. Em volta da mesa as sete se constituíam. Um dia uma estremeceu de ansiedade, a da ponta trazia risadas soltas, numa a militância não passava despercebida. Outras mães; outras separadas. Outras riam do encontro. Sete mulheres à mesa. Sete mulheres com suas pautas atentas. E se teciam. E teciam escritas. Escritas estrangeiras que se faz com lupas e curiosidades. Escrita para desmontar o já amontoado. E a escrita que não se faz longe do corpo, produziam também crises. E, por falar em crise, esta vem para nos desassossegar, nada de amansar. É ruptura. É a experiência se produzindo em hipérboles. Se a experiência, o experimentar, for com uso de eufemismo, nós a confrontamos, adentramos no que a vida está nos trazendo. Certo dia, uma delas quis se reduzir, disse que o texto estava feinho. Logo, uma ruptura: Como move, que corta, que rompe.

Um grupo com sete mulheres se dá numa (des)organização que se move com expansão e contração. Estamos atentas ao que nos amplia, ao que nos reduz. Estamos atentas às polaridades que nos limitam, ao machismo, ao patriarcado e

ao racismo que pode nos mobilizar com apatia, colapso, no medo de afirmação, em sentimentos retraídos.

“Os homens sempre falaram por nós” – frase que sobressaiu certo dia. A gente se surpreende, respira. Fala, contorce palavras e produz um jeito de fazer pesquisa, de se fazer mulher, de emergir o devir-mulher. A gente também produz outros jeitos de se fazer mestrado: Comendo banana com canela, criando contornos de como organizar a vida, chorando, caminhando entre términos de relacionamentos, começando outros. Até a bolsa a gente abre, expondo segredos. E as mulheres ajudam a recolher objetos. E andamos atentas ao que carregamos na bolsa.

Além de sustentarmos como fazer mestrado, como caminhar com leituras, filhos, namoro, casamento, como construímos um fazer-saber em Psicologia. Um fazer-saber em que apostamos coletivamente. E qual é este lugar de que falamos, que partimos em uma visão de mundo? Aqui, o texto O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica⁸⁸, acopla-se aos nossos modos de fazer uma aposta na Psicologia. Neste texto as autoras expõem novos modos de lidar com nossos banais cotidianos, com aquilo que emerge como dúvidas, questionamentos, indagações, sofrimentos que sobrevém dos processos humanos. Fazer uma clínica que se propõe libertadora, que se desdobra em meio às múltiplas dobras da pele, de modo a criar espaços que ampliam a criação, arte numa estética da existência é fazer uma aposta no vivo, numa vida que resiste, enfrenta modelos hegemônicos que habitam o contemporâneo, produzindo sujeitos embotados, esgarçados, adaptados.

A prática na construção deste mestrado, na construção de uma aposta em uma certa Psicologia está em consonância com isso. E isso me ajuda a pensar e construir uma clínica com o método cartográfico, passeando pelas histórias, pelas escritas, pela literatura, pela Psicologia corporal. A cartografia é isto: mapear vidas, histórias, como os corpos estão marcados e conversando comigo, como me fazem pensar a vida e me ajudam a estar com o outro, no consultório, na produção de potência, na construção de si e de mundo.

Uma das mulheres à mesa sou eu. E ela se produz nas conversas abaixo:

⁸⁸ FONSECA; KIRST, 2004.

A escrita em mim constrói uma clínica-cartógrafa que observa, que explora mundos como um estrangeiro buscando detalhes, atento ao que se passa, se afetando, se deixando afetar. Como estes encontros e estes afetos provocam transformações em mim e como estas afetações podem ser transformadas, podem ser devolvidas num fazer com, devolver todas estas narrativas é dizer que há uma atuação clínica que não se faz na neutralidade, nem com uma técnica, nem com um saber já pronto e estruturado. Mas sim com uma atenção sensível aos modos de se produzir mulheres, aos modos que se constroem vidas. A escrita feita com as narrativas, casos, herstories,⁸⁹ não foi dada por acaso. Com a escrita há aqui uma forma de se implicar, de se deixar sentir e perceber o que se passa. Há aqui uma produção de uma psicologia que afirmo vivida com e não sobre o outro. E a escrita que se compõe numa literatura feita e durante todo o percurso do mestrado tem por sua afetação uma forma de acompanhar processos. A-com-panhar, apanhar com o outro aquilo que salta, que emerge no encontro, que faz cortar, romper, expandir o movimento. Para isto o corpo sem órgãos se faz imprescindível. Há aqui uma clínica-cartógrafa que “acolhe a complexa tarefa de viajar para dentro, visualizar o avesso, como um mapear das intensidades e dos afetos que constituem nossos estados e que ocupam nossos corpos a cada momento” (Fonseca e Kirst, 2004, p. 305).

São apostas. Apostas teóricas que se acoplam a um fazer que não se engessa, que não é tecnicista, mas que só se dá numa trans-formação de mim e do mundo.

Apostando nesta clínica que não é de adaptação, nem de causas e conseqüências, mas de produção de novos sentidos, novos recortes, novas regras uma vez que na atualidade se opera uma captura, um congelamento, estado de tensão, medo, crises, informações contínuas e aceleradas da mídia que assustam e aterrorizam constantemente, formando subjetividades amedrontadas, fragilizadas que se firmam em qualquer possibilidade de segurança. Há aqui um ponto importante, pois o que se produz são esvaziamentos de subjetividades, perda de sentido, de força e embotamentos

⁸⁹DOVE, 1998.

da produção desejante, da produção inventiva e criativa. Rolnik (2004) em “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma demarca o lugar também da clínica como uma afirmação da vida como potência de criação e resistência. A clínica como uma afirmação da existência e expansão.

Para ela no contexto atual do capitalismo mundial integrado o que há é uma produção de um mal-estar dado pela aceleração constante do processo de reforma de si, a todo tempo somos invadidos e atravessados por modos de viver que mal acoplados aos sujeitos, já são obsoletos antes mesmo de nos inteirarmos das sensações que o processo irrompe em nós. Os sujeitos aí envoltos, assombrados, tontos, desacreditados encontram-se em estado de coma. Como produzir uma clínica de resistência e com forças de criação? Como liberar a vida das dinâmicas que a sufocam com a produção de medo, pavor, pânico, geradoras de corpos enfraquecidos? Re-existir sobre uma micropolítica mobilizada por uma agressão em que se opera pelo seqüestro a força de existir e a força inventiva é produzir desobstrução nos germes que envelopam a subjetividade e a enquadram numa condição trágica, cruel à vida.

A clínica aqui opera fazendo emergir criação e resistência que se constituem enquanto força que dinamizam processos afirmativos de existência, a expansão, a alteridade. Aposta-se numa clínica que é condutora de vitalidade, que aposta em conexões. E como isto se dá? Como se efetiva esta clínica? Podemos falar do corpo vibrátil. É ele que não se pode perder, é ele quem queremos em sua força, é dele que queremos falar. Para Rolnik, no texto citado acima, há duas formas de apreensão do mundo: conhecê-lo como forma e como campo de forças. Conhecer como forma convoca a percepção efetivada pelos órgãos de sentido; já conhecer como força “convoca a sensação por ondas nervosas, e as forças do mundo que o afetam” (2004, p. 232). E é este corpo que é o corpo vibrátil. Conectar-se ao mundo por suas formas, por meio das representações torna-se possível habitá-lo de forma a não favorecer a processualidade da vida.

A vida que se dá em uma forma, é imóvel, inflexível, dura aos afetos que se passam. Vida adaptada, vida prescrita, vida nua, vida besta.⁹⁰

A apreensão da vida como campo de força que nos coloca de frente e no corpo vibrátil é engendrada por sensações que se operam como uma presença viva com o outro, com o mundo. Deixar e permitir emergir sensações, arrepios que pulsam sobre a pele que conduzem vertigens e que se atualizam num corpo que é vivo. Esta é a experiência subjetiva que se aposta na clínica enquanto lugar de criação, enquanto campo de força que favorece a processualidade da vida e a sua potência de diferenciação.

Estejamos atentas as capturas que o capital pode fazer com as forças de criação. Uma vez que criar, inovar, reinventar são lugares colocados como geradores de reconhecimento no mercado de trabalho, operando na lógica capitalística a fim de seduzir profissionais para extração de força de trabalho e que quando operados dissociados das sensações que a força de criação convoca são motivos de produzir desativação do corpo vibrátil, produzindo corpos em coma. Para responder a esse estado, há que se mobilizar nas subjetividades a potencia de criação e a de resistência. Uma não pode estar dissociada da outra, pois para acesso ao corpo vibrátil faz-se necessário inventar formas de vida pelas quais há possibilidades de fluidez, formas que se afirmem e que se consistam numa emancipação das mutações e das paralizações que se operam nas sensações, obstruindo-as.

Neste caminhar, com estas leituras, com estas mulheres, com estes corpos, me vejo diante de questionamentos, incômodos. As leituras que me atravessaram sobre mulheres trazem uma certa mulher: branca, de uma certa classe social. Fico com este incômodo. Ele é um mal estar que precisa ser acolhido, precisa de uma atenção.

⁹⁰Texto vida nua vida besta uma vida, Peter Pelbart consultado em <https://we.riseup.net/assets/57229/Vida%20Nua,%20Vida%20Besta,%20Uma%20Vida%20%28P.P.pdf> às 18:32h do dia 26/11/2018.

Chega o momento no mestrado em que preciso cumprir a disciplina em docência. Junto a duas colegas nos propomos a falar de corpo, feminino, clínica. Começo a corpar melhor os incômodos. Os textos lidos trazem um modelo hegemônico de ser mulher. Um modelo atravessado pelo patriarcado, pela hegemonia do homem branco, europeu. Por uma colonização que deixa em nós marcas.

Esta disciplina produziu deslocamentos e inquietações. E agora pude produzir leituras com isto que me apareceu. Neste momento seguimos por alguns caminhos depois de trilhar as narrativas, voltamos a elas, repensamos: estamos imersas num modo de produção de subjetividade que se dá pelo patriarcado. Isto nos cala. Faz-nos operar num certo modo de ser mulher. Aqui se compõem linhas duras, produz subjetividades embotadas. E como emergir o devir mulher na clínica?

Os textos lidos na psi são feitos por quem? De onde? Para quem? Estamos apostando em uma psicologia, em uma escuta clínica que se desdobra pelo machismo, patriarcado, racismo? Estamos oferecendo uma clínica branquizada?⁹¹ Apostando em um acolhimento que se dá pela triangulação papai, mamãe e filho?

Sabendo que estamos num estado que lidera ranking de mortes de mulheres⁹² e, sobretudo, mulheres pretas, transexuais, travestis, como estamos exercendo nossa função psi se não nos atentarmos para o que nos atravessa enquanto constituição história, política e econômica?

Nas aulas alguns alunos negros se expõem:

“ao falamos neste curso, ao nos posicionarmos e enfrentarmos as questões raciais, os brancos se calam, não

⁹¹Termo inventado pela autora da dissertação em meio a optativa ofertada para créditos em docência.

⁹²Referência encontrada em <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/es-tem-a-maior-taxa-de-feminicidios-do-sudeste-e-a-3-maior-do-pais.ghtml> acessado às 19:01h no dia 26/11/2018.

se posicionam, ou os alunos brancos começam a chorar. Mas nós negros não podemos chorar, temos que ser fortes, não podemos falar alto, ser agressivo, aumentar o tom de voz” (estudante matriculado na optativa).

“Fizemos estágio em uma unidade de saúde e todos os pacientes atendidos pela psicóloga eram negros. Ao final do estágio perguntei a ela se ela tinha observado isto e ela disse que não. E que tratava todos igualmente.” (estudante matriculado na optativa)

Se afirmarmos que há uma psicologia que se isenta destas discussões, estamos dizendo que as questões raciais competem aos negros, eles é quem precisam se afirmar e sair deste lugar. Ao branco cabe apenas não ser racista. Dualizamos a vida, apartheid racial da psicologia, e se assim o fizermos podemos ou facilmente cairemos na lógica de uma meritocracia capaz de afirmar que cabe ao negro sair ou não do lugar de oprimido, caímos na armadilha de uma psicologia da vitória como nos fala bell hooks em seu texto sobre saúde mental.⁹³ A autora enfatiza que vivemos numa sociedade patriarcal de supremacia branca, aos brancos sim estão os privilégios e se não entendermos isto como um lugar que oprime e violenta o negro, continuaremos a perpetuar e manter este discurso hegemônico. Ela discorre que este lugar de dominação racista produz sofrimentos, adoecimento psíquico, embotamento. Corpos em coma como nos diz Suely Rolnik. Neste texto, a autora traz os processos depressivos, de pânico e a síndrome de burnout como sintomas de um mal-estar social, gerados pela lógica produtivista, capitalista, em produções em série. Urge incluir então os processos racistas, misóginos ao qual estamos envoltos como produção de adoecimento psíquico.

As narrativas foram o processo de captar vozes, corpos, comportamentos. Em narrativas fui me sensibilizando ao processo formativo dos corpos de mulheres hoje. Compor este trabalho com vivências, começar pelo meio me fez chegar mais inteira nas teorias que me afirmo. Com textos de histórias espalhados pela mesa, decompô-los e habitá-los sobre o que se ouve, vê, sente e escreve, foi

⁹³Texto visualizado em <https://traduzidas.wordpress.com/2017/10/19/76/>, visitado dia 16/05/18 às 15:42h.

possível acessar um canal que não é um “si”, isolado. Há aqui atravessamentos da cultura e do sistema econômico incidindo sobre nosso modo de operar a vida.

Fez-se um trabalho fino, artesanal, de produção do atual, da diferença. A escrita com narrativas trouxe isto. Um cuidado, uma exposição de vidas, de se arriscar pelos registros clínicos, que fez um passear pelas palavras soltas, enganadas, arriscadas. Há aqui uma cartografia dos corpos. E este trabalho é de de-composição. Compor com uma clínica, com corpos, também para produzir resistência, diferenciação, manejamentos em suas expressões singulares, contra o achatamento das diferenças.

UM MODO DE SE FAZER – DIÁLOGOS DISPERSOS DE UMA ORIENTAÇÃO

O processo de mestrado me tornou infinita dentro da minha finitude. Como me ampliei, como cresci e me expandi. Tudo isto vivido com intensidades. Dias truncados, palavras presas, dias de apertos, contrações. Ninguém se expande sem passar por contrações, infartos de alma. Não há escrita que não passe pelo processo de soltura do que estava guardado.

E tudo aconteceu como tinha que ser. Pensar em como estamos produzindo uma pesquisa se faz necessário. C.O.M.O? Provocação que tem me acompanhado.

Como foi feita esta pesquisa? Com a Ana Paula (orientadora) dizendo:

– *Escreve, qualquer coisa, mas escreve.*

*

– *Lê Clarice, faz a clínica com Clarice.*

*

– Ana, vamos para a banca só com narrativas?

– Dani, se a banca não aprovar a gente muda de banca!

*

– Veja se você faz uma narrativa falando de mulheres lésbicas e o uso de preservativos.

*

– Como a gente faz pesquisa? Falando de como organizamos a vida: trabalho, casa, maridos, filhos, emprego, namoradas, namorados.

*

– Ana, eu preciso escrever sobre as minúcias que ocorrem na clínica. Por exemplo, uma paciente me liga para saber se demite ou não uma funcionária.

Ana responde:

– leia o livro: Ouço vozes da Liliane Oraggio.⁹⁴ Ah, a clínica não é aconselhamento, hein?

⁹⁴O livro traz capturas de falas do trabalho da autora em acompanhamento terapêutico com usuários da saúde mental, e também como trauseunte do espaço público.

Como se faz mestrado? Como se escreve?

Só há cooperação, só há compartilhar, quando se foi cuidado. Aqui faço referência novamente ao livro de Stanley Keleman *Amor e seus vínculos*, 1996. Nele. O autor propõe 4 estágios para chegarmos ao processo de cooperar. O primeiro é o ajudar, importar, compartilhar e cooperar.

Cuidamos umas das outras no grupo de orientação, produzimos vínculos de confiança, para assim partilharmos nossas escritas. Expomos-nos. Produzimos um grupo afetivo. Sentadas no chão, ou em mesas redondas, nos ouvíamos, devolvíamos intervenções, produzíamos espaços formativos.

Constróem-se mestrados assim. E assim:

- Temos que sustentar que ainda não temos metodologia. S.U.S.T.E.N.T.A.R. Palavra outra que também me acompanha.
- E o que é sustentar?
- É o grounding. É enraizar pernas. Lidar com o imprevisível, o incerto, o não saber. Sustentar a desestabilização que a vida nos impõe, vez ou outra. Firmar pernas. Fortalecer músculos.

Falamos de ser mulher, tornar-se mulher. Falamos de um certo feminino que está aí pronto para nos enquadrar em moldes. Falamos de saídas, ou melhor em entradas: deixar filhos com o pai, que é pai só quando convém. Assumir que ser mãe é também poder ficar sem filhos. Assumimos a bissexualidade, a transexualidade, a homossexualidade. Assumir casar e separar. Gritar e se impor. Bater na mesa e dizer não.

Falamos de crises. Crises no feminino. Crise na loucura. Como é ser uma mulher louca? Como é ser um homem louco? Falamos dos homens que falam por nós. Daqueles que nos calam. Falamos da academia rodeada por homens, brancos, europeus. Trazemos para este trabalho mulheres, brancas, negras, lésbicas, cis, trans, loucas.

A DESPEDIDA E SUAS INQUIETAÇÕES

Sabe, eu estava lendo uma crônica de Clarice Lispector, *A língua do P*. A história de Cidinha, uma mulher vestida de “santa”, num trem com destino ao Rio de Janeiro. Dois homens sobem ao trem, Cidinha começa a sentir-se incomodada com os olhares deles para ela. Eles começaram a falar com a língua do P, da qual a moça era familiarizada em sua infância. Cidinha, aproxima-se para ouvir, escutando a conversa. Ouviu que iriam estuprá-la. Pede socorro a virgem Maria. De repente o pensamento lhe salta: vou fingir ser prostituta. “Se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda.” Dança, abre a roupa e tenta seduzi-los. O bilheteiro a vê, logo se assusta, se espanta. Avisa ao maquinista que a expulsa na próxima estação, pois não é “mulher decente”. Foi levada ao xadrez pela polícia. Outra moça sobe no vagão olhando com desprezo para Cidinha. Cidinha recebe dupla prisão, três dias na cadeia e eternamente com um destino: ser mulher.

Vejamos esta história. Ele nos traz o machismo, a violência contra a mulher. Os dois andam juntos. Machismos e violências. Este conto me remeteu a outros. Fez desenrolar este trabalho com outros encontros que esbarravam em mim, também na clínica, no ônibus, em amplos espaços. Um corpo atento ouvia histórias. Constituíram-se narrativas outras. Capturava experiências. Larossa Bondia (2002) nos aponta o conceito de experiência. A experiência para o autor é aquilo que nos passa, o que nos acontece. Muitas coisas se passam, estamos tomados por informações, mas pobres de experiências. Queremos estar informados, sabedores de coisas, de notícias. Mas a informação segue uma via diferente. A experiência se dá pelo que nos toca, não pelo que nos faz cheios de conteúdos. A experiência não se dá por agregações de saberes, a experiência não ocorre pelo processamento de informações: input, output. O periodismo está em alta, informar para opinar. Para se dizer a favor ou contra é preciso informação. A informação aparece como conteúdista. É preciso se encher dela para dizer que aprendeu. Além disto, a informação tem corrido depressa. Chega, entra, se esvai. Volta outra, corre, sai. Fugaz e efêmera. Somos estimulados, excitados constantemente, consumidores assíduos de informações. Velozes, agitados, chocados. E a experiência onde fica? Fica em

baixa. Para experienciar é preciso silêncio, memória, assentamento. Permitir que algo nos aconteça, ficar nisto. Sentir. A velocidade é contrária a experiência. E o que nos acontece? Podemos parar para elaborar o que nos passa? Hiperativos, superestimulados e não podemos parar.

um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDIA, 2002, p. 24).

A experiência se dá nesta pausa, num ato de receber e de acolher. É preciso um sujeito da experiência que tem espaço para os acontecimentos, disponibilidade, abertura. A experiência nos convoca a uma ex-posição. Uma posição fora, diferente de uma im-posição, o-posição, pro-posição. Somos colocados ao fora, ao mundo, nos dispomos aos riscos, vulnerabilidades. Assim nos permitimos sermos tocados, ameaçados, fragilizados, afetados.

Narrar histórias, tecê-las, trazer a escrita como política da existência como um modo de experimentação, como um modo de colocar a vida como movimento, como com-posições.

Este trabalho se deu com arre-pios. Não se faz sem pele. É feito com poemas-vidas. Foram experiências de existências que aos poucos me suscitaram perguntas que foram me acompanhando nesses anos e ao longo da composição deste trabalho, tais como: como estamos produzindo subjetividades mulheres? Como compor práticas de cuidado na contramão dos enrijecimentos cotidianos? O que pode ser feito para proporcionar que corpos sujeitados se relacionem de forma a se transformarem em corpos livres? Como potencializar as ações, paixões e possibilidades desses corpos? Como o desejo, o corpo, os sonhos são capturados ou como são passíveis de fuga? Como estamos nos produzindo?

Inquietações, murmurinhos. Não se termina este trabalho.

Ele é desassossegado.

Pego meus livros, revejo meus diários. As questões de como se produzir uma vida como obra de arte aparecem. Sempre apareceram para esta que vos escreve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010a.

BARROS, Regina. Grupos: a afirmação de um simulacro. Tese de doutorado. PUC. São Paulo, 1994.

BARROS, Gustavo, Almeida.; Munari, Ricardo, Silvio.; Abramowicz, Anete. Educação, Cultura e Subjetividade: Deleuze e a Diferença. Revista Eletrônica de Educação, v.11, n.1, p.108-124, jan./maio, 2017.

BAPTISTA, Luis, Antônio. A Cidade dos Sábios São Paulo: Summus, 1999.

_____. A fábula do garoto que quanto mais falava mais sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder. Psicologia e educação: novos caminhos para a formação. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber. Rev. Bras. Educ. [online]. n.19 [cited 2019-03-18], pp.20-28, 2002.

BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. Ilustrações de Ziraldo. – 27. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

CARVALHO, Marília Pinto. Quem são os meninos que fracassam na escola? Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004 11

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. A Imanência: uma vida. Publicado originalmente em Philosophie, n.º 47, p. 3-7, 1995.

_____. Diferença e repetição. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Editora 34. 2004.

_____ Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DOVE, Nah Mulherisma Africana, uma teoria afrocêntrica. JORNAL DE ESTUDOS NEGROS, Vol. 28, Nº 5, Maio de 1998.

FAVRE, Regina. Um corpo na multidão: do molecular ao vivido Interface Comunicação e saúde.v.1, n.37, p.621-8, abr/jun. 2011. Acessado em <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2017/10/corpos-na-multidao-medusas-nos-mares-bombas-pulsateis-uma-incursao-no-campo-corporalista/> 02/10/18 às 9:41h.

FONSECA, Tania, Mara Galli; KIRST, Patrícia, Gomes. O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica In: Corpo, Arte, Clínica. FONSECA, Tânia, Galli; ENGELMAN, Selda. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michael. Em defesa da sociedade: Curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Dits et Écrits II – 1976-1988. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

_____. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. A hermenêutica do sujeito. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980 (tradução, transcrição e notas Nildo Avelino). São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso*. In: *Ditos e Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. MOTTA, M. B. (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d. *Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso*. In: *Ditos e Escritos IX: Genealogia da ética,*

subjetividade e sexualidade. MOTTA, M. B. (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

_____. História da sexualidade. Vol. I: A vontade de saber. 2. Ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, 1974.

GAIARSA, José, Angelo. O olho do Caçador. Disponível em: <http://classico.velhosamigos.com.br/Autores/Gaiarsa/gaiarsa23.html> consultado em [22/03/18](#) às 11:07h.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7 ed. rev. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

HOOKS, Bell. Killing rage: ending racism. Nova Iorque: An Owl Book, p. 133-145, 1995. Texto visualizado em <https://traduzidas.wordpress.com/2017/10/19/76/>, visitado dia 16/05/18 às 15:42h.

KELEMAN, Stanley. Anatomia Emocional. São Paulo: Summus, 1992.

_____. Padrões de Distresse. Agressões emocionais a forma humana. São Paulo: Summus, 1992.

_____. corporificando a experiencia: construindo uma vida pessoal. São Paulo: Summus, 1995.

_____. O corpo diz sua mente. São Paulo: Summus, 1996.

_____. Amor e vinculos. Uma visão somático-emocional. São Paulo: Summus, 1996.

_____. Metodologia e Prática da Psicologia Formativa. Caderno de Psicologia Formativa, Volume I, 1ª Edição, Rio de Janeiro: Centro de Psicologia Formativa no Brasil, 2007.

LARROSA, Jorge, Bondia. Notas sobre a experiência e o saber, n. 19, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. *A Hora da Estrela*. 23a . edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

_____. *A descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LOURAU, Rene. *Análise institucional*. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. *Implicação-Transdução*. In S. Altoe (Org), Rene Lourau: analista institucional em tempo integral (pp. 212 – 223). São Paulo: Hucitec, 2004a.

MOREIRA, Sara. *Corpos que transbordam em palavras e foto(grafias)*. Dissertação defendida em Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

MOSE, Viviane. *Pensamento chão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Gaia ciência. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NOVAES, Joana, Vilhena. *O Intolerável Peso da Feiura – Sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

ORAGGIO, Liliane. *Ouçó Vozes: escuta, registro de diálogos e epifanias no acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Colmeia Edições, 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade – Porto Alegre: Sulina, 2015.*

PASSOS, Eduardo.;BARROS, Regina, Benevides. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, V. 16 (1), p. 71-79, 2000.

_____. Diário de bordo de uma pesquisa intervenção. In: *Pistas do método da cartografia*, Porto Alegre, sulina, 2010

_____. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* – Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* – Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELBART, P. *Vida Capital: Ensaios de biopolítica*. São Paulo: ILUMINURAS. *Vida nua vida besta uma vida*, 2003.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo.: *Corporificação e afetabilidade*. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013.

PLATÃO. *A república*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

PRADO, Adelia. *Bagagem*. São Paulo: Siciliano, 1993.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade. Sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS. 2010.

ROLNIK, Suely. *Mal estar na Diferença*. Publicado na França, in *Chimères* no 25. Association Chimères, Paris, outono 1995. Versão ligeiramente modificada do ensaio publicado no *Anuário Brasileiro de Psicanálise*. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995 e, na Argentina, in *Zona Erógena, Revista abierta de Psicoanalysis y Pensamiento Contemporaneo*, no 24. Buenos Aires, inverno 1995.

_____. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: Corpo, Arte, Clínica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROSE, Nikolas. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

INSPIRAÇÕES

Tese da Rosane Preciosa

Dissertação da Priscila Vescovi

Obras da Clarice Lispector

Os guardiães da ordem de Cecília Coimbra

Cartografias do Desejo de Suely Rolnik e Felix Guattari

Cartografia sentimental de Suely Rolnik

História da Vida Privada no Brasil

Microfísica do Poder de Michael Foucault

Livros de Stanley Keleman